JORNALISMO & JORNALISTAS
JJ é uma edição do Clube de Jornalistas >> n.º 61 Out/Dez 2015 >> 2,50 Euros

Cerimónia de entrega dos Prémios Gazeta

Caixa Geral de Depositos

TEMA

80 anos da Rádio em Portugal

TEXTOS DE ROGÉRIO SANTOS, LUÍS BONIXE, ELSA COSTA E SILVA, MADALENA OLIVEIRA, ANA ISABEL REIS, MARIA JOSÉ BRITES, ANA JORGE
ENTREVISTA COM PAULA CORDEIRO MÁRIO RUI CARDOSO

CREATIVE LUST/JOÃO PEDRO MOTA

Jóias da Polónia

Semana Santa

RNAVT 2281

VOO DIRECTO DESDE LISBOA
A 23 DE MARÇO
PENSÃO COMPLETA
Conforme itinerário

Preço por pessoa em duplo

desde **899€**

Taxas incluídas

Varsóvia **Auschwitz** **Cracóvia** **Lowicz**

Inclui:
*Preço por pessoa em quarto duplo; Avião especial directo desde Lisboa; Estadia de 5 noites em Pensão Completa conforme itinerário (consulte-nos); Estadia de 3 noites no Hotel Sheraton 5***** e de 2 noites em Cracóvia no Hotel Hilton Garden Inn 4****.*

Não Inclui;
Despesas de reserva (30€ por processo); Seguro de viagem e cancelamento - consulte-nos. Qualquer outro serviço não mencionado no "Inclui" ou no itinerário.

HALCON VIAGENS

Halcon.pt **707 200 201**

N.º 61 OUTUBRO/DEZEMBRO 2015

Director Mário Zambujal

Direcção Editorial Eugénio Alves
Fernando Correia

Conselho Editorial Fernando Cascais
Francisco Mangas
José Carlos de Vasconcelos
Manuel Pinto
Mário Mesquita

Grafismo José Souto

Secretária de Redacção Palmira Oliveira

Colaboram neste número

Ana Isabel Reis	UN. PORTO
Ana Jorge	UN. NOVA; CIMJ
Carina Martinho Coelho	AL. DA E.S.E. PORTALEGRE
César Príncipe	JORNALISTA
Elsa Costa e Silva	UN MINHO
Luís Bonixe	E.S E. PORTALEGRE; CIMJ
João Pedro Mota	CREATIVE LUST
Madalena Oliveira	UN. MINHO
Maria José Brites	U.L.H.T. PORTO; CIMJ
Mário Rui Cardoso	RTP
Rogério Santos	UN. CAT. LISBOA

Propriedade CLUBE DE JORNALISTAS
A produção desta revista só se tornou possível devido aos seguintes apoios:
- Caixa Geral de Depósitos
- Casa da Imprensa
- Lisgráfica
- Fundação Inatel
- Vodafone

Tratamento de imagem Alves & Albuquerque
Campo Raso, 2710-139 Sintra

Impressão Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SA
Casal Sta. Leopoldina,
2745 QUELUZ DE BAIXO

Dep. Legal: 146320/00
ISSN: 0874 7741
Preço: 2,49 Euros

Tiragem deste número 2.000 ex.

Redacção, Distribuição, Venda e Assinaturas Clube de Jornalistas
R. das Trinas, 127
1200 Lisboa
Telef. - 213965774
Fax- 213965752
e-mail:
cj@clubedejornalistas.pt

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS
DO CLUBE DE JORNALISTAS
E AOS ASSOCIADOS DA CASA DA IMPRENSA
PERIODICIDADE TRIMESTRAL

Site do CJ
www.clubedejornalistas.pt

SUMÁRIO

6 PRÉMIOS GAZETA 2014
Cerimónia da entrega dos prémios aos jornalistas da Antena 1, Lusa, *Público*, Renascença, SIC e Observador

13 TEMA
80 ANOS DA RÁDIO
Aos 80 anos, novos desafios
A passagem dos 80 anos da rádio em Portugal – as primeiras emissões da Emissora Nacional foram em 1935, antecedidas no ano anterior pelas do Rádio Clube Português e seguidas em 1936 pelas da Rádio Renascença – é um bom pretexto para reflectir sobre alguns aspectos da sua história recente e dos novos desafios que actualmente enfrenta.

14 Noticiários e informação na Emissora Nacional (1969-1975)
Por Rogério Santos

28 Rádios locais em Portugal entre a proximidade e as regras do mercado
Por Luís Bonixe

34 Rádio: entre a concentração e o "localismo"
Por Elsa Costa e Silva

40 A rádio numa sociedade dura de ouvido
Por Madalena Oliveira

44 O lugar do som nos sites das rádios
Por Ana Isabel Reis

48 Projeto RadioActive
Aprender a fazer rádio aprender para a vida
Por Maria José Brites e Ana Jorge

54 ENTREVISTA
Paula Cordeiro, Provedora do Ouvinte RTP
"O serviço público de rádio precisa de um estudo qualitativo"
Por Mário Rui Cardoso

60 Sites **Por Mário Rui Cardoso**

64 CASA DA IMPRENSA
Um espaço para procurar soluções para a crise

66 CRÓNICA
Por César Príncipe

Assine a JJ

JJ – *Jornalismo e Jornalistas*
A única revista portuguesa editada por jornalistas exclusivamente dedicada ao jornalismo

Indispensável para estudantes, professores, investigadores e todos os que se interessam pelo jornalismo em Portugal e no mundo

Pretende ter um acesso fácil e seguro à JJ?

Assine a nossa revista, recebendo em sua casa, regularmente, os quatro números que editamos por ano, num total de 256 páginas, por apenas 10 euros, bastando enviar-nos os elementos constantes do cupão junto

Dossiês ● análises ● entrevistas ● notícias ● recensões ● crónicas ● comentários ● memórias
Imprensa ● Rádio ● Televisão ● Jornalismo digital ● Fotojornalismo ● Cartoon

Ao longo de mais de quinze anos, a JJ tem-se afirmado, quer nas salas de redacção quer nas universidades, como uma ferramenta fundamental para todos os que pretendem estar informados sobre a reflexão e o debate que, no país e no estrangeiro, se vão fazendo sobre o jornalismo e os jornalistas.

JORNALISMO & JORNALISTAS

Assinatura anual > 4 números: > 10 Euros

(INCLUI PORTES DE CORREIO)

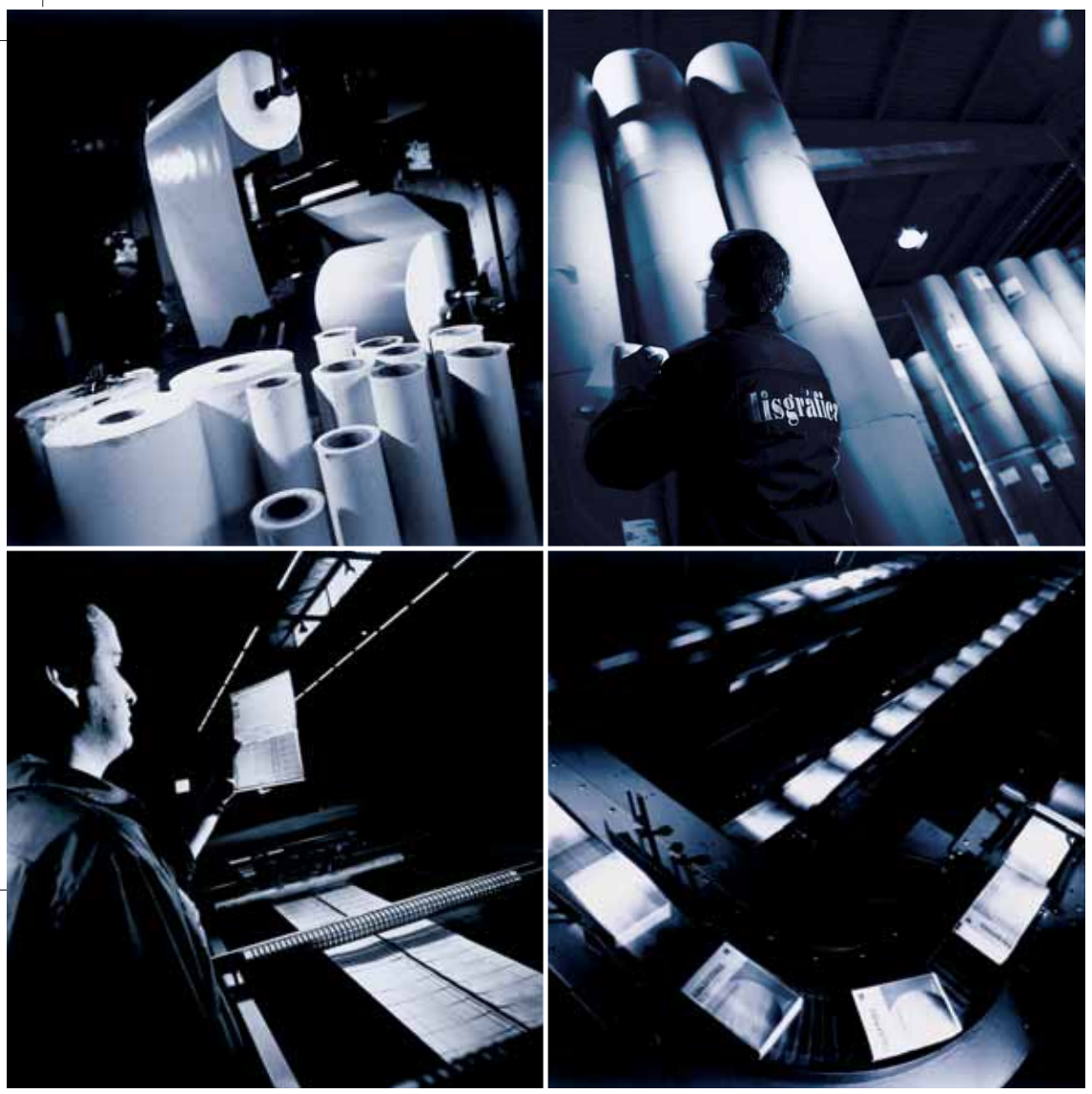
Nome.....
Número de Contribuinte.....
Morada.....
Código postal.....Localidade.....
Contactos...../.....
Profissão (fac.).....Idade (fac.).....
Desejo assinar a **JJ** com início no nº .....
Para o respectivo pagamento envio cheque nº.....
Banco.....
Data..... Assinatura.....

Clube de Jornalistas - R. das Trinas, 127 r/c - 1200 857 Lisboa

Uma edição do
Clube de Jornalistas

Rua das Trinas, 127 r/c 1200 857
Lisboa
Telef. 213965774
e-mail: cj@clubedejornalistas.pt

Site do CJ
www.clubedejornalistas.pt



A Lisgráfica imprime mais de 15 milhões de exemplares por semana de revistas, jornais, listas telefónicas e boletins.

A Lisgráfica é a maior indústria gráfica da Península Ibérica. Apenas na área de publicações, é responsável pela impressão de mais de 100 títulos diferentes. O que significa dizer que todos os dias a maioria dos portugueses tem contacto com os nossos produtos.

lisgráfica

Cerimónia de entrega dos **Prémios Gazeta 2014**

O Salão Nobre da Caixa Geral de Depósitos foi mais uma vez o palco da cerimónia de entrega dos Prémios Gazeta de Jornalismo, que constituiu uma significativa oportunidade de convívio e de celebração do jornalismo de qualidade, a que presidiu o ministro da Cultura, João Soares, com a presença dos presidentes do Clube, Mário Zambujal, e da CGD, José de Matos.

Na abertura da sessão, **Mário Zambujal**, depois de agradecer a presença de João Soares e sublinhar ser "um prazer e uma honra" tê-lo a presidir à cerimónia, dirigiu-se ao presidente e outros administradores e funcionários da Caixa que colaboraram na organização da cerimónia: "Bem sabem que o apoio desta grande instituição para tornar possível a continuidade dos Prémios Gazeta excede a dimensão de uma entidade particular. Abrange toda uma classe profissional de importância fundamental para o País, para Democracia. É em nome do jornalismo que nós dizemos obrigada." Agradeceu igualmente a presença de Pedro Santana Lopes, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, assim como de Fernando Ribeiro Mendes, presidente da fundação Inatel, e Alberto Laplaine Guimarães_, Secretário Geral da Câmara Municipal de Lisboa, também em representação do presidente da edilidade.

Mais adiante, e dirigindo-se aos "premiadas e premiados, rainhas e reis desta noite

em que recebem os prémios mais prestigiados e prestigiantes do jornalismo português", Mário Zambujal fez questão de salientar que "se hoje é dia de festa, essa não é razão suficiente para esquecer os problemas em que se debate o jornalismo português - o lado amargo", lembrando as "ondas de despedimentos", a "desvalorização do trabalho dos jornalistas", os "salários mesquinhos" e o "trabalho precário". "Encolhemos e enfraquecemos quando a necessidade de boa Informação cresce para defesa da cidadania e da democracia".

E a terminar: "Talvez – ou talvez não – eu devesse aproveitar o púlpito para me alongar acerca do especial encantamento da profissão. Mas seria um exagero de tempo. Nem fazia sentido. O que tem sentido reúne-se, afinal, em meia dúzia de palavras: Parabéns a todos e força para continuarem nessa boa caminhada.".

José de Matos transmitiu "o enorme prazer que temos na Caixa Geral de Depósitos em patrocinar estes prémios e este evento. É a nossa homenagem aos jornais e aos jornalistas e nós sabemos que a vida não está fácil para os jornais ou para os órgãos de comunicação em geral." E continuou: "Tal como não está para os bancos. E por vezes, para a relação entre os bancos e os jornais. Nós temos visto, mais recentemente, algumas dificuldades nesta matéria. Eu gostava de aproveitar esta oportunidade e, desculpem se eu faço isso pela primeira vez nestes quatro anos que aqui estou, para vos

O presidente do Clube de Jornalistas, Mário Zambujal, o presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos, José de Matos, o Ministro da Cultura, João Soares e o Provedor da SCML, Pedro Santana Lopes, juntaram-se aos premiados para a fotografia de conjunto

dizer que o sistema bancário é particularmente vulnerável a visões simplistas, às vezes visões ignorantes e, às vezes visões populistas."

Sublinhou João de Matos: "O sistema bancário e os bancos, eu falo pela Caixa, mas o conjunto dos bancos, é extraordinariamente importante na vida moderna, na vida deste país e, portanto, se as críticas são bem-vindas e necessárias por vezes, é importante que, de qualquer maneira, se respeite e se perceba a importância, como nós tivemos a oportunidade de ver há uns meses, de um sistema bancário a funcionar num país civilizado e moderno."

A terminar, felicitou os premiados e agradeceu "o trabalho de todos os que estão nos jornais, nas televisões, nas rádios, a trabalhar para nos dar informação, e agradecer-vos, mais uma vez, o privilégio que é a Caixa, neste seu Salão Nobre, ser o sítio onde se encontram os jornalistas e nos deixam a nós partilhar um pouco da vossa intimidade."

Discursando no encerramento da sessão, **João Soares**, depois de agradecer o convite para presidir à cerimónia, começou por exprimir a sua posição, e também do Governo, "de profundo respeito pelos jornalistas e de profundíssimo respeito pelos jornalistas da nossa terra", assegurando, em relação a alguns processos de despedimentos anteriormente citados nas intervenções de jornalistas premiados, que "o governo está solidário com eles até ao limite daquilo que são as suas possibilidades, e fará tudo o que estiver ao seu alcance para que coisas destas se não voltem a repetir".

Recordando a sua passagem pelo movimento estudantil e a geração dos anos 60, evocou "muitos desses meus amigos e meus contemporâneos que deram o melhor de si próprios à causa do jornalismo, praticando-o nesse tempo, e mais tarde como profissionais." E lembrou esse jornalismo de resistência no antes do 25 de Abril protagonizado, nomeadamente, pelo *Jornal do Fundão*, *Comércio do Funchal* e *Notícias da Amadora*, "luzes que nos iluminaram durante o período da ditadura", assim como a oportunidade que teve de acompanhar o percurso do *República*, em cujo Suplemento Juvenil publicou os seus primeiros artigos.

João Soares terminou afiançando que "no quadro de responsabilidades que me foram atribuídas pelo senhor Primeiro Ministro António Costa e, nomeadamente no que tem que ver com a RTP e com a Lusa, a cujos profissionais presto aqui a minha homenagem, assim como aos responsáveis da gestão, nós tudo faremos para continuar a manter o nível de dignidade dos melhores tempos e dos melhores intérpretes do jornalismo português."

PREMIADOS REFEREM A SITUAÇÃO DOS JORNALISTAS

Nas intervenções dos premiados, e para além das manifestações de agradecimento e satisfação, houve oportunidade para várias referências

O presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos, José de Matos, no uso da palavra

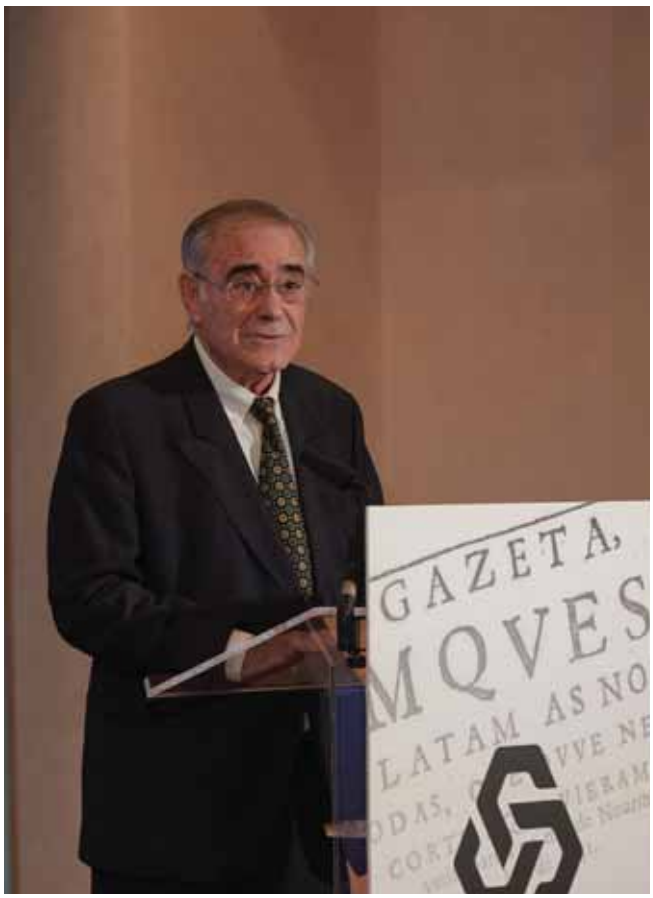
à actual situação dos jornalistas, das quais, por todas, destacamos extractos de duas.

Fábio Monteiro: "Os manuais de jornalismo já não servem para nada, empacotem a deontologia. Nasceu uma novilíngua noticiosa em Portugal. É preciso desenrascar, é preciso fazer o que se pode. (…) A precariedade assusta, mete medo. O desemprego ganha contornos de fobia. Estarei a ser dramático? Vim hoje aqui receber um prémio, que muito agradeço, cujo último vencedor que conseguiu ficar a trabalhar a tempo inteiro, em Portugal, foi o de 2008. (…) É por isso que muitos fazem cedências, que passam a encarar os seus postos de trabalho como um privilégio, em vez de um direito. Principalmente os jovens, como eu. A utopia do grande jornalismo foi deixada para os idealistas, cuja sanidade mental é sempre posta em causa, por aqueles que se adaptam. É imperativo ter a coragem de dizer não. Essa é a minha única esperança. Porque há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não. Os que resistem, os que dizem não, os que estão aqui presentes, esses são os jornalistas."

Fernando Paulouro: "Neste instante de emoção funda, devo evocar, sem os citar para não cometer injustiças, como ensina Borges, os camaradas com quem fiz corpo na aprendizagem de um ofício que foi sempre de uma grande exigência no combate de privilegiar o valor fundamental da liberdade de expressão, antes e depois do 25 de Abril. É com eles, pois, que devo repartir humildemente este Prémio e deixar aqui apenas inscrito o nome de António Paulouro no combate de uma vida inteira por um jornal. (...) Tempos difíceis (também nas Redacções) de um quotidiano triste e cinzento, onde a liberdade é equação cada vez mais difícil de resolver. (...) Daí as palavras e o seu combate. À imprensa e à informação, como pão essencial da liberdade, cabe parte inteira desse combate. na selva difícil em que campeões de negócios tomam conta do universo da comunicação social, em que analfabetos irrecuperáveis dizem que a cultura "não interessa ao negócio" e capatazes do cifrão vivem na glória dos despedimentos. Tudo isto se resume num combate que converge numa palavra: Liberdade. E, ligado a ela, uma outra: esperança."

Recorde-se que os premiados foram: Gazeta de Imprensa - Manuel Carvalho e Manuel Roberto (*Público);* Gazeta de Rádio – Mário Galego (Antena Um); Gazeta de Televisão - Pedro Coelho (SIC); Gazeta de Fotografia- António Cotrim (Lusa); Gazeta Multimédia – Catarina Santos (Rádio Renascença); Gazeta Revelação - Fábio Monteiro (Observador) ; Gazeta Imprensa Regional – *Soberania do Povo* (Águeda); Gazeta de Mérito – Fernando Paulouro Neves.

Ministro da Cultura, João Soares



Mário Zambujal

Fernando Paulouro Neves, Gazeta de Mérito

Catarina Santos, Gazeta Multimédia

Mário Galego, Gazeta de Rádio

Gazeta Imprensa Regional. Em baixo, Manuel Carvalho e Manuel Roberto (à esquerda), Gazeta de Imprensa

António Cotrim, Gazeta de Fotografia

Fábio Monteiro , Gazeta Revelação. Em baixo, Pedro Coelho, Gazeta de Televisão

Uma empresa do grupo

alves & albuquerque
ARTES GRÁFICAS

Todo o tipo de soluções gráficas

Design Gráfico • Arte Final • Pré-Impressão
Impressão Digital • Impressão Offset

Contacte-nos!

Lugar da Charneca de Baixo, Armazém L - 2710-449 RAL Sintra
Tel.: 21 961 34 75/6 • Fax: 21 961 30 71 • E-mail: geral@pre-e-press.com

80 anos da Rádio

Novos tempos, novos desafios

1. A passagem dos 80 anos da rádio em Portugal – as primeiras emissões da Emissora Nacional foram em 1935, antecedidas no ano anterior pelas do Rádio Clube Português e seguidas em 1936 pelas da Rádio Renascença – é um bom pretexto para reflectir sobre alguns aspectos da sua história recente e dos novos desafios que actualmente enfrenta.

Par trás fica um percurso marcado por continuidades e rupturas – das quais a mais significativa foi o 25 de Abril de 1974, no qual a própria rádio, aliás, teve um papel histórico – intimamente ligadas aos sucessivos contextos sociais, sem cuja consideração a análise dos media se revela sempre gravemente debilitada. A esperança aqui fica: esse percurso, geralmente esquecido – nomeadamente o do tempo da ditadura e da censura – em favor da imprensa e da televisão, merece que um dia seja devidamente tratado nestas páginas.

2. Dedicamos esta edição a alguns dos grandes temas que, para além do devido reconhecimento da rádio como meio de informação, conhecimento e entretenimento com particular importância no nosso país, nos obrigam a pensá-la no amplo quadro das relações – e consequentes implicações – com a política, as políticas para o sector, o poder proprietário, as novas tecnologias, o pluralismo, a democracia.

Abordam-se, nomeadamente:

- A passagem, com a Revolução de Abril, de uma rádio tolhida e menorizada, nomeadamente na informação, pela obrigatória sujeição aos ditames e interesses da ditadura, para uma rádio ao serviço das pessoas e do país;

- A nova realidade das rádios locais, plena de potencialidades, mas enredada nas contradições entre a desejada *proximidade útil* às populações e a pressão económica imposta pelo poder do dinheiro e da ideologia dominante, nas suas várias vertentes;

- A redescoberta e valorização da componente sonora num contexto de interactividade, inédito e sem recuo, numa sociedade invadida e em grande parte aprisionada pelo poder da imagem;

- As possibilidades trazidas pela inovadora simbiose entre a rádio e a Internet, abrindo as portas ao enriquecimento e revalorização do *online*;

- A distorção de muito do que é a essência das rádios locais – a ligação às comunidades e regiões – por efeito da crescente dependência das lógicas comerciais;

- As potencialidades do ensino e da prática de produção radiofónica enquanto estímulo à participação, nomeadamente dos mais jovens, num processo dirigido para o seu envolvimento numa intervenção activa na construção da cidadania, a nível comunitário mas não só.

3. Fora deste temário não poderia ficar o Serviço Público, cuja importância (na rádio, como também na televisão e na agência Lusa), claramente expressa no texto constitucional, assenta na sua necessária "independência perante o Governo, a Administração e os demais poderes públicos", assim assegurando "a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião."

Como diz Paula Cordeiro, Provedora do Ouvinte, na entrevista adiante publicada:

"O serviço público não é necessariamente uma garantia de qualidade, mas é uma garantia de que existe representatividade e pluralismo ao nível da comunicação social, e não apenas a defesa de interesses político-partidários e económicos na comunicação social. Porque se olharmos com atenção para os órgãos de comunicação social privados, todos eles têm uma propriedade, e, directa ou indirectamente, essa propriedade acaba por influenciar o tipo de conteúdos que são apresentados." **F.C.**

Noticiários e informação na Emissora Nacional (1969-1975)

O objetivo do texto é traçar linhas de atuação da informação na Emissora Nacional no final do Estado Novo e início do regime democrático. Passou-se de uma época assente em valores noticiosos oficiais, imutáveis e apologéticos das realizações políticas de Salazar, Caetano e Tomás para um período experimental e pleno de contradições, com preocupações diferentes como condições de vida do povo e exaltação de uma sociedade mais justa.

Por **Rogério Santos**

Os noticiários e a informação sempre foram uma pedra de toque da Emissora Nacional. Nas reuniões do Conselho de Planeamento de Programas, estrutura na dependência da direção da rádio - e que analiso em pormenor, a partir de atas escritas entre 1958 e 1971 -, os seus membros davam opiniões e sugestões. No texto, observo dois programas de informação da Emissora Nacional no tempo da ditadura: *A Voz do Ocidente* e *Notas do Dia*, que exemplificam a linha política da estação. Faço ainda uma incursão no estudo da estrutura de informação no período 1974-1975.

O texto resulta de investigação em curso e o autor espera críticas e comentários, de modo a um melhor conhecimento da época. Foi escolhida a Emissora Nacional por ser a rádio oficial do Estado[1], então a mais importante estação do país, embora escreva sobre a vida de outras rádios, num ou noutro momento.

O OLHAR DA EMISSORA SOBRE A INFORMAÇÃO

João Silva Gonçalves, diretor de Programas da Emissora Nacional (1968-1970), traçou uma conceção de noticiários: dimensão nacional, a refletir a consciência nacional, informação completa com relevo para a política, interesses e ecos da vida portuguesa no estrangeiro, informação autêntica, objetiva e sem fontes tendenciosas e promoção, esclarecimento e difusão das realidades económicas[2]. A realidade política fechada do regime não permitia atingir tais desideratos, o que levou Clemente Rogeiro, presidente da direção (1970-1973), a ignorar essa necessidade de livro de estilo de noticiários da rádio. A sua longa experiência no setor da rádio e da comunicação do Estado conduziu-o à discrição. No pós-abril de 1974, traçou-se o perfil dos blocos noticiosos: "Como, além de uma nova linguagem radiofónica, se pretende ainda a formação e a especialização de profissionais, aos realizadores competirá encontrar a forma de trabalho que permita estes objetivos". Nascia uma maneira diferente de fazer os noticiários: ouvir o povo e os principais intervenientes públicos, através de entrevistas, depoimentos gravados e telefonemas para a redação. Internamente, editou-se um texto sobre informação na rádio, com técnicas de elaboração da notícia radiofónica, tendo como público-alvo uma redação rapidamente politizada[3].

No final da década de 1960, a reestruturação dos noticiários e a sua duração foram temas permanentes. Os noticiários de 40 minutos "não eram audíveis, pois afastavam os ouvintes", o que levou Silva Gonçalves a dar instruções para a duração máxima de 30 minutos no *Diário Sonoro*. A equipa dirigente da estação já não acreditava na fórmula de notícias do presidente da República em primeiro lugar, muitas vezes sobre uma simples inauguração de fontanário, com as notícias importantes remetidas para a sequência de importância codificada há muito. Contudo, não havia força ou vontade de alterar. As noções de valor-notícia ou de notícia de última hora não entravam no léxico da estação. Mesmo os RM (registos magnéticos) eram alvos de discussão inútil. Para João Patrício, diretor de informação, os RM deviam reduzir-se em duração e remetidos para o final do noticiário, ao passo que o diretor de Programas temia que se excluíssem assuntos importantes com o corte de RM. Clemente Rogeiro questionou o processo de redação dos noticiários e sua leitura, referindo-se à pronúncia de alguns locutores e falta de ritmo. Ele comparou os noticiários da Emissora Nacional com os da RTP, faltando estrutura aos primeiros, e propôs a criação de comissão para estudar o tema "com plenos poderes", ouvindo noticiários gravados previamente. Não

NUNO MARTINS E ADELINO GOMES dizem adeus ao Tempo-Zip e ao PBX

ADELINO GOMES: Desacordo com a linha de programação

RESCALDO DE SAN REMO amanhã na E. N.

O Programa da Manhã da E. N. apresenta, na sua edição das quintas-feiras, uma série de depoimentos de vedetas de nomeada que actuaram no certame de San Remo. Entre outras falarão Bobby Solo, Iva Zannichi, Sérgio Endrigo, Wilson Pickett e Antoine. A rubrica «Rescaldo do festival de San Remo» será transmitida amanhã às 8 e 25. Além da música, criteriosamente seleccionada com diversas novidades de permeio, haverá «Visto e ouvido» (às 9 e 25 estará em foco o mundo do espectáculo, com saudações dos Aphrodit's Child, France Gall e Os Mutantes) e «Dez para as dez» (pelas 9 e 50 uma entrevista com Jorge Costa Pinto).

Diário Popular, 1969.02.05

Vencem um concurso da Emissora Nacional um inglês, um alemão e uma francesa

De colaboração com o Comissariado de Turismo, o Serviço Internacional da Emissora Nacional promoveu, pela terceira vez, um concurso destinado aos seus ouvintes de língua estrangeira.

Este ano, os oito programas do concurso foram divididos em dois grupos: um de interesse turístico, abrangendo as regiões do Norte do País, Lisboa e arredores, Algarve e Madeira; o outro, dedicado ao artesanato português, salientando os bordados, a filigrana, a cerâmica e os tapetes de Arraiolos. Os concorrentes deveriam escolher um tema de cada grupo e explicar as razões da sua escolha — daí a denominação do título deste concurso: «Jogo de oito — quais são os dois trunfos?».

Os vencedores absolutos deste ano — que chegarão a Lisboa, na próxima sexta-feira, para uma estada de dezassete dias no nosso país, com uma digressão de Norte a Sul de Portugal e uma viagem à Madeira — são F. J. Sanger de Fairwater, contabilista, residente em Cardiff, Grã-Bretanha (ouvinte de língua inglesa); Françoise Guillard, estudante, de Villedieu sur Indre, França (ouvinte de língua francesa), e Henning von Louis of Menar, estudante, de Hamburgo, Alemanha Ocidental (ouvinte de língua alemã).

Entretanto, foram concedidos prémios (artigos de artesanato português) aos segundo e terceiro classificados, em cada um dos grupos de ouvintes.

Rádio Portugal entre as estações mais populares em todo o Mundo

Segundo um inquérito feito em Janeiro, pelo International Short Wave Club, para determinar qual a estação mais popular, na opinião dos ouvintes de ondas curtas, a classificação de Rádio Portugal subiu de décimo primeiro para oitavo lugar. Segundo esse mesmo inquérito, a classificação das

(Continua na pág. seguinte)

MÓNU MENTAL
As 15.15 e 21.30 (Maiores 12 anos)
5.ª SEMANA
70 m/m — No écrans gigante
PLAY TIME

Diário Popular, 1968.04.16

bastava o controlo do que se escrevia, mas também o modo como se dizia.

A designação dos noticiários da estação foi um tema tratado no começo do mandato de João Silva Gonçalves como diretor de Programas. A ideia de Marcelo Caetano mudar nomes às instituições do tempo de Salazar, como União Nacional para Ação Nacional Popular e PIDE para DGS, chegou à Emissora Nacional. Na realidade, foi mera mudança cosmética, pois se mantiveram o tipo e a estrutura de noticiários. Uma alteração foi suprimir o *Jornal de Atualidades* (21:00) e inclui-lo no serviço informativo do tipo *Diário Sonoro* (1:00, antes do fecho da emissão). Silva Gonçalves defendeu o *Diário Sonoro* das 13:00, de dimensão nacional, e a multiplicação de cadeias nacionais, com base nos emissores regionais e colaborações de estações de Moçambique, Angola e Guiné, na sequência do realizado com relatos desportivos, visitas do presidente do Conselho (Marcelo Caetano) e eleições.

No início de 1970, mudou-se sucessivamente o nome do *Último Jornal da Rádio* para *Último Jornal*, *Jornal da Madrugada* e *Jornal da Noite*, acabando por ficar como *Diário Sonoro*, igual aos noticiários das 13:00 e das 20:00. A concorrência da televisão interferia na programação da rádio. O jornal das 8:00 manteve o nome de *Jornal da Manhã*, enquanto os outros noticiários ficaram com o nome de boletins informativos. No momento em que a Emissora Nacional passou a emitir ininterruptamente, em janeiro de 1970, criaram-se noticiários de madrugada (3:00, 4:00 e 5:00).

A Emissora Nacional ensaiou outros temas noticiosos, desde que não colidissem com questões políticas. Foi o caso da exploração espacial, forte no começo da década de 1970, com reportagens do lançamento das naves Apolo 13 e 14. No desporto, passou a incluir-se a transmissão de ralis automobilísticos. A rádio nacional ensaiava novos modelos de reportagem, devido ao sucesso na rádio comercial. Na discussão interna, houve propostas de critérios seletivos das provas, com relevo para o rali da TAP pela projeção internacional, quem entendesse pouco radiofónica a transmissão de ralis e quem achasse a modalidade como prova de perícia e regularidade. A questão política reaparecia em momentos de organização de encontros de impacto nacional e internacional, como a reunião da NATO em fevereiro de 1971, que a rádio acompanhou com programas e diretos.

A equipa dirigente já não acreditava na fórmula de notícias do presidente da República em primeiro lugar, muitas vezes sobre uma simples inauguração de fontanário, com as notícias importantes remetidas para a sequência de importância codificada há muito

Tópico analisado durante 1969 foi, dentro da redação, a unificação ou separação das editorias nacional e ultramarina (notícias das colónias). Entendia-se existir tratamento diferenciado de material noticioso para cada território e apontava-se a necessidade de redatores especializados para estrangeiro, desporto e colónias. Há uma ideia a retirar das decisões do Conselho de Planeamento de Programas, a da defesa do ultramar (colónias) como causa principal da existência nacional. O ultramar tornara-se a "Alma e o Corpo de Portugal", ideia religiosa e política transposta para a sociedade nacional.

A rádio oficial vivia sob dupla personalidade. De um lado, como rádio ligada ao regime, o controlo dos noticiários era fundamental. Do outro lado, a qualidade da informação preocupava os dirigentes, agastados com a imagem de *maçadora nacional*, que António Ferro referira já no discurso de tomada de posse como presidente da estação em 1941. A distribuição de alguns trabalhos pelos locutores era ponderada e atendia a fatores como qualidade, empenhamento ideológico e capacidade de organização. Por exemplo, foi decidido escalar o locutor Pedro Moutinho para a reportagem da cerimónia do primeiro aniversário da morte de Salazar. O mesmo Pedro Moutinho seria condecorado pelo governo da Venezuela, atividade não coberta diretamente pela estação, o que mereceu críticas da gestão. Uma cópia da gravação cedida pela Rádio Renascença permitiu incluir num *Diário Sonoro* a cerimónia e o discurso de improviso feito pelo locutor, ênfase igualmente dada aquando de condecoração pelo governo francês ao diretor Pedro do Prado (julho de 1971). Fora o controlo, a estação valorizava os méritos dos seus funcionários.

As outras grandes estações seguiram rumos diferentes. Em Rádio Clube Português, os noticiários eram um serviço organizado e regular, começado em 1961 sob a direção do Luís Filipe Costa. Além da necessidade comercial, procurou fixar-se os ouvintes a horas certas, ao contrário da Emissora Nacional, que centrava os noticiários a horas de grande audiência, situados nas horas das refeições. Então, grande parte dos noticiaristas de Rádio Clube Português escrevia os seus textos à mão, pois eram os próprios a ler os noticiários, num estilo conciso e rápido próximo da escrita da publicidade. Além disso, havia polivalência, com informação, reportagens e entrevistas dentro dos programas. Quando João Paulo Guerra estagiou na Rádio Renascença, "os noticiários eram umas folhas com umas notícias de jornal recortadas e coladas" [4]. O serviço de noticiários da Renascença começaria em outubro de 1972, com notícias e reportagens[5]. O primeiro responsável do serviço foi Carlos Cruz, depois substituído por João Alferes Gonçalves.

A VOZ DO OCIDENTE E NOTAS DO DIA

As emissões em línguas estrangeiras começaram no tempo da Guerra Civil de Espanha e foram ampliadas após os ter-

ritórios de Dadrá e Nagar-Aveli em 1954 passarem da administração portuguesa para a Índia, o que levou à emissão de programas em inglês e concani para a comunidade goesa deslocada para a África oriental. No final de 1956, a funcionária superior Maria da Paz Barros Santos assumiu a liderança da área, com notícias, comentários políticos e peças radiofónicas (Emissora Nacional, 1970: 18). Em 1957, o serviço internacional da Emissora ganhou reconhecimento oficial, alargando de importância quando Goa e outros territórios se transferiram unilateralmente em 1961 da administração nacional para a Índia. Em julho de 1961, o Conselho de Programas propunha um programa diário de duas horas, com música portuguesa e comentário político, transmitido em ondas curtas e ondas médias. O programa-tipo aprovado pelo Conselho de Programas, com a presença de César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e presidente desse conselho, incluiu *A Voz do Ocidente*, o que ilustra o interesse direto do poder político pela rádio. Fora Maria da Paz Santos, o responsável das emissões para a Índia, Jesuíno de Noronha, detinha igual força política nos programas internacionais da Emissora Nacional[6], parcela nuclear da propaganda do regime. No começo da década de 1960, Maria da Paz Santos e Jesuíno de Noronha editaram o livro *Poesia do Povo Goês*, o que prova a boa relação profissional entre ambos. A emissão em ondas curtas seria conhecida como Rádio Portugal (Emissora Nacional, 1970: 19).

A Emissora Nacional sentiu dificuldades em recrutar locutores das línguas nativas com qualificações próprias, assunto resolvido apenas em 1963. Nessa altura, Maria da Paz Barros Santos fez uma viagem de curta duração a Paris e Londres para conhecer estudos de audiência e contactar pessoas habilitadas em análise sobre o terrorismo (Emissora Nacional, 1970: 20). Possivelmente, ela contactou em Paris a Aginter Presse, rede de contra-subversão e espionagem de extrema-direita que instalaria sede em Lisboa (Jesus, 2012: 61). Apesar de documentação escassa, teriam existido laços entre Yves Guérin-Sérac, responsável da Aginter Presse, e Jacques Ploncard d'Assac[7], escritor político francês que viveu em Portugal, escreveu uma biografia sobre Salazar e foi colaborador de *A Voz do Ocidente*.

Pelo que ficou da sua presença no programa *A Voz do Ocidente* e dos seus livros (d'Assac, 1956, 1962), pode traçar-se um perfil da emissão: defesa da ditadura e do nacionalismo e exaltação do regime político de Salazar como último bastião ocidental contra o comunismo. Duas palestras de d'Assac permanecem no arquivo sonoro da RTP. Na primeira, sobre Jean Jacques Rousseau, o autor salienta o postulado do filósofo suíço da natureza boa do homem primitivo mas corrompido pela sociedade, atacando a ideia de democracia, que multiplica as opiniões, e desenvolvendo a ideia das sociedades secretas, que enganam o povo com as suas promessas[8], tema preferido de d'Assac. Na segunda, sobre Karl Marx, d'Assac frisou

A ideia de Marcelo Caetano mudar nomes às instituições do tempo de Salazar, como União Nacional para Ação Nacional Popular e PIDE para DGS, chegou à Emissora Nacional. Na realidade, foi mera mudança cosmética, pois se mantiveram o tipo e a estrutura de noticiários

que aquele, ao criar a teoria messiânica da classe proletária, reintroduziu o idealismo do determinismo sociológico[9]. Ao proletariado transferiam-se as prerrogativas do povo de Deus, secularizando-se aqui a nova Israel. O erro de Marx foi trabalhar conceitos pretensamente científicos, concluiu. O locutor, em tom grave e claro, talvez o próprio Jacques Ploncard d'Assac, acrescentou uma informação útil para os ouvintes: Marx e Engels tinham escrito regularmente na imprensa burguesa norte-americana (*New York Daily Tribune*), com artigos sobre a China, a revolução espanhola e a luta civil nos Estados Unidos.

Em 1964, expandiu-se o serviço internacional da rádio oficial, com aquisição de novos emissores e alargamento para outras línguas. Dois anos depois, alterava-se a estrutura do serviço internacional, com objetivo de produzir noticiários e programas recreativos e culturais e distribuir gravações para diversas estações (Emissora Nacional, 1970: 23-24), o que alargou a reputação de Maria da Paz Santos.

De João Patrício, responsável da Informação da Emissora Nacional e autor de livros (editoriais lidos na estação), percebe-se facilmente o seu contributo ideológico. Ele colaborou em jornais como *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias* e *O Século*, até chegar ao *Diário da Manhã*, jornal da União Nacional, onde foi diretor-adjunto durante doze anos. Muito envolvido na propaganda do regime, escreveu e publicou *Editoriais e Notas do Dia* (1968) e *Notas do Dia* (1971), que lia na Emissora Nacional no noticiário das treze horas (Serejo, 2001: 66).

Dedico atenção especial a duas notas do dia, a primeira de empregados da Companhia Caminhos de Ferro de Lisboa em apoio a Salazar. Os trabalhadores dessa empresa, lutando por melhores salários, tinham feito greve de zelo e não cobraram bilhetes aos passageiros (Serejo, 2001: 68). João Patrício (1968: 16), na nota de 13 de julho de 1968, intitulada "Paz Social", escreveu:

"o País, habituado a uma política construtiva de paz e progresso, jamais se tornou espectador impotente e vítima da luta violenta de classes, nas questões suscitadas entre o capital e o trabalho. E a prová-lo, uma vez mais, está a manifestação de respeito e de fidelidade aos princípios corporativos de que foi alvo o Doutor Salazar por parte do pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa".

A outra nota seria a lida a 13 de abril de 1970. Américo

Tomás visitava a Universidade de Coimbra. João Patrício (1971: 89) dizia que o presidente da República "esquecia generosamente, como homem de bem, incidentes lamentáveis". Em 1969, Alberto Martins, presidente da Associação Académica de Coimbra, pedira autorização para falar durante uma visita de Tomás. O estudante foi impedido disso, levando os seus colegas a irromperem em protestos, o que provocou o abandono de Tomás do local e a prisão de vários participantes. O regresso de Tomás significava que a situação estava controlada, do mesmo modo que os funcionários dos elétricos e autocarros tinham perdido a sua luta. Os jornais não haviam noticiado as ocorrências de oposição ao governo, pelo que não chegaram à opinião pública, mas deram conta da posição posterior dos governantes, com gestos aparentemente magnânimos.

MOVIMENTOS POLÍTICOS NA EMISSORA NACIONAL PÓS-25 DE ABRIL DE 1974

Para se compreender a produção jornalística após 25 de abril de 1974, é importante traçar a movimentação política organizativa na estação. Apesar de ocupar a Emissora Nacional na madrugada daquele dia, o novo poder demorou cinco dias a tomar decisões na rádio pública, período de confronto entre duas estruturas internas, a antiga e uma nova. Os militares, preocupados em consolidar a sua ação e resolver problemas políticos e diplomáticos, e com Rádio Clube Português como estação ao seu dispor, não atuaram de imediato na rádio nacional. Além disso, as senhas musicais que guiaram os militares em abril de 1974 passaram por outras estações: nos Emissores Associados de Lisboa, anunciara-se "Faltam cinco minutos para as 23 horas", a que se seguiu a indicação da canção *E Depois do Adeus*, interpretada por Paulo de Carvalho; na Rádio Renascença, às 0:25, era publicitada a canção de José Afonso, *Grândola Vila Morena*[10].

Em 28 de abril de 1974, foi nomeada a comissão *ad-hoc* para a Emissora, composta pelo major Delfim Moura e pelos capitães José Azevedo e Carlos Moura. O primeiro foi um dos militares que ocupou Rádio Clube Português na madrugada do golpe militar. A 29 de maio de 1974, à comissão *ad-hoc* sucedeu a direção constituída pelo tenente-coronel José Calvão Borges, com Delfim Moura a manter-se na direção de programas até janeiro de 1975 (Santos, 2013: 110-112), a que se juntaram José Azevedo e Luís Oliveira[11]. A 3 de julho de 1975, o capitão-tenente Bouza Serrano passou a liderar a direção. Para ele, a Emissora Nacional seria a "voz revolucionária da unidade Povo-MFA, contribuindo assim para o seu esclarecimento e informação e mobilizando-o para uma sempre crescente participação na via revolucionária para o socialismo" [12]. Bouza Serrano foi substituído pelo major João Figueiredo (outubro de 1975-junho de 1978), militar que acompanhou a passagem da designação de Emissora Nacional para RDP.

A rádio oficial vivia sob dupla personalidade. De um lado, como rádio ligada ao regime, o controlo dos noticiários era fundamental. Do outro lado, a qualidade da informação preocupava os dirigentes, agastados com a imagem de *maçadora nacional*, que António Ferro referira já no discurso de tomada de posse como presidente da estação em 1941

Embora diferenciada da situação ocorrida na RTP, aceito, para a rádio pública, as designações de Rezola (2014: 27-46) que divide o período revolucionário em três etapas: intervenção decisiva (abril-agosto 1974), abrandamento ou estagnação (agosto 1974-março 1975) e novo ritmo (abril-novembro 1975). Logo a 30 de abril de 1974, a comissão *ad-hoc* suspendeu o grupo dirigente, liderado por Clemente Rogeiro, Manuel Bivar e Alberto Represas, em ação anunciada a todo o país em noticiário radiofónico. A reunião de trabalhadores, entretanto realizada nas instalações da estação na rua do Quelhas, propusera o "imediato afastamento de todos os representantes da ditadura fascista que ainda permanecem nos seus lugares" [13]. No caso de Clemente Rogeiro, a decisão foi agravada por ele não se ter apresentado à comissão[14]. O dirigente Pedro do Prado pediu a suspensão de funções após polémica envolvendo os serviços musicais e as orquestras sinfónicas[15]. O intendente do Emissor Regional da Madeira foi demitido por impedir a transmissão dos programas da Emissora Nacional entre 26 e 30 de abril de 1974[16]. Alguns quadros intermédios, suspeitos de ligações políticas ao regime deposto, seguiram o mesmo destino. Foi o período da intervenção decisiva.

Convidados pelos militares da comissão *ad-hoc*, um grupo de jovens radialistas envolveu-se na reestruturação da estação: João Paulo Guerra, Carlos Albino, Francisco Muñoz, José Nuno Martins, Manuel Tomás, José Jorge Letria, Jaime Gama, Eduarda Ferreira, Fátima Mendonça[17] e Álvaro Belo Marques (Serejo, 2001: 77-78). José Jorge Letria, apresentado como compositor-intérprete, recebeu o convite para reprogramar todas as emissões de música ligeira[18], Jaime Gama e Eugénio Alves dirigiam os noticiários; mais tarde, a direção de informação seria repartida por António Jorge Branco, Alexandre Pais e Eugénio Alves. Alguns daqueles jovens tinham começado a ligação à rádio em estágios e programação da Rádio Universidade, outros vieram dos jornais *República* e *Jornal do Comércio*, um cumpria o serviço militar, outro estava desempregado. O grupo, eivado de valores de solidariedade e de generosidade, medido pelo grande número de horas diárias dedicadas às emissões[19], tinha, ao mesmo tempo, vontade revolucionária de mudar toda a estação.

PÁGINA 10 — DIÁRIO POPULAR — 30-3-1974

I ENCONTRO
DA CANÇÃO PORTUGUESA

depois das nove

AQUELE ABRAÇO DA MÚSICA

— *Há muito mais gente do que se fosse circo* — dizia a voz, admirada, de uma senhora de meia idade, entre a multidão que teimava em permanecer junto às bilheteiras do Coliseu, ontem à noite, pouco antes do início do I Encontro da Canção Portuguesa. Perto, alguém lamentava que nem sequer houvesse bilhetes no mercado negro, a qualquer preço. E era esse o tom de todas as conversas das dezenas de pessoas que se aglomeravam, inutilmente, no recinto, à hora em que o espectáculo deveria começar.

Dentro do Coliseu encontravam-se cinco mil pessoas, números redondos. A juventude predominava, mas não falta-

eles a faziam, a acreditar naquele entusiasmo.

Finalmente, com um atraso de cerca de meia hora (que não escandalizou ninguém, e muito menos, aqueles que alguma vez assistiram às Grandes (?) Noites do Fado, a anterior iniciativa da Casa da Imprensa), o presidente daquela instituição anunciou o início do «show» programado, após ter garantido que fora preciso vencer muitas dificuldades para organizar tal espectáculo, como se calcularia... Como compensação, ele guardou uma significativa salva de palmas.

Em seguida, um locutor apresentou o conjunto de Marcos Resende e, então sim,

palmas de tango. Veio, então, a desculpa, naturalmente aceite, porque são coisas que acontecem. Carlos Paredes tinha acabado de chegar e procedia à afinação da guitarra. Apareceu, em seguida, sendo calorosamente ovacionado. Abraçou a guitarra. Os dedos crisparam-se-lhe, ao mesmo tempo que a boca se contraía. O seu virtuosismo, a força expressiva que se desprende da vibração das cordas daquela viola são ainda — a

mistificar os fenómenos culturais, devolvendo-os ao âmbito normal das actividades humanas»; Música Erudita: Jorge Peixinho, prémio de compositor, pela sua obra «Homenagem a Machaut»; Vasco Barbosa, prémio de melhor instrumentista, Nella Mayssa, prémio especial; e Elsa Saque, prémio de melhor cantor; Música Ligeira: equipa realizadora do disco «Sobreviventes»; Rádio: Adelino Gomes, prémio concedido a título excepcio-

universitários, chamado Vino Tinto. E que boa colheita. As primeiras palavras dissiparam quaisquer reservas e o público conteve-se em tempo de silêncio e surpresa ou de aplausos e entusiasmo, quer nos temas de sua autoria, quer numa canção do folclore de Santander ou, ainda, no maravilhoso espiritual negro «Sinner Man» que eles interpretaram de maneira mais do que convincente, e num poema de Federico Garcia Lorca

José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, José Jorge Letria, José Barata Moura, Fernando Tordo e o Intróito entraram conjuntamente no palco. Abeiraram-se do micro, à vez, disseram um mínimo de palavras e cantaram algumas das canções que, àquela hora, recordavam. E cada uma tem o condão de desatar ainda uma ponta de entusiasmo, abrir um escape no acto de entrega e de convívio, em que a sala

José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, duas intervenções muito apreciadas, o mesmo sucedendo com José Jorge Letria e Manuel Freire, que se vêem na foto, atrás dos acompanhadores

Texto de
Manuel Gonçalves da Silva
Fotos de
Miranda Castela

vam aqueles que, por falta ou excesso de anos, já estão habitualmente deitados, àquela hora. A acomodação de uns e outros não foi nada fácil, tornando-se impensável a ideia de estender as pernas ou recostar à vontade no assento, porque o espaço era requisitado por um, e outro, e outro, até à ocupação total.

Mesmo assim, ainda foram muitos os que se sentaram no chão dos corredores e cochias da enorme sala de espectáculos.

O ambiente era de euforia, de autêntica festa. Os mais jovens manifestavam-se exuberantemente, em assobios, palmas e gritos, como se os percorresse certo nervosismo, como se algo importante estivesse para acontecer. Embora não fosse mais do que pressentimento. Afinal, todos o sabiam, não havia mais do que um espectáculo musical, organizado por jornalistas, em favor da Casa da Imprensa. No palco apresentar-se-iam alguns nomes conhecidos da melhor canção que se faz em Portugal.

O público foi a vedeta

Mas o público, pelo seu número e entusiasmo, merecia as honras de vedeta e assim as teve, por iniciativa própria, valha a verdade: enquanto os artistas afinavam os respectivos instrumentos e o tempo passava, eles, menos exigentes, soltaram a voz pela parte de algumas melodias de José Afonso e, respeitando [illegible] a medida do possível, o [illegible] das notas que lá se encontram. Ainda que a festa não fosse deles — e era —,

o tom sério desceu à face do espectáculo. Da mistura de palmas e de assobios que acompanharam os primeiros acordes, resultou barulho ensurdecedor... Marcos Resende lembrou-se, então, de afirmar que aqueles números não tinham pretensões sob o ponto de vista estritamente musical, mas que eram comerciais, de ajuda à festa. Foi aplaudido e, quando se embrenhava numa canção brasileira, mais o seu conjunto, viu-se suplantado por um enorme coro que lhe respondia da sala com outro tema «Canta, canta, amigo, canta»...

Cantar foi o que trataram de fazer, em seguida, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo: primeiro com «Nova de Bilros», de José Afonso; depois, «Três Novas e Três Velhas», letra de José Jorge Letria, música de ambos e um refrão para o público, mesmo a convidar... A música era alegre, eles encontravam-se francamente bem dispostos e o público gostou de os ver e de os ouvir sem dúvida. Não regateou aplausos e talvez tenha sido, até, generoso.

Apareceu, em seguida, um senhor alto e de barbas, que atirou para a plateia um seco «então boa noite» e, para o ar, uma canção bonita, com palavras de José Gomes Ferreira. Palavras tão belas, servidas por uma melodia feliz e uma voz cuidada, intrigaram o público, que se substituiu ao tradicional apresentador e tratou de exigir ao intérprete a sua identificação: «O meu nome? Querem saber o meu nome? Pois, sou o Manuel José Soares»... A canção seguinte mereceu uma ovação ainda maior.

Depois, o palco ficou vazio. Sem explicação. Assobios e em

sempre — surpresa, e o público rendeu-se, acabando por ovacionar de pé o intérprete.

Entrega de prémios

O locutor Joaquim Furtado apareceu, então, no palco, para anunciar que a Casa da Imprensa ia entregar alguns dos seus prémios relativos ao ano de 1973, salientando:

— *Os prémios são apenas simbólicos. A Casa da Imprensa, ao atribuí-los, pretende distinguir os valores que, anualmente, no panorama artístico português, se afirmam, fazendo-o segundo o critério de júris qualificados.*

Foram chamados, em seguida, os contemplados, pela seguinte ordem: *Bailado*: Carlos Trincheiras, distinguido com o prémio de coreografia, pelo seu trabalho «Arquipélago III», e Patrick Hurde, prémio de melhor intérprete. *Televisão*: António Vitorino de Almeida, «pelo seu programa «Histórias da Música», em que o júri salientou, entre outros méritos, a intenção, brilhantemente conseguida, de des-

nal, pelas inegáveis qualidades do trabalho que, como repórter radiofónico, desenvolveu para o programa «Página 1», da Rádio Renascença; *Literatura*: António Ramos Rosa, pela publicação de «A Pedra Nua».

O público colaborou da melhor maneira, o que diz menos do seu «espírito de colaboração»... do que da sua concordância em relação à atribuição dos prémios às referidas pessoas.

Vino Tinto e Ary dos Santos

Seguiu-se um intervalo, necessariamente longo, porque, de outro modo, os que se encontravam no centro da sala não teriam tempo para chegar à porta e acender um cigarro... No entanto, nem todos interpretaram as coisas desta maneira e, a partir de certa altura, ouviram-se os terríveis assobios, sobre o coro das palmas e gritos de circunstância, até que apareceram no palco os sete elementos de um conjunto vocal espanhol, constituído por estudantes

(«Cuando lo Ido Muera... con mi Guitarra...»).

Joaquim Furtado reapareceu, agora com uma má notícia: Paulo Guerra, que tinha chegado, porque perdera o avião. Mas logo anunciou outro nome famoso: — Ary dos Santos! Santo Deus... choveram palavras e gritos e assobios e sons e gestos que muito dificilmente se identifi-

REPORTAGEM DIRECTA PELA RÁDIO

«Quatro Tempos» e «Encontro com a Noite», programas produzidos por Alfabeta para os Emissores Associados de Lisboa, transmitiram em directo, do Coliseu dos Recreios, o I Encontro da Canção Portuguesa, levando, assim, a um largo auditório nacional a reportagem viva de um acontecimento que muitos não poderiam acompanhar de outro modo, uns por residirem longe de Lisboa, outros por não terem conseguido bilhetes para o espectáculo.

Uma certa e qualificada equipa de profissionais da Alfabeta garantiu a reportagem, num esforço que por ter sido isolado, no quadro das emissoras de rádio portuguesas, merece especial registo como um serviço prestado ao público.

cam. Mas o poeta acalmou o tema:

— *Eu peço muita desculpa; eu vim aqui para dizer poesia. Se não gostarem, manifestem-se no fim.*

E disse dois poemas de sua autoria, ambos escutados em silêncio, excepto quando os aplausos o interrompiam para sublinhar uma palavra, um testemunho. O mesmo público exigiu outro poema. E mais se fosse...

se tornara. Razão tinha o primeiro elemento do grupo que fez de solista, quando disse:

— Raramente temos oportunidade de nos encontrar, no palco ou fora dele (...) isto é um encontro.

Fernando Tordo, que foi o que teve acolhimento mais frio do público, sabe-se lá por que carga de ressentimento, reforçou a ideia ao afirmar que «este encontro artístico e cultural não é um encontro da canção portuguesa mas um encontro».

Em seguida, José Jorge Letria gritou mais uma vez, algumas palavras que ele sabe e, Adriano Correia de Oliveira, reforçou. No final, os mesmos aplausos entusiasmados para ambos.

O momento culminante

E chegou o momento culminante, com o avanço de José Afonso, em direcção ao micro. «Grândola» foi tema mais uma vez repetido com ele, as vozes dos restantes intérpretes que se encontravam no palco e, ainda, todas as pessoas que enchiam o Coliseu. Emocionante, aquele espectáculo de braços dados e oscilando ao ritmo da melopeia melodia do folclore alentejano, as cinco mil pessoas cantaram aquele tema simples com uma convicção inusitada: «Grândola vila morena / Terra da fraternidade / o povo é quem mais ordena / dentro de ti ó cidade.» Foi repetida, prolongada, e mais uma vez repetida, depois de uma interpretação de «Milho Verde». Toda a gente de pé. Os olhos num sorriso em que havia surpresa e admiração.

Passava da uma hora da madrugada quando o espectáculo acabou. Pressa não cabia entre o entusiasmo que, à saída, a simples companhia de uns e outros provocava. No entanto, os homens da Imprensa não tardaram a tomar o caminho do Chiado, para cujos lados se encontra a sede da instituição. O convívio lá continuou, ali, dançando-se de qual ao ritmo do seu gosto...

No final, o público uniu a sua voz aos que, no palco, transformaram a festa num «exame de consciência»

ACTIVIDADES CULTURAIS do Município de Setúbal

SETÚBAL, 30 — A Câmara Municipal deste concelho prossegue na sua actividade cultural, orientada pelo vice-presidente, dr. João José de Matos, através da concessão de subsídios e subsídios a instituições recreativas e desportivas.

Além das bibliotecas já oferecidas ao Clube Recreativo de Palhavã, Grupo Desportivo «O Independente» e Centro de Promoção Social das Praias do Sado, foram hoje entregues mais três bibliotecas, ao Grupo Desportivo «Os Trezes», Grupo Nacional de Escotas e Centro de Formação Geral da Mocidade Portuguesa.

Quanto à realização de concertos, efectuar-se-á hoje, mais tarde, no salão nobre dos Paços do Concelho, pelas 21 horas, pelo coro Les Petits Chanteurs de Saint François de Versailles.

Diário Popular, 1974.03.30

A RTP E A E. N.
DIRIGIDAS POR COMISSÕES ADMINISTRATIVAS

Assumiram ontem funções, na Radiotelevisão Portuguesa e na Emissora Nacional, as comissões administrativas nomeadas pela Junta de Salvação Nacional, e de si directamente dependentes, *a fim de assegurarem a regularidade da administração e o seguimento exacto dos princípios estabelecidos no programa do Movimento das Forças Armadas*.

Essas comissões administrativas, cuja acção tem carácter transitório, não receberão remunerações específicas, sendo constituídas, na RTP pelo capitão-de-fragata Guilherme George Conceição Silva, tenente-coronel Manuel da Costa Brás, e major da Força Aérea João Gregório Duarte Ferreira, e, na E. N., pelo capitão-de-fragata Carlos Adalberto Machado e Sousa, major José Maria Moreira de Azevedo e major da Força Aérea Delfim de Sousa Campos Moura.

REUNIÃO DE FUNCIONÁRIOS DA EMISSORA NACIONAL

Um grupo de funcionários da Emissora Nacional comunica-nos que se realiza, hoje, ao princípio da tarde, uma reunião nas instalações da rua do Quelhas, durante a qual serão definidos os termos em que será redigido um comunicado a enviar à Junta de Salvação Nacional.

Nessa mensagem será solicitado o imediato afastamento de todos os representantes da ditadura fascista que ainda permanecem nos seus lugares.

Nova orientação na Rádio Universidade

Descontentes com a orientação antidemocrática seguida desde sempre pela Rádio Universidade, as direcções associativas do Instituto Superior Técnico, do Instituto Superior de Ciências e Política Ultramarinas, de Medicina, Económicas e da M. E. S. S. L. reuniram-se com alguns elementos daquele posto emissor e decidiram que a mesma passe a funcionar em novos moldes, isto é, ao serviço dos estudantes. Para o efeito foi formada uma comissão reorganizadora.

A nova programação tem a presença de um representante do Movimento das Forças Armadas.

Diário Popular, 1974.04.30

PÁGINA 16

SUPRIMIDO O PROGRAMA «A VOZ DO OCIDENTE» PELA COMISSÃO «AD HOC» QUE ORIENTA A EMISSORA

Por decisão tomada, ontem, à tarde, pela Comisão «ad hoc» que orienta a Emissora Nacional, foi suprimido o programa «A Voz do Ocidente». Esta iniciativa permitirá o prolongamento do 2.º Programa até final da emissão, o qual retomará, assim, a sua função eminentemente cultural (única em relação a todas as restantes emisoras oficiais e particulares do País).

Assegurar-se-á de futuro, através do 2.º Programa, a transmissão directa e integral dos espectáculos do Teatro Nacional de S. Carlos, dos concertos da Orquestra Sinfónica Nacional que se realizem à noite e uma excelente programação de discos de música erudita e de Festivais de Música, recebidos das principais emissoras da Europa em regime de intercâmbio.

"HÁ SÓ U

O PR DO A

"Há só Uma Terra" é, para além de afirmação categórica e acima de toda a argumentação (sem desprimor, La Palisse diria o mesmo) nome de programa televisivo produzido pela Comissão Nacional do Ambiente, que um júri de oito críticos distinguiu com o prémio trimestral do Crédito Predial Português. "Há só Uma Terra" parece ser uma chamada de atenção, um grito de alerta a recordar o que toda a gente sabe...

"O título do programa é como que o seu *cartão de visita*", declara Luís Filipe Costa, o responsável. "Fomos buscá-lo à divisa da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Humano, realizada em Estocolmo. Creio que ele sintetiza, de forma dramática, a mais recente descoberta do homem: que não é, ao contrário do que até agora pensava (e fazia), dono e senhor da Terra, para a poder explorar como lhe apraz, mas apenas e só uma parcela da Natureza."

O genérico da edição (quinzenal), apresentando como imagens constantes de abertura uma gaivota em evoluções caprichosas, substituídas, em determinado momento, pela imobilidade absoluta, visa também a comunicação de uma espécie de mensagem aos telespectadores. Qual?

Pretendemos denunciar (em imagens fixas) alguns dos muitos erros que conduziram à degradação da qualidade de vida tomando o voo majestoso e a seguir penoso de uma gaivota. Do movimento chegamos ao *paralítico* simbólico em que a ave (asas *cortadas* pela nafta que polui as águas) se imobiliza num gesto de rendição".

AQUÉM DE "TERRA HÁ SÓ UMA"

Luís Filipe Costa, primeiro responsável de "Há só Uma Terra", nasceu em Lisboa no ano de 1936. Tentou, aos 18 anos, o teatro radiofónico na Emissora Nacional, mas só depois de reprovar no 2o. ano do Curso de Ciências Económicas e Financeiras se lançou definitivamente na carreira que hoje lhe ocupa todos os momentos e onde veio a alcançar um êxito significativo.

Diário Popular, 1974.05.04

MA TERRA"

ÉMIO
VISO

A sua presença na rádio e na televisão tem-se desdobrado em variadíssimos programas, alguns de características bem populares, entre os quais "Carrocel", "Tempo Zip", "O Mundo em 24 Horas", "O Caso da Semana", "Verso e Reverso", "Inquérito", "Canal 13" e finalmente "Há só Uma Terra" — actual no tempo e no conteúdo.

"Atendendo a que o homem não tem ainda um conhecimento exacto da extensão dos problemas nem uma ideia definitiva das soluções, visto ser recente a consciência da crise do ambiente, pareceu-nos, de toda a conveniência começar com generalidades, apresentando uma visão das razões da crise, de como certos conceitos e esquemas de crescimento económico levaram este planeta à degradação dos sistemas ecológicos. Actualmente já estamos a particularizar, mostrando os efeitos dessa degradação — a poluição do ar e da água, o ruído, o lixo, etc. — e à medida que nos formos despertando, procuraremos fazer a análise dos casos portugueses"

Tema bem português foi, recentemente, a reportagem sobre a poluição da lagoa de Óbidos, "que levou as pessoas a fazer comentários activos e a discutir, sem se limitarem a dizer ***gostei ou não gostei***". O mesmo facto decidiu o júri na atribuição do prémio a "Há só Uma Terra".

Na carreira de Filipe Costa, de resto, há pelo menos mais dois galardões: Prémio Ondas, concedido pela revista espanhola do mesmo nome, e Prémio da Imprensa para o Melhor Locutor, em 1967. De salientar, também, em 1970, a gravação de um LP ("A Década de 60") onde compendiou os factos mais relevantes daquele período da história do homem nos vários campos em que a sua actividade se reparte — política, arte, ciência, música, desporto, etc. Esta iniciativa, primeira e única levada a cabo entre nós, parece todavia (e infelizmente), não ter surgido sob o signo da continuidade...

"A ideia resultou", observa Filipe Costa. "Venderam-se todos os discos em relativamente pouco tempo e as críticas foram positivas. Mas no momento não estou interessado em prosseguir (pelo menos em moldes idênticos). A primeira experiência foi o lançar de uma nova via que só voltarei a singrar caso seja necessário para a manter aberta. Gostaria, sim, de fazer cinema como realizador, mas a minha experiência nesta matéria não vai além do que tenho feito neste programa de televisão."

Luís Filipe Costa, além do prémio trimestral de Crédito Predial Português agora conquistado, já alcançou outros dois galardões: Prémio Ondas e Melhor Locutor (1967)

QUEM PAGA A CONTA

Voltemos à Terra (que é só uma), onde são inúmeros e palpáveis os focos poluitivos e consequentemente inesgotáveis os temas a considerar; voltemos ao (sério) programa televisivo, decidido a não se ficar por generalidades, antes disposto à descer ao particular, ao concreto do nosso viver.

Filipe Costa pensa (e bem) que não podem ser descurados os aspectos formal e técnico, uma vez que "a característica ***espectáculo*** e a qualidade da sua feitura são importantes em TV". Mas confessa que "a maior preocupação reside no conteúdo, no esclarecimento público de que é a sobrevivência do próprio homem que está em causa e os avisos apocalípticos já não têm a assinatura de videntes ou sonhadores, mas sim, de cientistas e técnicos."

"É tempo de se pensar que este planeta é lugar finito, frágil em equilíbrio instável", sentencia Filipe Costa, para logo diagnosticar a ***doença***:

"Visamos esclarecer que se trata de destruições causadas por uma economia cujo objectivo não é o suprimento das necessidades de existência ou a criação de condições de vida digna para toda a comunidade, mas, antes de mais, o lucro particular sendo assim, não é ao orçamento público que se deve recorrer para enfrentar os custos de protecção do ambiente...!"

"Há só Uma Terra" vem recordar, apenas, que há só uma Terra. Doente, muito doente. A exigir um tratamento especial, visto ser exemplar único e local do nosso (arfante) peregrinar.

Filipe Costa acredita na derrota da crise actual. Crê, mesmo, que pode ser proveitosa, "já que pode fornecer os elementos fundamentais de uma ideologia nova, orientadora de uma futura sociedade universal, baseada nos conceitos de interdependência dos homens e na unicidade homem-natureza."

Perdidos na terminologia e (querendo ser) achados na concretização das previsões, depositamos em "Há só Uma Terra" e naqueles que lhe traçam as directrizes o mínimo de esperança para que haja mais esperança.

Flama, 1972.11.03

A RÁDIO VIVE DE NOITE

P X B

As dezasseis horas do último dia 15, a agência France Press dava a notícia do assalto a duas carrinhas do Banco Franco-Português, em Paris. Com os assaltantes ficara o melhor de seis mil contos, provenientes de entregas feitas pelos emigrantes para futura transferência para Portugal. A notícia, como é de calcular, pôs em polvorosa inúmeros familiares, receosos do que poderia acontecer aos fundos depositados e dos prejuízos que daí lhes poderiam advir. Duas horas depois, Paulo Cardoso, assinante de realização e verdadeiro supervisor de «P B X», já estava no Aeroporto da Portela prestes a alular para a capital francesa, a fim de tentar mais uma das reportagens daquele conhecido programa radiofónico. A uma da manhã, a cabina recebe telefonema, de que constava uma entrevista com o director do Banco e pormenores da reportagem do incêndio que nesse dia deflagrou num bairro onde moravam inúmeros portugueses. Quarenta minutos depois os radiouvintes eram sossegados, com a transmissão, pois, pela voz do director do Banco, foi garantido o integral pagamento e transferência das somas depositadas e roubadas, sendo o assunto, apenas, com as companhias seguradoras.

«Estar em todas» é, para «P BX», enviar um reporter de guerra ao Vietname e um comentador ao México, manter uma equipa completa no Porto e correspondentes permanentes em Luanda, Lourenço Marques e em Nova Iorque; é receber, de Cuba, crónicas diárias sobre teatro; fazer a crítica dos espectáculos lisboetas e estar em cima de qualquer acontecimento que, entretanto, vá surgindo. E é ainda viver na rua, trazer o microfone para o ar livre e captar motivos de reportagem e de interesse.

Fomos num sábado. Realizou-se o passatempo semanal. Entrámos nos estúdios quando o programa nascia. Reunidos, os locutores-redactores acordavam nos últimos pormenores do «puzzle», na ordem da transmissão das rubricas gravadas de antemão, a hora da recepção e do envio para o ar das chamadas combinadas e que mais tarde chegariam do México, da Itália e de um qualquer cinema da capital, onde o crítico cinematográfico estivesse presente.

Também as referências publicitárias vão sendo combinadas, o tempo para meter uma frase, a altura da leitura de um «slogan».

A música já estava mais ou menos escolhida. Na cabina já se encontram os discos passíveis de transmissão. Decorrem entretanto os últimos minutos das vinte e quatro horas do dia e ameia-noite vai-se aproximando.

A postos os técnicos de serviço, com Luís Alcobia no comando e para os compartimentos onde vão estar durante duas horas, seguem já Alice Cruz e Adelino Gomes. Logo depois do sinal da meia-noite o indicativo do programa é a hora do arranque. E por isso mesmo arrancaram também para a Feira Popular, de onde seria transmitido o «puzzle», Alfredo Alvela, Eduardo Horta, Paulo Morais e Paulo Cardoso. Como veículo um carro do R. C. P.

Entramos nos estúdios quando o programa nascia. Reunidos, os locutores-redactores acordaram nos últimos pormenores. A música já estava mais ou menos escolhida.

12

A NOVA NASCEU NU NO DIA 15 DE A

Entre a rua Sampaio e Pina e a Feira, entre o Porto e a cabina, entre o ouvinte e o emissor, o diálogo começou.

«PBX» tem ouvintes para a política, para o futebol e muito mais

Não é fácil no nosso país, por falta de dados estatísticos e até por relativo atraso na técnica de os recolher, fazer uma amostragem do público que ouve este ou aquele programa de rádio. Não se sabe, portanto, quem ouve e por que ouve a onda média do R.C.P. da meia-noite às duas. A ideia que existe é extraída de exemplos de reacções anteriores.

Carlos Lacerda, numa altura que esteve entre nós, foi convidado para ir ao «PBX» responder a perguntas dos ouvintes. E as perguntas foram feitas por pessoas atentas atingindo até algumas um nível fora do comum. Mais tarde repetiu-se o fenómeno com o director-geral da Reforma Administrativa.

Entretanto, foram incumbidos de igual tarefa, no mesmo programa e nas mesmas horas, os seleccionadores nacionais de futebol e de hóquei em patins, respectivamente Gomes da Silva e Vaz Guedes. O resultado foi idêntico. Apareceram ouvintes curiosos do fenómeno desportivo, com abundante conhecimento de causa e a demonstrar que este programa dos Parodiantes não se fecha, está aberto e é ouvido por uma massa incerta e não estruturada, mas muito variada. Aliás, ao que parece, é isso mesmo que pretendem os produtores desde que a nova fase «PBX» nasceu num eléctrico, no dia 15 de Abril deste ano.

Alice Cruz a postos

Critério musical da maioria

Uma das coisas que em «PBX» não parece obedecer ao esquema geral, traçado mais ou menos segundo uma orientação centralizada, é a música. A explicação foi-nos dada por um dos responsáveis, que nos disse:

— Normalmente, não há uma selecção rigorosa. Os discos vêm para o programa depois de terem passado pelos serviços dos Parodiantes, que os numeram e classificam. Portanto, há aí uma →

Rádio & Televisão, 1970.06.27

O período da revolução (1974-1975) foi de saídas, entradas e reingressos na Emissora Nacional. Os profissionais expulsos na purga de 1949 por assinarem listas de apoio a Norton de Matos, membro da oposição e candidato à presidência da República, eram reintegrados no quadro geral do pessoal: António Marques Serra, António de Sequeira Zilhão, Júlio Gomes da Cunha Gonçalves e os locutores Etelvina Lopes de Almeida, Francisco Igrejas Caeiro e Joana Campina Miguel. Também regressaria à estação Maria José Mauperrin, locutora entre 1969 e 1973 e afastada por pressões internas[20]. Os dezanove meses do período revolucionário revelaram contradições políticas e sociais. À abolição da censura e da exaltação da liberdade sucedeu uma estrutura que seguiu a efervescência política do país, com profissionais saneados. Para Vieira (2010: 150), alteraram-se as lógicas de produção na programação musical e na informação e modificaram-se as lógicas de funcionamento interno e de relação com o poder político.

Se a Emissora Nacional não esteve presente no 25 de abril de 1974, a rádio pública ocupou o centro dos acontecimentos militares de 28 de setembro de 1974 e 11 de março de 1975 (Santos, 2013: 117-118). A 28 de setembro de 1974, quando a Emissora leu um comunicado do MFA, a estação viveu um momento significativo e alguns funcionários foram, em ordem de serviço, "merecedores de respeito e apreço pela sua lealdade, dedicação e coragem". Para Serejo (2001: 80), esse grupo seria o núcleo dos saneados em 25 de novembro de 1975, após inquérito sumário: sete colaboradores dispensados, 34 funcionários suspensos e elementos dos Serviços Criativos (número não apurado) despedidos. Do mesmo modo que nas ondas de saneamento de 1974-1975, muitos dos suspensos em 25 de novembro de 1975 seriam reintegrados, exceto os colaboradores não pertencentes ao quadro da estação, entusiastas entrados com a revolução sem acautelarem interesses de assalariados[21]. Embora eu não possa apurar com rigor, pois ainda não concluí a investigação, a purga de 25 de novembro de 1975 teve maior dimensão numérica que a de 1974-1975. De outro ângulo de visão, podemos falar de um poder político em estado de reconstituição até se consolidar, com reflexos na rádio, embora se infira que o movimento de 25 de novembro de 1975 (e depois o da

Logo no 1 de maio de 1974 a Emissora Nacional esteve sempre em direto, com reportagens de muitos locais, emissão prolongada até à madrugada do dia seguinte. Em Lisboa, a engenharia militar instalou linhas telefónicas nomeadamente na Alameda D. Afonso Henriques, onde começou uma concentração popular, e no estádio do INATEL, onde se proferiram discursos políticos importantes

nacionalização da rádio) incidiu sobre profissionais politizados:

"Começou por haver cento e tal comunistas despedidos dos media. […] Foi mais fácil, para mim, ser comunista antes do 25 de abril do que depois do 25 de abril. […] mesmo nas entidades profissionais, não havia uma atitude discriminatória em relação aos comunistas […] num jornal como o *Século*, havia pessoas […] que sabiam que determinadas pessoas eram comunistas, e não só as conservavam como, em alguns casos, as protegiam" [22].

Último ponto a salientar aqui é o da nacionalização da rádio, a 2 de dezembro de 1975, com relação direta ao movimento militar da semana anterior. O secretário de Estado da Informação, nomeado a 26 de setembro de 1975[23], era o tenente-coronel José Luís Ferreira da Cunha - próximo de Francisco Costa Gomes, de quem foi chefe de gabinete do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, e, na nova posição, na altura em que foi presidente da República. A nacionalização, assinada por esse secretário de Estado, juntou Emissora Nacional, Rádio Clube Português, Emissores do Norte Reunidos, Emissores Associados de Lisboa, Rádio Alto Douro e Rádio Ribatejo, num total de 2600 trabalhadores e património que incluía um cinema, uma editora discográfica e uma exploração agrícola (Santos, 2013: 125). Além da falta de identidade comum, surgiram diferenças salariais: os profissionais de Rádio Clube Português ganhavam mais do que os das outras empresas (Serejo, 2001: 82), o que trouxe bastante conflitualidade. Também houve reflexos a nível técnico, com a desativação da rede de emissores, pela sua redundância, como um emissor de onda média em Vale Figueira e outro de FM em Campolide. As instalações de estúdios foram vendidas ou entregues aos proprietários: "ficaram ainda em uso na RDP, durante muitos anos, as instalações da Alfabeta [Emissores Associados de Lisboa], na Avenida Elias Garcia, onde eu cheguei a trabalhar. Era um andar de luxo para uma estação de rádio" [24].

A INFORMAÇÃO NO PERÍODO REVOLUCIONÁRIO

A direção de programas nomeada depois da revolução decidiu a emissão de quatro grandes blocos de notícias: 8:00, 13:00, 20:00 e 24:00, com início a 15 de julho de 1974. O *Jornal Falado* ficou com uma equipa de realização constituída por um realizador, um assistente, dois locutores, um técnico, dois a cinco repórteres e um assistente musical. No campo da informação e paginação sonora, João Paulo Guerra, José Nuno Martins e Francisco Muñoz realizavam os jornais e José Júdice e Marques Graça eram assistentes de realização. Conforme um jornal publicava, a informação alterara a sua fórmula, caso da programação da madrugada, entregue a uma equipa de locutores "responsáveis pelo que de bom (já se) e de mau (ainda) se ouve na Emissora Nacional" [25]. Mas nem sempre se permitia contextualizar ou confirmar a notícia através de outras fontes, dada a velocidade dos acontecimentos.

A linguagem da rádio pública mudou. À formalidade seguia-se a informalidade. Do ponto de vista da metáfora, o locutor despiu o casaco e a gravata e abriu a camisa. A linguagem de voz grave e distante deu lugar à entrevista e à fala popular. Ao escrito e lido rigorosamente sucedeu o direto e o improviso

Até 1974, os noticiários eram escritos por assistentes literários, impressos à máquina por datilógrafas, vistos por chefias que aprovavam ou não e lidos por locutores. A partir de então, quem escrevia era quem lia, na sequência do que Rádio Clube Português fazia há mais de uma década.

Logo, no 1 de maio de 1974, a Emissora Nacional esteve sempre em direto, com reportagens de muitos locais, emissão prolongada até à madrugada do dia seguinte. Em Lisboa, a engenharia militar instalou linhas telefónicas nomeadamente na Alameda D. Afonso Henriques, onde começou uma concentração popular, e no estádio do INATEL, onde se proferiram discursos políticos importantes à época[26]. Mas também ligações com Barreiro, Marinha Grande, Porto, Coimbra, Covilhã. Mais tarde, seria editado um disco com a síntese dos trabalhos desse dia.

A linguagem da rádio pública mudou. À formalidade seguia-se a informalidade. Do ponto de vista da metáfora, o locutor despiu o casaco e a gravata e abriu a camisa. A linguagem de voz grave e distante deu lugar à entrevista e à fala popular. Ao escrito e lido rigorosamente sucedeu o direto e o improviso. A rádio inaugurou uma tendência que a televisão privada depois ampliou. Vozes populares nos noticiários correram a par da transferência da linguagem depurada e lida para a conversa oral espontânea. Até 1974, os noticiários na Emissora Nacional eram escritos por assistentes literários, impressos à máquina por datilógrafas, vistos por chefias que aprovavam ou não e lidos por locutores. A partir de então, quem escrevia era quem lia, na sequência do que Rádio Clube Português fazia há mais de uma década. O noticiário deixou a hierarquia do alinhamento da importância dos atos públicos das entidades do Estado para o registo de ações populares - moradores, comissões fabris, sindicatos, teatro popular, espetáculos de rua. Toda a estratégia montada de formação da opinião pública através de palestras desabou.

Experimentavam-se novas estéticas, a partir da realidade de outros países, como França. Mas igualmente experiências radiofónicas nacionais de anos recentes como *PBX*, *Tempo Zip*, *Página 1* e *Limite*, com reportagens, informação

RÁDIO NOVA: rasgar horizontes

O júri do Rádio da Casa da Imprensa atribuiu, por unanimidade, e nos-aquos, o seu prémio anual aos programas PAGINA UM, TEMPO ZIP e VERTICE (este em referência ao período de realização de Rui Pedro), salientando que pretende distinguir um conceito de Rádio assente num trabalho colectivo de prospecção da realidade circundante. Os jurados não deixam igualmente de contrapor aos programas premiados na mediocridade geral da produção radiofónica.

OCURA (HONESTA E SERIA) DE TEMAS POSSIVEIS

O MITO DO OUVINTE MEDIO

Rádio &Televisão,
1972.04.22,
págs. 22 e 23

O noticiário deixou a hierarquia do alinhamento da importância dos atos públicos das entidades do Estado para o registo de ações populares - moradores, comissões fabris, sindicatos, teatro popular, espetáculos de rua. Toda a estratégia montada de formação da opinião pública através de palestras desabou

atual e música portuguesa recente. Em tais programas, alguns deles suspensos pela censura sempre atenta, iam preponderar jovens locutores (Rui Pedro, Joaquim Furtado, Adelino Gomes, João Paulo Guerra, José Nuno Martins). Vários desses nomes fariam, depois, parte da nova Emissora Nacional. Estruturas antigas desagregavam-se: a orquestra sinfónica, uma grande glória da Emissora Nacional porque tão antiga como a estação, já em causa no tempo de Rogeiro por questões financeiras, ia entrar em agonia, até desaparecer em 1989. As grandes vozes da Emissora - Pedro Moutinho, Artur Agostinho - erodiam. Nos dias que mediaram entre 25 e 30 de abril de 1974, antes da atuação direta do novo poder político, a linha musical mudara. Alberto Represas, anterior diretor dos Serviços de Programas, libertou toda a música até aí proibida, como trechos da autoria de José Afonso, Jorge Letria e Adriano Correia de Oliveira e os cantores baladeiros.

Ao longo do período 1974-1975, defrontaram-se internamente vários movimentos de inspiração política, inibindo uma linha coerente na programação da rádio nacional. Ficam aqui dois deles. Por um lado, a produção de textos, em que o setor de Programas Criativos desempenhou um papel importante, como o programa de formação política, de Manuel Alegre e Eduarda Ferreira, dos Serviços Criativos (Santos, 2013: 116). Por outro lado, a dinamização cultural ligada ao Movimento das Forças Armadas (MFA), mormente a 5ª Divisão, onde estavam os militares da esquerda radical. As contradições refletiam-se na seguinte carta anónima sobre afirmações ditas num *Programa da Manhã*, em que o responsável pelo programa leu ao microfone a alertar "os camponeses para certo clero e certos reacionários que andam a dizer que as pessoas se não juntem em cooperativas, e que os mesmos reacionários andam a dizer que as Forças Armadas lhes roubam as terras e são todos comunistas" [27]. De acordo com a carta, o locutor acabaria a sua "intervenção" com a frase de ordem: "Atenção, camponeses, o povo deve estar unido com as Forças Armadas pois unidos venceremos". No aniversário do golpe de Estado do Chile (11 de setembro de 1973), o noticiário da meia-noite abriu com música popular daquele país e notícias de solidariedade com o povo desse país. Na véspera do movimento militar de 28 de setembro de 1974, a notícia de abertura, a partir de comunicado do sindicato dos ferroviários, anunciava metaforicamente uma concentração para acerto de agulhas no Entroncamento[28]. A leitura de um texto sobre Marx num *Programa da Madrugada*, sem qualquer suporte musical[29], lembraria as velhas, reacionárias e desatentamente ouvidas palestras de d'Assac.

NOTAS CONCLUSIVAS

Em 1974, a Emissora Nacional readquiria o estatuto e a imagem pública da principal estação de rádio do país, apesar de Rádio Clube Português se designar como rádio da liberdade. Os acontecimentos mais importantes voltariam a passar na rádio pública. Mas, como instituição, a Emissora Nacional continuou a sofrer da identificação direta com o poder político.

As mudanças de regime político geram vencedores e versões dominantes da vitória. Mas também há versões dos vencidos, mais complexas quanto a fatores e variáveis. Em leitura a merecer mais reflexão, vejo dois grupos de perdedores na Emissora Nacional, estação de rádio que constitui o meu objeto de estudo. De um lado, os que saíram em abril de 1974, e que detinham o poder de cima para baixo (a partir de instituições poderosas que repartiam o poder pelos filiados do regime). De outro lado, os que foram despedidos em novembro de 1975, com ascensão protagonizada de baixo para cima (a partir de movimentos sociais que emergiram da clandestinidade após a revolução e com o objetivo de desconstruir a sociedade). Acrescento a subjetividade do historiador, sensível à obra dos biografados, pertençam ou não ao lado da versão dominante.

Na gestão de Clemente Rogeiro, a informação foi área de prioridade (40 boletins noticiosos diários, incluindo ondas curtas). Aqui, existe um foco quantitativo e com informação controlada pela censura e temas proibidos (descolonização, liberdade de expressão). As preocupações de Rogeiro centraram-se ainda na programação e nas questões técnicas (produção, transmissão). Destaco igualmente a ideia de rádio imperial, desenvolvida com a compra de Rádio Clube de S. Tomé e Príncipe, a hipótese de instalação de centro emissor em Cabo Verde, a intervenção na rádio da Guiné e as boas relações com estações de rádios em Angola e Moçambique. Clemente Rogeiro e equipa preocuparam-se também com aspetos sociais e

Experimentavam-se novas estéticas, a partir da realidade de outros países, como França. Mas igualmente experiências radiofónicas nacionais de anos recentes como *PBX*, *Tempo Zip*, *Página 1* e *Limite*, com reportagens, informação atual e música portuguesa recente

educacionais dos trabalhadores da Emissora (serviços sociais, assistência médica, cooperativa de habitação e fundo de auxílio póstumo)[30]. Mas Clemente Rogeiro estava muito comprometido com o Estado Novo, nomeado vogal da comissão executiva da ANP, o partido único, em setembro de 1972[31]. Ele, de igual modo que Alberto Represas, nunca seria reintegrado na rádio nacional mas passado à reforma compulsiva (Serejo, 2001: 79).

Se a gestão de Rogeiro parece objetiva, escrever sobre a postura da nova Emissora Nacional, que residia em dar a voz ao povo e na inclusão de tópicos como emprego, formação e cultura, leva-nos ao domínio da utopia. A substituição das estruturas e dos seus dirigentes funcionou como espaço de liberdade, criatividade e experimentação. O repórter passou a estar na rua, para narrar e interpretar os movimentos populares. Houve ainda a prioridade a emissões regionais, como princípio da descentralização. A um grupo dirigente com média etária elevada e rotinas de aceitação do poder instituído seguiu-se uma equipa bastante jovem com vontade de fazer diferente. Mas, a contínua luta política impediu a construção de estruturas sólidas e o reconhecimento de lideranças. Rapidamente, da alegria passou-se a quezílias partidárias, com forte impacto interno, a que se somou a resistência passiva de funcionários da estação[32]. Os dirigentes militares não sabiam de rádio nem de gestão de conflitos e executaram mandatos interrompidos, o que não contribuiu para o estabelecimento das melhores decisões. De modo igual, a dinamização cultural dos militares na rádio afastou audiências. A parte falada readquiria nova ênfase (educar o povo), mas com resultados criticáveis.

A explosão de criatividade proposta pelos jovens radialistas entrados no final de abril de 1974 perdeu força, com movimentos políticos muito rápidos e mutáveis e a eles não favoráveis. Melhor, a geração da rádio pública surgida em 1974-1975 traçou uma rota adaptável às condições do tempo. JJ

Bibliografia

- d'Assac, Jacques Ploncard (1962). *Doutrinas do Nacionalismo*. Lisboa: Edições Panorama
- d'Assac, Jacques Ploncard (1956). 3 *Estudos Políticos. Nacionalismo. Maçonaria. Rotarismo*. Lisboa: Companhia Nacional Editora
- Emissora Nacional (1970). *Rádio Portugal*. Lisboa: Emissora Nacional Radiodifusão
- Jesus, José Duarte (2012). *A Guerra Secreta de Salazar em África. Aginter Press: uma Rede Internacional de Contra-Subversão e Espionagem Sediada em Lisboa*. Lisboa: D. Quixote
- Patrício, João (1971). *Notas do Dia*. Lisboa: Emissora Nacional
- Patrício, João (1968). *Editoriais e Notas do Dia*. Lisboa: Emissora Nacional
- Rezola, Maria Inácia (2014) "A RTP no PREC (1974-1975): "Sem Recursos nem Tibiezas em Ordem à Limpeza Radical"". In Maria Inácia Rezola e Pedro Marques Gomes (coord.). *A Revolução nos Media*. Lisboa: Tinta da China
- Santos, Sílvio (2013). *Da Rádio Estatal ao Modelo Integrado. Compreender o Serviço Público de Radiodifusão em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Serejo, Fernando (2001). "Rádio - do Marcelismo aos Nossos Dias (1968-1990)". *Observatório*, 4: 65-95
- Vieira, Joaquim (coord.), Manuel Deniz Silva, Nuno Domingos e Pedro Russo Moreira (2010). *A Nossa Telefonia. 75 Anos de Rádio Pública em Portugal*. Lisboa: Tinta-da-China

Notas

1) Distingo *rádio oficial*, designação usada no Estado Novo, e *rádio pública*, conceito atual.

2 A maior parte das referências sobre a Emissora Nacional foram obtidas na leitura das atas do Conselho de Planeamento de Programas (Arquivo Histórico da RTP). Para simplificar a leitura, ao longo do texto não indico as datas. As citações com aspas sem identificação de fonte provêm dessas atas.

3) Entrevista pessoal com Eugénio Alves, em 6 de outubro de 2015.

4) Entrevista pessoal com João Paulo Guerra, em 14 de novembro de 2011.

5) *Diário Popular*, 21 de outubro de 1972.

6) Entrevista pessoal com Estrela Serrano, em 20 de maio de 2015.

7) http://www.avante.pt/pt/1966/temas/115672/, acedido em 10 de junho de 2015.

8) Arquivo Sonoro RTP (AHD1713-1).

9) Arquivo Sonoro RTP (AHD1713-2).

10) *Diário Popular*, 27 de abril de 1974.

11) *Diário Popular*, 19 de junho de 1974.

12) *Diário de Lisboa*, 4 de julho de 1975.

13) *Diário Popular*, 30 de abril de 1974.

14) Noticiário de 30 de abril de 1974 (AHD 5060-2, Arquivo Sonoro RTP).

15) *Diário Popular*, 12 e 18 de maio de 1974.

16) *Diário Popular*, 10 de maio de 1974.

17) *Diário Popular*, 6 de maio de 1974.

18) *Diário Popular*, 6 de maio de 1974.

19) Entrevista pessoal com Álvaro Esteves, em 13 de julho de 2015.

20) *Diário Popular*, 8 de maio de 1974.

21) Entrevista pessoal com João Paulo Guerra, em 9 de junho de 2015.

22) Entrevista pessoal com João Alferes Gonçalves, em 27 de junho de 2012.

23) http://www.gmcs.pt/ficheiros/pt/decreto-n-536-b75-de-26-de-setembro.pdf, acedido em 13 de setembro de 2015.

24) Entrevista pessoal com Francisco Mascarenhas, em 8 de Novembro de 2011.

25) *Diário de Lisboa*, 5 de setembro de 1974.

26) Entrevista pessoal com João Paulo Guerra, em 9 de junho de 2015.

27) Ofício de Calvão Borges ao governador militar de Lisboa, de 25 de fevereiro de 1975 (Arquivo Histórico da RTP).

28) Entrevista pessoal com Eugénio Alves, em 6 de outubro de 2015.

29) Entrevista pessoal com Álvaro Esteves, em 13 de julho de 2015.

30) Entrevista com Clemente Rogeiro, por Luís Garlito, em 16 de dezembro de 1996 (Arquivo da RTP AHD 2609).

31) *Diário Popular*, 7 de novembro de 1973.

32) Entrevista pessoal com João Paulo Guerra, em 9 de junho de 2015.

Rádios locais em Portugal entre a proximidade e as regras do mercado

Representam um dos principais momentos de mudança no setor dos média em Portugal. A partir da década de 80 do século passado surgiram como cogumelos centenas de pequenas rádios um pouco por todo o país. Primeiro emitindo sem licença, carregavam consigo o desejo de se representarem como espaços de proximidade com as populações. Mais de um quarto de século depois, muitas fecharam portas, outras cederam a emissão a rádios de maior dimensão e as que persistem em se manter ligadas à comunidade vivem com muitas dificuldades e procuram o seu lugar num contexto mediático dominado pela Internet.

Por **Luís Bonixe**

A génese do movimento e o primado do local

O aparecimento das rádios locais em Portugal tem uma profunda ligação à democracia e ao contexto do próprio país. Após quase cinco décadas de ditadura, período durante o qual o setor dos média não conheceu grandes alterações, e muito menos no setor específico da rádio, com a democracia, tal como noutras áreas da sociedade, os meios de comunicação passaram por mudanças que contribuíram para modificar quase radicalmente a paisagem mediática. No caso da rádio, a proliferação de pequenas emissoras a partir de 1977, e durante onze anos, gerou todo um novo contexto que importa registar.

Desde logo, a importância que estas pequenas rádios deram ao local e ao comunitário. Este foi sempre o cavalo de batalha dos promotores das rádios locais em Portugal. O argumento da proximidade com as populações e com a comunidade envolvente foi sempre utilizado como mais-valia para que os governos da altura legislassem no sentido de permitir que as emissoras pirata pudessem emitir de forma legal e livre. Esse argumento está inicialmente referido no primeiro projeto-lei da autoria de Dinis Alves e Jaime Ramos e volta a estar sublinhado na primeira lei (87/88 de 30 de Julho) que acaba por liberalizar o setor e permitir a existência em Portugal de rádios locais.

Houve, portanto, desde o início, uma tentativa de aproximar as rádios locais das comunidades e isso aconteceu nos concelhos do interior e do litoral português. Fosse através da programação, ou da informação, era objetivo chegar às populações, até como forma de justificar a sua existência e obter dividendos do mercado local através da captação de investimento publicitário

Até à liberalização do setor, ocorrida em 1988, terão surgido em Portugal com maior ou menor regularidade cerca de 600 rádios piratas, como noticiou o *Expresso* (9 de maio de 1987).

Num tão diversificado cenário, é normal que tenham aparecido projetos muito distintos uns dos outros. Assim, encontramos iniciativas com alguma solidez como a TSF, a RadioGeste ou a Rádio Cidade que coexistiam com outras emissoras de pequena dimensão espalhadas pelo país. Com a lei de 1988, e após concurso público que se seguiu, foram atribuídas 314 frequências locais de radiodifusão.

O choque com a realidade e o afastamento do local

A liberalização da radiodifusão local em Portugal trouxe consigo novas questões para o setor. À partida, tornou evidentes as assimetrias entre o litoral e o interior do país. Das cerca de 600 rádios piratas que se estimava existirem em Portugal no período da "pirataria", nem todas se candidataram a uma frequência e as que o fizeram só uma parte conseguiu a tão desejada autorização para emitir. O mapa daí resultante mostra que no litoral as frequências postas a concurso foram insuficientes para o número de candidatos, enquanto no interior o cenário em muitos concelhos foi exactamente o oposto. O caso mais paradigmático ocorreu

Redação da Rádio Condestável, Cernache do Bonjardim [Foto: Carina Coelho]

no distrito de Portalegre o qual, segundo é relatado por Luís Humberto (1989) foi onde se registou o menor número de alvarás atribuídos.

Esta situação decorreu do confronto com a realidade que as rádios passaram a ter, uma vez que enquanto emissoras-pirata, não sentiam a necessidade de obter investimentos para a sua atividade, e muito menos estavam obrigadas ao pagamento de compromissos vários, inerentes ao exercício de uma qualquer atividade empresarial. Com a liberalização do setor, foi preciso garantir um certo nível de profissionalismo nas emissoras, contratando locutores, publicitários, jornalistas. Facilmente se percebeu que muitos dos mercados locais não conseguiriam fornecer as receitas necessárias para a manutenção destas empresas, ainda que de pequena dimensão.

Os primeiros anos, recorda Mário Mesquita num artigo publicado em 1994, puseram a nu essas debilidades com um conjunto de emissoras a encerrar portas e outras a cederem as suas frequências a rádios de maior dimensão. O cenário daí resultante foi o aparecimento de cadeias de rádio, em regra retransmitindo a programação de emissoras de maior capacidade empresarial e que normalmente se situavam no Grande Porto e na Grande Lisboa. Na prática, algumas rádios locais apenas existiam nos registos, pois na realidade funcionavam como meros retransmissores de emissão e, como tal, afastando-se do local e das comunidades onde se inseriam.

As cadeias de rádio geraram um fenómeno a que Sandra Marinho (2000:99) designou de "rádios-fantasma" e conduziram a alterações no plano legislativo, de modo a garantir que as rádios locais portuguesas assegurariam

É evidente o confronto entre a missão original da radiodifusão local, de proximidade com as comunidades, com a insustentabilidade de alguns mercados locais obrigando à tomada de decisões como seja a venda dessas rádios

espaços na sua programação e informação relacionados com as comunidades onde se inserem. Assim, a lei aprovada em 2001passou a obrigar as rádios a terem pelo menos 8 horas de emissão própria e a emitirem diariamente 3 noticiários sobre a sua região.

Com o objetivo de colocar ordem no setor, no plano legislativo passa a haver possibilidade de classificação de rádio temática (informativa ou musical) como forma de adequar a programação das rádios à audiência. Inicialmente, a lei, com base num despacho de 2000 (51 de 30 de outubro), previa que uma rádio poderia ser temática se no mesmo concelho, a outra rádio fosse generalista. Era o modo de garantir que pelo menos uma emissora asseguraria informação local, já que as temáticas musicais estão dispensadas dessa obrigação. Esta possibilidade de mudança de classificação da programação (de generalista para temática musical) abriu caminho a que muitas emissoras se baseassem em programações meramente musicais, abdicando assim da informação, naturalmente mais dispendiosa.

Nova alteração legislativa (lei 54/2010) tornou ainda mais fácil esta mudança de classificação da programação

ao eliminar a limitação de essa alteração ocorrer apenas no caso de no mesmo município haver outra rádio generalista. A partir daí, aumentou o número de emissoras a requerer essa mudança fazendo com que algumas rádios abdicassem não só da sua vertente local, como também de ter jornalistas nas redações. Em junho de 2012, o Meios&Publicidade dava conta que em dois anos a Entidade Reguladora para a Comunicação aprovou 10 pedidos de alteração de programação para temática musical. Em 2014, a ERC aprovou mais sete pedidos de alteração de classificação de programação.

Esta situação gerou um coro de protestos junto dos profissionais da rádio e em particular dos jornalistas. Em 2012, o jornal Meios&Publicidade (18 de Junho de 2012) noticiava um cenário negro para a radiodifusão local referindo que "os principais grupos de rádio estão a alterar os projetos radiofónicos das suas rádios locais generalistas para rádios temáticas musicais e a despedir os respectivos animadores e jornalistas". Em 2013, a Media Capital adquiriu nove frequências para a M80, Star e Cidade FM, qualquer uma delas sem qualquer vocação para o jornalismo local.

O cenário criado foi de tal modo preocupante que a Entidade Reguladora para a Comunicação em 2012 emitiu a "Diretiva sobre a promoção da diversidade informativa nas rádios" na qual reconhece que as modificações na tipologia das rádios locais (de generalistas para musicais) poderá "conduzir a uma situação de empobrecimento na difusão da informação pelas rádios atualmente existentes, com evidente prejuízo para as populações". Nesse sentido, a ERC recomendou que também as rádios temáticas musicais emitissem, pelo menos, um noticiário diário dirigido às populações locais.

É evidente o confronto entre a missão original da radiodifusão local, de proximidade com as comunidades, com a insustentabilidade de alguns mercados locais obrigando à tomada de decisões como seja a venda dessas rádios. Em 2011, José Faustino, presidente da Associação Portuguesa de Radiodifusão referia ao Meios&Publicidade (19 de agosto de 2011) essa mesma situação: "Empurrou-se muitos dirigentes de rádios para a vocação local, esquecendo que estão a competir, na sua área de cobertura, com as nacionais".

Este afastamento do local e das comunidades que as rádios locais portuguesas vivem atualmente não é muito diferente do que existe noutras latitudes. Por exemplo, já em 1998, Gloria Tristani, à época comissária da FCC, referiu essa situação numa intervenção em que questionava se o caminho mais certo para a rádio local seria crescer, quando isso implicava, em muitos casos, deixar de olhar para as comunidades. Também Guy Starkey (2011) faz referência a essa aparente colisão de interesses em que de um lado estão as comunidades locais e a proximidade e, do outro, a necessidade de sobrevivência. O autor refere que a entrada de grupos económicos nas rádios locais está a conduzir, no caso britânico, a uma "diminuição do sentido de localidade".

Muitas regiões do país estão hoje privadas de uma rádio local, implicando isso a inexistência de uma programação e informação de proximidade com as populações que se apresente como uma garantia de assegurar a memória coletiva, o conhecimento e a discussão pública dos temas locais

O espaço para o jornalismo

A meio da segunda década do século XXI, o setor da radiodifusão local em Portugal caracteriza-se pela 1) falência de muitos projetos de rádios locais, 2) pela mudança de propriedade em particular no Grande Porto e na Grande Lisboa, 3) pela transformação dos projetos locais em rádios musicais, em regra retransmitindo a programação de rádios de maior dimensão, 4) pela subsistência de alguns projetos locais em determinadas regiões do país.

Este cenário desvirtua, a nosso ver, os princípios que nortearam a liberalização do setor no final da década de 80 do século passado. Efetivamente, muitas regiões do país estão hoje privadas de uma rádio local, implicando isso a inexistência de uma programação e informação de proximidade com as populações que se apresente como uma garantia de assegurar a memória coletiva, o conhecimento e a discussão pública dos temas locais.

Neste contexto, o espaço para o jornalismo é cada vez menor na radiodifusão local, muito diferente daquele que existia no final da década de 80, quando, do ponto de vista do acesso à profissão de jornalista, as emissoras locais tiveram um papel que não pode ser menosprezado. A partir do final da década de 80, o número de ingressos na profissão duplicou entre 1988 e 1989, de acordo com o estudo coordenado por José Rebelo "Ser Jornalista em Portugal - perfis sociológicos". No período de 1982 a 1986 o estudo identifica 53 profissionais com início de atividade e entre 1987 e 1991 há registo de 268. Os números mostram a inquestionável importância que as emissoras locais representaram para a profissão de jornalista na rádio. Este cenário corresponde ao início das rádios locais e coincide com os anos da liberalização. Depois disso, refere o mesmo estudo, assiste-se a uma estabilização e a uma queda em 2002 quando a "ordem passou a ser a de restringir" (Rebelo, 2011:64).

Atualmente, as dificuldades económicas que muitas rádios locais atravessam acabam por gerar despedimentos e as redações são, em muitos casos, as primeiras a sofrer

com a situação. O relatório da Associação de Rádios de Inspiração Cristã (ARIC) referente a 2013 é disso um exemplo, ao afirmar que 80% das emissoras "assinalam quebra no desempenho económico e as rádios estão a diminuir custos em áreas chave da Organização como por exemplo os Recursos Humanos". O estudo evidencia ainda que entre 2012 e 2013 aumentou o número de rádios locais que registaram nesse período quebra de atividade económica.

Um inquérito realizado em 2013 e 2014 a 50 jornalistas no âmbito do estudo "Jornalismo e Jornalistas das Rádios Locais Portuguesas" (Bonixe, 2015) permitiu a caracterização do jornalismo praticado nas rádios locais em Portugal. Desde logo, o facto, que não deixa de ser preocupante, de se estar a falar de redações que em média têm 1,51 jornalistas, sendo que a maior redação encontrada tem 4 jornalistas e outras apenas um. Por outro lado, o mesmo estudo revela que a maior parte dos jornalistas de rádios locais em Portugal tem formação superior em Ciências da Comunicação. Apesar disso, o vencimento mensal da maior parte dos inquiridos está situado no intervalo entre o ordenado mínimo nacional e os 650 euros (Gráfico 1).

A escassez de recursos humanos é, para os jornalistas, um dos principais fatores que os profissionais reconhecem ter interferência no seu trabalho diário. De acordo com os dados, não são as condições técnicas e de equipamento que causam preocupação aos jornalistas, mas sim a inexistência de profissionais em número considerado suficiente nas redações (Gráfico 2). Não estranha, por isso, que uma das situações que os jornalistas mudariam na sua rádio seja a possibilidade de fazerem mais trabalho de reportagem.

A Internet é uma solução?

Há uma clara vantagem para as rádios locais potenciarem a sua presença na Internet. Tratando-se de emissoras com uma cobertura geográfica reduzida e limitada, a presença na rede global poderá permitir que a emissão chegue a todo o mundo.

Trata-se de um caminho viável para o renascimento da rádio local e da criação de laços de proximidade para com as comunidades locais. Já não estaremos, neste particular, a falar do mesmo conceito de local, amarrado ao território, mas de uma nova ideia de local que extrapola os limites do campo geográfico e que sublinha a proximidade cultural e social. É um novo modelo que a rádio local pode explorar vincando as suas especificidades de meio de proximidade.

A relação das rádios locais com a Internet deverá ser vista de diferentes ângulos. Já não estamos no tempo do projeto Roli (que resultou de uma parceria entre a Associação Portuguesa de Radiodifusão, União Europeia e Estado) que em 2007 deu um forte impulso à presença das

Site da Rádio Altitude na Guarda

A escassez de recursos humanos é um dos principais fatores que os jornalistas reconhecem ter interferência no seu trabalho diário - não são as condições técnicas e de equipamento que causam preocupação, mas sim a inexistência de profissionais em número considerado suficiente

Gráfico 1 - Valores do vencimento auferido pelos jornalistas das rádios locais portuguesas

Gráfico 2 - Constrangimentos que mais afetam o trabalho dos jornalistas das rádios locais portuguesas

rádios locais na Internet permitindo que muitas pudessem emitir online. Entretanto, muitas rádios locais autonomizaram-se e criaram os seus sites, estão nas redes sociais e procuram retirar partido dessa presença. Pedro Portela (2011), autor do livro Rádio na Internet em Portugal - A abertura à participação num meio em mudança refere a existência de 178 rádios locais com transmissão da emissão via streaming e website próprio, o que revela a importância que as emissoras locais portuguesas têm dado à sua presença online. Por outro lado, os jornalistas das rádios locais inquiridos no estudo "Jornalismo e Jornalistas das Rádios Locais Portuguesas" (Bonixe, 2015), olham para a Internet como uma plataforma importante para a presença das emissoras locais, pois 90% consideraram que uma rádio local estar presente na Internet é "muito importante".

No mesmo estudo, e com base em entrevistas a jornalistas de rádios locais, verificou-se que a possibilidade de chegar aos muitos emigrantes é uma das principais vantagens encontradas na presença das emissoras locais na Internet. Os jornalistas destacaram a possibilidade que os muitos emigrantes encontram na rede global como forma de ligação aos seus locais de origem.

Há, no entanto, um conjunto de fatores que tem impedido que os jornalistas das rádios locais aproveitem a Internet. E um desses fatores tem justamente a ver com as reduzidas redações em número de profissionais. O multitasking é uma prática muito comum entre os jornalistas das emissoras locais que são forçados a conciliar a sua tarefa de jornalistas de rádio digamos, tradicional, com as tarefas de gestão dos sites e das redes sociais. Trata-se de um cenário que os próprios reconhecem como pouco produtivo. Um dos jornalistas entrevistados no estudo refere que apenas atualiza o site e as redes sociais " quando me sobra tempo. Os programas e os noticiários apanham-me praticamente todo o tempo. Admito que apenas coloco as informações em ambas as plataformas quando me sobra tempo".

A quantidade de tarefas que os jornalistas das rádios locais são agora forçados a realizar num dia normal de trabalho foi evidenciada pelas respostas ao inquérito, uma vez que dos 50 jornalistas inquiridos, 86% admite que realiza para além da sua atividade na rádio hertziana outras funções na Internet e isso torna difícil, na opinião dos jornalistas, potenciar de modo mais conveniente as vantagens da Internet para as rádios locais. JJ

Os jornalistas olham para a Internet como uma plataforma importante para a presença das emissoras locais, pois 90% consideraram que uma rádio local estar presente na Internet é "muito importante"

Referências:

- Bonixe, L. (2015), Jornalismo e Jornalistas das rádios locais portuguesas. Disponível em: http://www.c3i.ipportalegre.pt/uploads/Jornalismo.pdf.
- Humberto, L. (1989) Rádios Locais - a lei e a realidade. Porto: Centro de Formação de Jornalistas.
- Mesquita, M. (1994) Os Meios de Comunicação Social, In Reis, A. (Coord.), 20 anos de democracia em Portugal, Lisboa, Circulo dos Leitores, p. 360-405, 1994.
- Portela, P. (2011), Rádio na Internet em Portugal - A abertura à participação num meio em mudança. Húmus.
- Rebelo, J. (2011). Ser Jornalista em Portugal - perfis sociológicos. Lisboa: Gradiva
- Starkey, G. (2011). Directo e local nunca mais? As comunidades de ouvintes e as tendências de globalização na propriedade e produção de rádios locais. Comunicação e Sociedade,vol. 20. pp: 157-172.
- Marinho, S. (2000) Um percurso da rádio em Portugal. In: Manuel, P. (Coord.), A Comunicação e os Media em Portugal, Braga: Universidade do Minho, p. 99-109.

© The Weinstein Company

Netflix é na Tv da Vodafone

Vodafone
Power to you

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

MARCO POLO

EM STREAMING AGORA

NETFLIX

Powered by
fibra | última geração

Rádio: entre a concentração e o "localismo"

O sector da rádio em Portugal tem vindo a caracterizar-se por uma concentração crescente, quer em termos de propriedade, quer em termos de programação. As movimentações dos grupos mediáticos portugueses com interesse na rádio têm a vindo a acentuar a perda de carácter local das frequências, afastando-se do princípio que estruturou o sector em Portugal. A abertura à iniciativa privada foi feita na base da atribuição de frequências locais, a municípios, mas a tendência tem sido, para além da concentração da propriedade, a da consolidação de audiências por via da concentração da programação, através da retransmissão de conteúdos centralmente produzidos. Desta forma, agudizam-se os desequilíbrios regionais e a perda de proximidade que significava a radiodifusão.

Por **Elsa Costa e Silva**

Um contexto alargado

A concentração da propriedade dos meios de comunicação social começou a ganhar dimensão em Portugal a partir dos anos 90, seguindo uma tendência mundial que se tinha começado a verificar na década anterior. É verdade que a concentração mediática é uma realidade quase tão antiga como os próprios media. Por exemplo, na Inglaterra do século XIX, os jornais eram maioritariamente propriedade de cadeias regionais, cujos donos eram conhecidos como os "barões da imprensa". Mas a escala e a natureza do fenómeno da concentração que começou a tomar a conta das empresas mediáticas a partir dos anos 80 do século XX mudou drasticamente o cenário da propriedade e a própria organização empresa-rial.

No século XIX, existiam redes nacionais que agrupavam um mesmo tipo de produto/conteúdo: os jornais. No século seguinte, as inovações tecnológicas diversificaram o leque de meios a que o público passou a ter acesso com o advento da rádio, cinema e televisão. A intensificação da concentração a partir dos anos 80 incorporou essa diversidade de meios dentro dos mesmos grupos, ao mesmo tempo que estes se estenderam além-fronteiras. Portanto, para além de começarem a ter uma natureza internacional, as empresas mediáticas passaram a agrupar, por exemplo, jornais e revistas, canais de televisão, produtoras e distribuidoras cinematográficas, emissoras de rádios - num processo de diversificação, concentração horizontal e integração vertical que alterou significativamente a natureza da propriedade.

Este movimento de concentração resultou do crescimento de políticas de cariz neoliberal, primeiro nos Estados Unidos (Administração Reagan) e no Reino Unido (Governo de Tatcher), que advogavam a abertura de mercados, defendiam a iniciativa privada e a diminuição da presença do Estado nos vários sectores da actividade económica. Entretanto, novas tecnologias de distribuição de televisão, como o cabo e o satélite, abriam novas perspectivas de negócio. Em consequência, os monopólios estatais, nomeadamente na televisão e rádio, chegaram ao fim e o mercado dos media electrónicos abria-se à iniciativa privada. Em alguns países, órgãos de comunicação social detidos pelo Estado foram privatizados. Isto permitiu a reconfiguração dos grupos de comunicação, que se tornaram multimediáticos. À semelhança do que já vinha acontecendo em outros sec-

A concentração do mercado radiofónico em Portugal deu-se essencialmente por duas vias: pela forma mais habitual, a nível de transacções formais de propriedade; e pela criação de cadeias de retransmissão da programação

tores de actividade económica, da alimentação à indústria automóvel, também aqui aconteceu a internacionalização: em alguns casos porque o mercado nacional estava saturado ou porque tinham sido atingidos os limites impostos por legislações anti-monopolistas, em outros porque as oportunidades surgiram em outros mercados, nomeadamente com a liberalização do mercado europeu.

O caso português

Esta contextualização serve para demonstrar que a leitura do mercado específico radiofónico em Portugal não pode ser feita senão à luz da reconfiguração do mercado mediático em geral e a nível internacional. No período pós-revolucionário em Portugal e até quase ao final dos anos 80, havia essencialmente dois serviços nacionais de rádio: o estatal, com a RDP, e o da Igreja, com o grupo Rádio Renascença. O aparecimento das rádios piratas, que cresceram significativamente ao longo da década de 80, questionou a sustentação deste duopólio e, depois de um período em que as autoridades públicas tentaram sancionar o fenómeno, a abertura do mercado da rádio à iniciativa privada tornou-se inevitável. Em finais de 1988, o Governo lançou um mapa de 402 frequências locais e, a partir do ano seguinte, o governo autorizou 314 estações a emitir. Com o ordenamento do espectro radioeléctrico estabelecido pela lei n.º 87/88, de 30 de Julho, ficou também determinada a salvaguarda dos direitos adquiridos pela Rádio Renascença e pela empresa estatal RDP - as únicas emissoras com cobertura nacional. A nível regional, foram criadas duas frequências, cuja concessão foi sujeita a concurso em 1990, uma a Norte (ganha pela Rádio Press) e outra a Sul (atribuída à Rádio Correio da Manhã). Em 1992, foi criado o terceiro serviço nacional com a Rádio Comercial, por cisão da RDP decidida pelo Governo, que foi privatizada no ano seguinte e alienada ao grupo Carlos Barbosa que detinha o jornal Correio da Manhã.

Portanto, no início dos anos 90, o panorama radiofónico português era constituído por um grupo de rádios do Estado, um grupo de rádios da Igreja Católica, uma rádio privada, duas rádios regionais e mais de 300 rádios locais. Mas, desde cedo, uma tendência significativa começou a tomar forma neste universo: o estabelecimento de cadeias de emissoras locais que, contrariando o legalmente disposto, aumentaram assim a área de influência geográfica em alguns casos e, noutros, deixaram-se "colonizar pelas emissões das estações mais fortes (e) perderam a sua característica de âmbito local" (Reis & Nunes, 1994: 401). Não foi alheio a esta situação o facto de se ter verificado, desde cedo, que o investimento publicitário disponível necessário era insuficiente para sustentar esta dimensão de mercado radiofónico local.

A concentração do mercado radiofónico em Portugal deu-se essencialmente por duas vias: pela forma mais habitual, a nível de transacções formais de propriedade; e pela criação de cadeias de retransmissão da programação que, não envolvendo necessariamente mudanças a nível dos donos dos operadores de rádio, não deixaram de ter como consequência a uniformização da programação e a concentração de audiências. Até 2010, os limites quantitativos à concentração da propriedade legalmente dispostos eram significativos: cada pessoa individual ou colectiva podia ter até cinco licenças. Sendo assim, o crescimento dos grupos radiofónicos em Portugal foi feito sobretudo com base na criação de cadeias nacionais de retransmissão. É deste modo que, por exemplo, a TSF - que usa a norte a frequência regional ganha em 1990 pela Rádio Press - chega a todo o País. Foi também com esta estratégia que a Rádio Renascença lançou, a partir de 2008, a estação "Sim" (primeiro em Onda Média e depois em FM), para onde foram canalizadas as audiências mais séniores, libertando assim o canal da RR para uma população adulta mais jovem. O grupo Renascença lançou ainda uma estação dedicada aos ouvintes mais novos, a Mega Hits, que, de novo, é ouvida em Lisboa, Porto, Coimbra, Sintra, Aveiro e Braga retransmitindo a partir frequências de emissoras que, antes, foram efectivamente locais. E foi também assim que, sucessivamente, a Media Capital lançou (e abandonou) marcas como Nostalgia, Rádio Clube Português, Romântica, também a Cidade que continua no ar, e mais recentemente a M80, Vodafone e Smooth. Do portfólio do grupo consta ainda a Rádio Comercial, adquirida em 1997 à Presselivre, de Carlos Barbosa, a única frequência que é, de facto, nacional.

O enquadramento legal da rádio voltou a alterar-se significativamente em finais de 2010. Um novo diploma veio alargar significativamente a possibilidade de concentração, permitindo aos grupos a propriedade de até 10% do número total de licenças atribuídas, o que significa colocar a fasquia em mais de 30 operadores

Como a lei ajudou à concentração

O primeiro enquadramento legal da rádio que, com efeito jurídico, abriu o sector à iniciativa privada era restritivo em termos de propriedade, apenas autorizando os proprietários de uma emissora a ter uma participação de 30% de um segundo operador. A possibilidade da constituição de cadeias de retransmissão não ficou devidamente salvaguardada e, logo em finais dos

anos 90, assinala-se a tentativa de regulamentar o sector da rádio, nomeadamente a nível local, onde essa prática corrente era contestada dentro do sector e a nível governamental.

A nova lei da rádio, de 2001, deu enquadramento legal à constituição destas redes de rádio, mas criou também limites específicos em termos do número de operadores que poderiam associar-se (num máximo de quatro e distando a mais de 100 quilómetros) e até 16 horas de programação. Por outro lado, impôs obrigatoriedades em termos de noticiário local, mas isso não impediu que grande parte da transmissão resultasse da existência destas cadeias. Significativo foi ainda o facto de os limites à concentração terem sido alargados, prevendo então a lei que cada pessoa singular ou colectiva pudesse deter participações em cinco operadores de radiodifusão, ainda que dentro no mesmo município isso fosse restringido a uma participação de 25% de um segundo operador.

Media Capital e Renacença são os grupos nacionais que, usando a estratégia de retransmissão, lograram aumentar a sua zona de influência e constituir cadeias de base territorial alargada. Serão os principais atores quando se fala de concentração da propriedade (ou de programação) a nível nacional. Mas outros grupos de menor dimensão são igualmente significativos

As limitações relativamente à constituição de cadeias de retransmissão foram, contudo, ultrapassadas pelos grupos que mantendo junto à denominação do serviço de programas centralizado uma indicação geográfica local (Porto, Minho, Coimbra, etc) conseguiram concentrar audiências em maior número do que a lei previa. E mesmo as limitações à propriedade eram ultrapassadas com recurso a pessoas próximas (sócios, familiares, etc) dos grupos. Assim, o debate continuou no início do novo milénio, focando também as debilidades da radiodifusão local, nomeadamente as questões de mercado e a sua sustentabilidade financeira. Os primeiros anos do milénio ficaram marcados, segundo Santos (2008), pela falta de economia de escala nas rádios locais, mimetismo na programação e desequilíbrios regionais.

A análise das deliberações da Entidade Reguladora da Comunicação Social desde a sua criação (2006) até ao fim do mandato do primeiro Conselho Regulador (Novembro de 2011) confirma os desequilíbrios regionais, evidenciando, por exemplo, que o interesse dos grupos de rádio (de maior ou menor dimensão) se concentra sobretudo nas áreas metropolitanas de Porto e Lisboa, centros urbanos com média dimensão e faixa litoral de Portugal. O interior do País, desertificado, não é considerado nas estratégias dos grupos que preferem locais com maior capacidade de angariação de audiências. Assim, Portugal tem um interior onde a rádio local de proximidade continua a ser uma realidade e uma costa litoral onde as populações estão menos servidas nessa matéria, recebendo sobretudo programações centralmente produzidas, normalmente a partir de Lisboa.

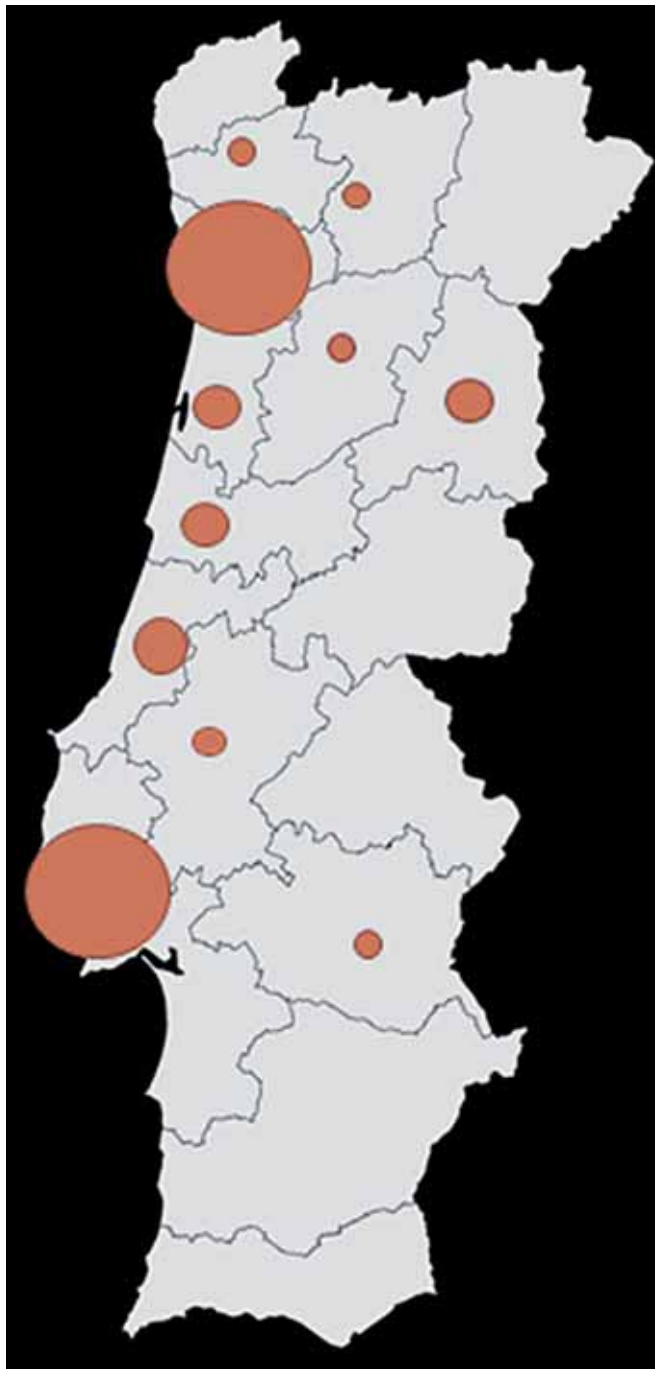


Figura 1: Incidência geográfica das movimentações nas frequências locais em termos de propriedade e retransmissão no período 2006-2011 (elaboração própria)

Retomando a perspectiva mais económica das rádios locais, um estudo da ERC (2009) assinala deficiências a nível de economias de escala e estruturação organizacional. Procurando a caracterização do sector, este trabalho detectou na programação das rádios locais uma presença significativa de rubricas ligadas à cultura e de componente noticiosa. Como recomendações para promover estratégias de sustentabilidade, o estudo aconselhou a consolidação de grupos como meio de alcançar economias de escala e aumentar a quota de mercado. Contudo, não foi muito acentuada nesta análise uma abordagem de matérias como o pluralismo, a diversidade ou a informação de proximidade.

O enquadramento legal da rádio voltou a alterar-se significativamente em finais de 2010. Um novo diploma veio alargar significativamente a possibilidade de concentração, permitindo aos grupos a propriedade de até 10% do número total de licenças atribuídas, o que significa colocar a fasquia em mais de 30 operadores. Também importante foi o facto de a lei eliminar o número máximo de operadores que se poderiam associar e ainda criar um novo mecanismo jurídico de transmissão: a parceria, até seis operadores, em que deixa de haver obrigatoriedade de programação própria. Assim se justifica, por exemplo, que a marca de rádio M80, do grupo Media Capital, emita, de acordo com o seu site, em 19 frequências (uma regional e 18 locais).

	Lei n.º 87/88, de 30 de Julho	Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro	Lei n.º 54/2010, de 24 de Dezembro
Limites à concentração da propriedade	Até 30% de um segundo operador	Até um máximo de 5 operadores	Até um máximo de 10% das licenças atribuídas (+ de 30)
Limites à concentração da programação	----	Associação até 4 operadores (com obrigação de programação própria)	Parceria até 6 operadores (sem emissão própria) Associação de operadores sem limite (com 8 horas de programação própria)

Quadro 1. Evolução legislativa em Portugal relativamente à limitação da concentração

Durante a década de 90, esta sociedade inicial que tinha apenas um activo tornou-se um grupo multimediático, adquiriu uma posição essencial no mercado televisivo português (com a entrada na TVI), no mercado radiofónico (com a compra da Rádio Comercial e outras apostas baseadas em emissoras locais) e ainda na imprensa económica. Acabou, mais tarde, por abandonar o sector da imprensa, onde via pouco potencial de crescimento. Nos anos seguintes, apostou também na produção televisiva (nomeadamente para produção de telenovelas) e também no sector discográfico. Entretanto, em 2005, o grupo espanhol Prisa comprou o grupo Media Capital, tendo Pais do Amaral regressado à presidência do conselho de administração em 2011.

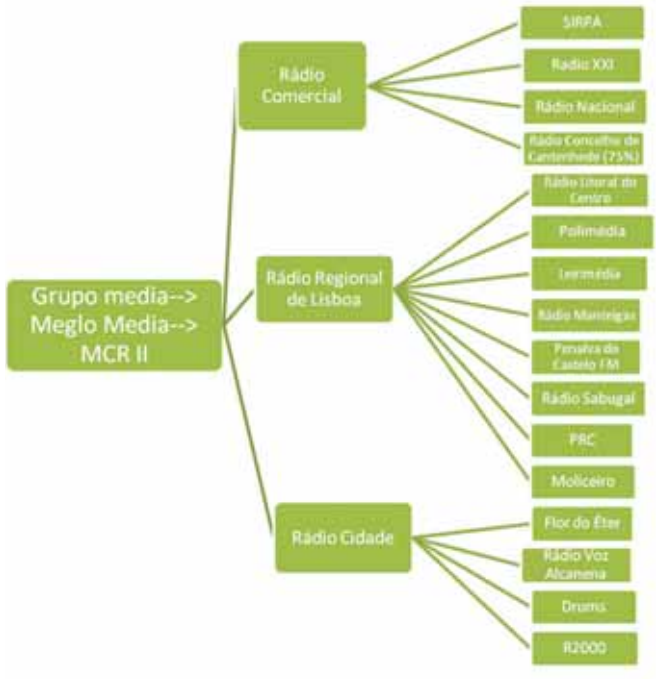


Figura 2. Propriedade do grupo Media Capital - informação disponibilizada em erc.pt.

Os grupos de rádio em Portugal

A Media Capital é o grupo multimediático português com a presença mais forte no sector radiofónico. Tendo em conta o quadro de intensificação de concentração traçado anteriormente, é interessante perceber como o grupo exemplifica algumas das tendências aí identificadas (Silva, 2004). A Media Capital teve o seu início em 1988 na então sociedade Soci que lançou o semanário Independente. Miguel Pais do Amaral fazia parte do grupo fundador e, em 1993, passa a dominar o capital accionista, que entretanto se diversificou com a entrada (e saída) de parceiros e fundos de investimento internacionais. A designação Media Capital nasceu em 1995.

A estratégia de expansão do grupo tem sido a utilização de cadeias de retransmissão para alcançar audiências maiores. Entre 2007 e 2010, por exemplo, lançou a Romântica FM, o projecto noticioso Rádio Clube Português e a Star FM, marcas que acabou por abandonar. A partir de 2011, já sob o novo chapéu legislativo, a estratégia mais evidente foi a consolidação das marcas M80 e Cidade e o lançamento das marcas Smooth FM e Vodafone. Em termos de propriedade formal dos operadores, para além da rádio nacional Rádio Comercial e da frequência regional atribuída a Sul, a Media Capital Radio domina, a nível local, 17 empresas de radiodifusão e ainda adquiriu por cessão a licença que tinha sido atribuída à Maisactual, de Amares (distrito de Braga).

A actividade mais recente do grupo Renascença, o mais

antigo grupo não-estatal em Portugal - e que tem consolidado a sua posição a nível nacional desde os anos 80 com dois serviços de programação (a Rádio Renascença e RFM) -, tem sido a criação da cadeia Rádio Sim, tendo entre 2008 e 2012 submetido oito processos à RR, para autorizar a retransmissão. Neste grupo, existe ainda outra marca que emite em cadeia de retransmissão, a Mega Hits, com 6 frequências, a cobrir as áreas mais populosas do litoral - a última aquisição das quais foi um frequência de Aveiro em 2013.

Estes são dois grupos nacionais que, usando a estratégia de retransmissão, lograram aumentar a sua zona de influência e constituir cadeias de base territorial alargada. Serão os principais atores quando se fala de concentração da propriedade (ou de programação) a nível nacional. Mas outros grupos de menor dimensão são igualmente significativos. O grupo Música no Coração, de Luís Montez, tem oito rádios e ainda uma participação na Rádio Nova, do Porto, e na TSF (por ser accionista do grupo Global Media). A estratégia deste grupo não tem sido, contudo, o da utilização das frequências para retransmitir programação centralmente produzida. Por norma, cada rádio mantém a sua identidade e programação, mas a aposta é sobretudo em rádios de cariz musical. Outro grupo com dimensão em Portugal, é a Global Difusion, responsável por seis serviços de programação (alguns dos quais com duas ou três frequências locais associadas), também preferencialmente de natureza mais musical.

Ainda que formalmente possa haver muitas emissoras independentes do ponto de vista da sua propriedade, a verdade é que muita rádio local em Portugal acaba por ser uma cadeia de retransmissão de produções centralmente emitidas. O que coloca, inevitavelmente, o problema do pluralismo e do localismo

A TSF, uma marca de rádio importante em Portugal sobretudo a nível da captação de investimento publicitário, é também um caso de concentração, ainda que em menor dimensão. Emitindo a partir de uma frequência regional a Norte e de uma cadeia de retransmissão no resto do País, a TSF é proprietária de seis frequências locais (duas das quais nos arquipélagos).

A nível regional, pode ainda referir-se pequenas movimentações, como é o caso da família Marinho que controla frequências de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Espinho e Santo Tirso, tendo ainda o Jornal da Trofa e o centro de Produção Canal 5, na Maia. Em Trás-os-Montes, existe ainda, por exemplo, o grupo Regional, com três frequências (Vimioso, Sabrosa e Valpaços).

Notas finais

A evolução das rádios locais, desde a sua legitimação por via do reordenamento de frequências no final da década de 80, até meados da primeira década do novo milénio, evidencia a problemática que se coloca em termos de concentração, pluralismo e localismo. Este conceito, nascido em contextos anglo-saxónicos, pretende dar conta das características únicas e inerentes da rádio para favorecer o interesse público de comunidades locais. A questão das cadeias de retransmissão, ainda não que impliquem alterações a nível da propriedade formal das emissoras locais, não deixa de representar a concentração de programação e consequentemente de audiências. Assim, ainda que formalmente possa haver muitas emissoras independentes do ponto de vista da sua propriedade, a verdade é que muita rádio local em Portugal acaba por ser uma cadeia de retransmissão de produções centralmente emitidas. O que coloca, inevitavelmente, o problema do pluralismo e do localismo.

Por outro lado, o facto de estes grupos terem adquirido dimensão e terem consolidado as suas audiências, assim ganhando escala, não significou uma aposta maior nos serviços informativos. As estratégias de retransmissão focam-se sobretudo em projectos musicais. E, sendo estes os grupos com maiores recursos económicos, financeiros e humanos, seriam os melhores colocados no mercado para assegurar a mais custosa componente noticiosa, mesmo a nível local. Contudo, não só o carácter local da rádio em Portugal tem vindo a erodir-se, como também a sua capacidade para estar perto das populações com informação de proximidade está crescentemente em causa. JJ

Referências:

- Reis, A. & Nunes, J. M. (1994). Os meios de comunicação social - breve síntese sobre a evolução dos media no período 87-94. In A. Reis (Coord), Portugal 20 anos de democracia. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2009), Caracterização do sector da radiodifusão local, Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Santos, R. (2008). Rádios locais em Portugal, 2000-2004. In Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI, Org. M. Pinto & S. Marinho, Porto: Campo das Letras.
- Silva, E. C. (2004). Os donos da Notícia - A concentração da propriedade dos media em Portugal. Porto: Porto Editora.

Casa da Imprensa
ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA

Melhores condições.Aproveite!

Um plano de proteção de saúde a partir de 7 euros por mês
Inclui "check-up" anual gratuito

Até ao final de março inscrições sem limite de idade

www.casadaimprensa.pt
21 342 0277

A rádio numa sociedade dura de ouvido

O século XX é comumente reconhecido como o século da imagem. Nele vieram à luz praticamente todas as formas de imagem com que hoje convivemos. Da fotografia (cujas origens remontam ao século XIX) à imagem digital da Internet, as manifestações visuais da linguagem quotidiana são, de algum modo, a marca distintiva de décadas de entusiasmo pela comunicação imagética. Em *Histoire du visuel au XXe siècle* (2003), Laurent Gervereau considera que esta marca nos conduziu a um tempo de acumulação e de sobreposição de imagens.

Por **Madalena Oliveira**

Seria, no entanto, um equívoco entender que apenas a visão tem sido excessivamente estimulada. Num movimento que começa talvez na Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, também o ouvido tem sido requisitado a níveis que denunciam excesso. Num livro publicado em 2013 sob o título *Noise, the human history of sound & listening*, David Hendy sustenta que a modernidade é ruidosa, pois nela confluem o barulho das máquinas de produção, dos veículos automóveis e de uma parafernália de dispositivos eletrónicos que não dispensam sinais sonoros para se declararem ativos. A mesma preocupação era manifestada por Murray Schafer, numa publicação originalmente editada em 1977 sobre o ambiente sonoro (*soundscape*, na expressão inglesa), quando o autor constatava que "hoje o mundo sofre de uma superpoluição de sons" e que "há tanta informação acústica que pouco dela pode emergir com clareza" (1994, p. 71).

A rádio, que nasceu como meio de comunicação numa altura em que a imagem já disputava a atenção, afirmou-se como invisual e exclusivamente dedicada ao ouvido. Durante décadas, foi em certo sentido responsável por uma sensibilização mais consciente da capacidade auditiva. Sem complexos pela falta de imagem, embora talvez por isso negligenciada pelos estudos dos média, como anotaram Peter Lewis e Jerry Booth (1989) referindo-se a um meio invisível, ou Edward Pease e Everette Dennis (1995) classificando-a como meio esquecido, a rádio chegou à era da Internet enfrentando pela primeira vez a necessidade de se reconfigurar relativamente à sua essência exclusivamente sonora.

A migração dos chamados *mainstream media* para o ciberespaço não teve subjacente apenas uma mudança de suporte ou de dispositivo. Ela arrastou consigo, para a rádio como para a imprensa e a TV, uma mudança de paradigma que afeta a linguagem, a conceção de tempo e a noção de interatividade. Não sendo um mero substituto do papel ou um novo ecrã para a TV, a Internet também não constitui para a rádio apenas um novo transístor. Ao desafiar a rádio a tornar visível a sua linguagem, a Web representa talvez a transformação mais profunda que este meio haveria de enfrentar em cerca de um século de história. A digitalização da informação – e, por conseguinte, do som – havia significado já em si mesma uma nova forma de fazer rádio, assente numa possibilidade de edição do som muito mais versátil e até criativa. A deslocação para a Web, porém, significou uma rutura não só ao nível da produção como também ao nível da receção.

Pensar a rádio, hoje, como meio de comunicação obriga a reequacionar algumas das suas características essenciais, o que não deve (pelo menos não ainda) traduzir-se pela tão especulada ideia de que a rádio morreu. Esta é uma das principais premissas do projeto "Estação NET: moldar a rádio para ambiente Web", que uma equipa de investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho desenvolveu entre 2012 e 2015. Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, este projeto centrou-se no objetivo de debater o lugar da rádio na atual paisagem mediática, tendo concluído que presumir o desaparecimento deste meio é ignorar a sua idiossincrática capacidade adaptativa.

A RÁDIO NA INTERNET É SONORA?

Ao contrário de uma certa ideia de senso comum, segundo a qual o aparecimento de novas tecnologias tende a ameaçar a vitalidade dos meios tradicionais, para a rádio a evolução tecnológica tem trazido sempre novas oportunidades, nomeadamente ao nível dos dispositivos. É isso que prova a incorporação dos autorrádios no corpo físico dos automóveis – de onde deixou de ser uma peça acessó-

Figura 1: Print screen dos sites das três principais rádios de informação em Portugal, com o 'botão' de ligação à emissão em direto assinalado em círculo amarelo

ria para se tornar parte integrante –, bem como a anexação das aplicações – tanto as digitais como as de receção FM – nos telefones móveis.

Na Web, para além da emissão tradicional – que pode ouvir-se em fluxo (ou *streaming*) em praticamente todos os *sites* de rádios hertzianas com presença na Internet – as possibilidades sonoras estendem-se ao *audio-on-demand*, no caso das rádios que dispõem de arquivo de programas e, em teoria, à disponibilização de novos formatos narrativos. Da análise dos *sites* das três principais rádios de informação em Portugal (Antena 1, Rádio Renascença e TSF), resulta, no entanto, a perceção de que o som não é uma prioridade da presença deste meio no ciberespaço. Como notámos a este propósito num texto sobre as dissonâncias da rádio em rede, "aceder ao *site* de uma rádio [de uma rádio tradicional e não de uma rádio originalmente nascida na Web] significa aceder a um espaço de convergência mediática onde muitas vezes não se distingue a marca original do meio sonoro que lhe deu origem" (Oliveira, 2014, p. 230). O áudio é, alias, a última linguagem a que se chega quando se visita estas rádios na Internet. A ligação à emissão em direto, por exemplo, apesar de disponível logo à cabeça da *homepage*, não tem o destaque que hipoteticamente se esperaria numa página na Internet que é (ou deveria ser) o espelho de um meio que se define pela invisualidade (Figura 1).

Muito mais visuais que sonoras, as páginas destas três emissoras revelam que o som está ainda subestimado como recurso de comunicação *online*. Seguindo a lógica da linguagem multimodal da Internet, os *sites* das rádios revelam um investimento pouco orientado pelo privilégio do áudio. Para além da predominância de recursos visuais, textuais e multimédia, que já de si contribui para secundarizar o som, a oferta de elementos sonoros está muitas vezes reduzida a um arquivo de programas, sem que aí se encontrem produções originais dirigidas a utilizadores que não sejam ouvintes regulares de rádio tradicional ou que, sendo-o, na Internet não encontram uma oferta alternativa.

A rádio chegou à era da Internet enfrentando pela primeira vez a necessidade de se reconfigurar relativamente à sua essência exclusivamente sonora

Do ponto de vista dos profissionais das emissoras, especialmente atentos às estatísticas de acesso e de cliques dentro das páginas, as componentes áudio terão uma procura reduzida, o que justificará uma aposta *online* mais definida por um recurso ao binómio texto-imagem do que à oferta sonora. Do ponto de vista dos investigadores do projeto Estação NET, no entanto, esta estratégia revela que "há claramente uma subutilização do potencial da Internet" (Reis, 2014, p. 49).

A RÁDIO NA INTERNET É OUVIDA?

Apesar de haver uma perceção de que a rádio portuguesa na Internet é pouco sonora, a sua utilização parece continuar a ser motivada pela procura de música, notícias e entretenimento, bem como por uma vontade de sentir companhia. O acesso aos lugares "habitados" pela rádio tradicional no ciberespaço não significa ainda, porém, uma migração total da escuta do hertziano para a web. Num estudo realizado em 2014, com base num inquérito *online* promovido a partir dos *sites* de seis rádios portuguesas (TSF, Antena 1, Rádio Renascença, RFM, RUM e Rádio Diana), constatou-se, na verdade, que a maioria dos utilizadores que acedem às páginas na Web, não obstante

Figura 2: Caracterização da amostra (de tipo não probabilístico acidental) de um inquérito online realizado em 2014 sobre o tipo de consumo/utilização da rádio na Internet

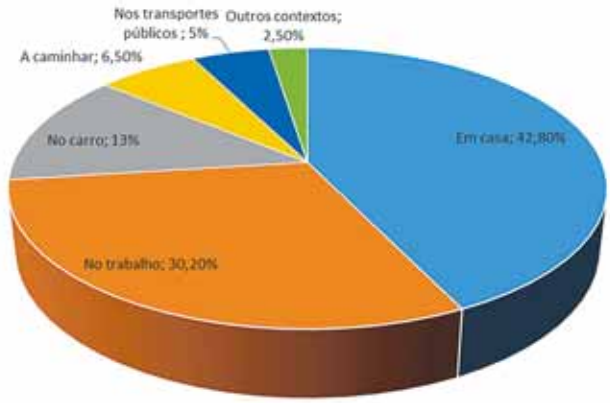


Figura 3: Contextos de acesso à rádio online
Fonte: Adaptado de Portela, 2015, p. 219

ouvir conteúdos *online,* continua a ouvir rádio em frequência modulada. A amostra não probabilística acidental resultante deste estudo conduzido no contexto do projeto Estação NET – que reuniu 1049 respostas completas (Figura 2), das quais 772 foram consideradas para análise estatística – dá conta de uma complementaridade entre a rádio FM e a rádio na Internet. Com efeito, 84% dos respondentes declararam continuar a ouvir a emissão hertziana, sendo que 16% estimam ouvir ainda mais do que ouviam antes.

De acordo com Pedro Portela (2015), que fez uma análise exaustiva dos resultados deste inquérito no quadro de uma Tese de Doutoramento sobre a interatividade e os consumos radiofónicos no início do século XXI, "apenas 7,7% dos que usam a rádio *online muito frequentemente* declaram *não ouvir* as transmissões FM e 12,2% fazem-no *raramente*" (Portela, 2015, p. 212). Para o investigador, estes dados confirmam haver "um aumento da utilização de rádio na internet à medida que aumenta a frequência de audição de rádio FM, indiciando uma ligação entre os dois hábitos de consumo" (Portela, 2015, p. 211). Outro dado curioso prende-se com a resposta à pergunta "Que estação prefere quando acede a conteúdos de rádio na Internet?". A esmagadora maioria (80,6%) diz preferir a estação FM que mais ouve, o que denota um "uso combinado da estação favorita através dos dois canais" (Portela, 2015, p. 245).

No que diz respeito aos dispositivos de acesso à rádio, o computador é já, de acordo com este estudo, o canal de acesso mais frequente a conteúdos radiofónicos, seguido da emissão FM. No conjunto do computador fixo e do computador portátil, este dispositivo é usado por 42,9% dos respondentes, ao passo que o *smartphone* representa o acesso à rádio de 17,8% dos inquiridos considerados. Em 2014, talvez diferentemente do que se verificaria atualmente, um ano e meio depois, o *tablet* era um dispositivo residual, utilizado por apenas 8% dos respondentes.

Consonante com um recurso crescente ao computador para aceder à rádio é a declaração de uma utilização da rádio *online* especialmente em casa e no trabalho, reunindo estes contextos no conjunto 74% das respostas (Figura 3).

Em termos de utilização concreta dos recursos disponíveis, mais de um terço dos respondentes admite ouvir a emissão em direto mais do que uma vez por dia (Figura 4), sendo que apenas 16,8% o faz ocasionalmente ou nunca o faz.

Para além da emissão em direto, parece haver também um interesse significativo por conteúdos pré-gravados/podcasts, já que 47% dos respondentes declaram aceder a estes materiais em regime semanal ou diário. Estes dados permitem supor que o acesso à rádio na Internet, do ponto de vista estritamente sonoro, não é decidido apenas pela conexão com a emissão em fluxo. Ou seja, ainda que a percentagem de pessoas que diz nunca ouvir o som associado a notícias apresentadas nos *sites* das rádios seja muito elevada (40,1%), é notório um interesse por conteúdos disponíveis em regime de *audio-on-demand*, até porque 33% dos respondentes admitem recorrer aos arquivos dos *sites* das rádios na Web semanalmente ou mesmo diariamente.

Ainda que a metodologia empregue neste estudo possa inspirar alguma reserva na leitura dos resultados, por se tratar de um "inquérito auto-administrado, sem a presença de um investigador que poderia ter uma percepção acerca da veracidade das respostas e da seriedade da participação do respondente" (Portela, 2015, p. 197), pode admitir-se, pela consistência das respostas que a rádio na Internet também é ouvida. E atendendo às respostas obtidas para a pergunta "O que gostaria de ter e não encontra na rádio na Internet?", presume-se que há um potencial interesse por conteúdos originais, já que os

O regresso ao desejo e ao prazer de ouvir pode passar por uma reinterpretação dos sons que há nas imagens que hoje nos enchem o olhar como se dispensassem o ouvido

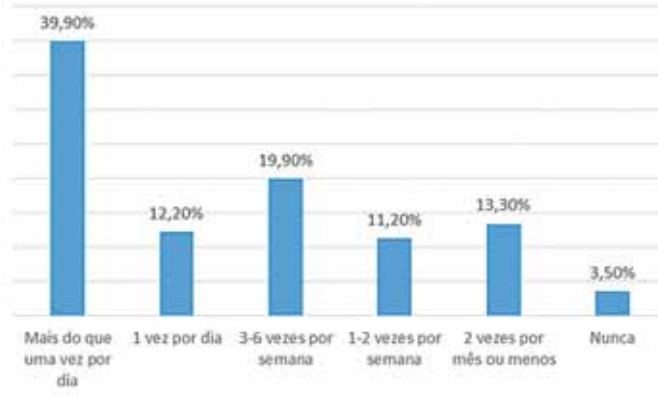


Figura 4: Audição da emissão em streaming direto
Fonte: Adaptado de Portela, 2015, p. 225

Figura 5: Print screen da página de entrada do site Soundscope Lab

respondentes sugerem não apenas uma vontade por maior interatividade como também uma expectativa relativamente à disponibilização de maior variedade de conteúdos não lineares.

COMO RIMAR A POESIA DA RÁDIO COM A INTERNET?

Precisamente num livro intitulado *The poetry of radio*, Seán Street sugere que "qualquer que seja a plataforma utilizada para transmitir ou que os ouvintes adotem, a premissa básica – quase primitiva – continua a ser o desejo de contar – e de receber – *estórias*" (Street, 2014, p. 118). Por este prisma, o regresso ao desejo e ao prazer de ouvir pode passar por uma reinterpretação dos sons que há nas imagens que hoje nos enchem o olhar como se dispensassem o ouvido. A proposta de Seán Street – que pode ser tomada como uma proposta de retorno à magia da mensagem invisual – é a de explorar "a poesia do som puro".

É numa tentativa de aproximação a este desafio que se situa o mais recente investimento do projeto Estação NET, o Soundscope Lab. Fundado na ideia de criar um espaço dedicado à experimentação sonora e à exploração de novas possibilidades narrativas, este laboratório de sonoridades (acessível em http://www.soundscopelab.org) foi desenhado para estimular a produção de conteúdos exclusivamente sonoros e promover uma experiência acústica original. Segmentado em quatro áreas de produção distinta (Figura 5), o Soundscope Lab recupera "sons em perigo", reconfigura "paisagens sonoras", enquadra "histórias de vida" e destaca os "sons da semana".

Com um caráter marcadamente experimental, este espaço visa reforçar a ideia de que a Internet não tem que ser um lugar exclusivamente visual. Estar "de ouvidos no futuro", como recomenda Luís António Santos num texto em que afirma que "o desafio pode ser começar de novo", reclama "a reafirmação de uma marca sonora distinta" (2015, p. 200). Encontrar um modelo de negócio que viabilize este investimento é apenas um dos problemas que faltará resolver. O maior, porém, é o da literacia do ouvir, porque, numa sociedade que endureceu o ouvido, é preciso reaprender a experiência acústica, para voltar a ver na rádio o valor do que não se vê. JJ

O acesso aos lugares "habitados" pela rádio tradicional no ciberespaço não significa ainda uma migração total da escuta do hertziano para a web

Referências

- Gervereau, L. (2003). Histoire du visuel au XXème siècle. Paris: Éditions du Seuil.
- Hendy, D. (2013). Noise. The human history of sound & listening. London: Profile Books.
- Lewis, P. & Booth, J. (1989). The invisible medium. Public, commercial and community radio. Washington: Howard University Press.
- Oliveira, M. (2014). Dissonâncias e ressonâncias: a rádio na frequência da Internet. In L. Oliveira & V. Baldi. Dissonâncias da sociedade em rede (pp. 211-228). Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Pease, E. & Dennis, E. (Ed.) (1995). The forgotten medium. New Burnswick: Transaction Publishers.
- Portela, P. (2015). A voz do utilizador na mediamorfose da rádio: a interatividade e os consumos radiofónicos do início do século XXI. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Reis, A. I. (2014). Radio news on the internet: is sound still dominant? In M. Oliveira; G. Stachyra & G. Starkey (Eds.) Radio: the resilient medium (pp. 41-52). Sunderland: Centre for Research in Media and Cultural Studies.
- Santos, L. A. (2015). Rádio e Internet. O desafio pode ser começar de novo. In M. Oliveira & N. Prata (Eds.) Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários (pp. 189-202). Braga: CECS.
- Shafer, R. M. (1994). Our sonic environment and the soundscape. The tuning of the world. New York: Destiny Books.
- Street, S. (2014). The poetry of radio – the colour of sound. London: Routledge.

O lugar do som nos sites das rádios

Texto **Ana Isabel Reis**

Introdução

A rádio permite-nos ver com os ouvidos. E na Internet, ouvimos o que vemos? Os sites das rádios apelam ao olhar e o som perde-se na multiplicidade de imagens que enchem o ecrã. A rádio na Internet já não é algo para ser apenas ouvido, corta-se o 'cordão auditivo' que ligava o ouvinte à telefonia. Hoje, falamos de rádio, mas, simultaneamente num meio hipermédia, onde diversos recursos e linguagens formam uma nova narrativa que não é apenas sonora e que também se lê e vê. Se a rádio continua a ser feita para ouvidos, as páginas das emissoras são agora feitas mais para os olhos do que para os ouvidos. Os sites são sobretudo visuais: repletos de imagens, vídeos, fotografias, títulos apelativos, cor, movimento.

O som é a essência da rádio, é o que a define. Na Internet, é apenas um dos muitos recursos que pode ser utilizado. É uma mera opção: abrimos o site, vemos, lemos, e podemos, eventualmente, clicar no áudio e ouvir. O som é, também ele, secundarizado, embora seja, ainda, o mais utilizado nos conteúdos jornalísticos nos sites de rádio como se comprova no estudo que aqui se apresenta.

Na homepage das rádios o ícone de acesso à emissão em direto é, por vezes, pouco visível e o do áudio nem sempre aparece nos destaques da página, sendo remetido para a página secundária que se abre ao segundo clique para ler a notícia na íntegra. Mas se aparentemente o som não é visível, é ainda o recurso que domina as notícias nos sites das rádios. O recurso transposto da rádio-mãe, que já passou em antena e agora é alojado na notícia do site.

As rádios começaram por ver na internet uma ameaça, depois um aliado na reprodução dos seus conteúdos, finalmente como um complemento

Inicialmente, os conteúdos radiofónicos eram literalmente transpostos para os sites, mas decorridos 20 anos sobre a entrada da rádio na web era expectável uma evolução em que a rádio tradicional e o seu site tivessem produtos distintos. No entanto, os exemplos de shovelware ainda são comuns, em parte devido ao desinvestimento no ciberjornalismo (Bastos, 2010), agravado, mais recentemente, por uma crise económica que se fez sentir também nos media e, em particular, nas rádios. A redução de jornalistas nas redações, a queda nas receitas publicitárias, a dificuldade em encontrar novos modelos de negócio também contribuem para a actual situação, mas, apesar de tudo, as rádios vão apresentando alguns produtos inovadores e diferentes.

Se por um lado a tecnologia digital favorece a diversificação dos conteúdos e narrativas multiplataforma, por outro lado a facilidade em transferir conteúdos de um media para outro faz com que haja o risco de haver uma replicação de conteúdos (Starkey & Crisell, 2009:125-126) que se agrava num contexto de concentração da propriedade dos media.

Apesar das novas tecnologias e de todos os recursos ao dispor, na essência, o jornalismo continua a responder à pergunta: "O que acontece no mundo?" (Traquina, 2002:10). Também a rádio não se restringe à tecnologia, transforma-a em conteúdo, em linguagem sonora (Herreros, 2011:72). A rádio amplia as suas potencialidades no meio digital em que o som pode adquirir novas expressões e aliar-se a outros recursos criando novas linguagens. As rádios começaram por ver na internet uma ameaça, depois um aliado na reprodução dos seus conteúdos, finalmente como um complemento. A muitas falta dar o passo seguinte: a internet potencia a produção de outro tipo de conteúdos, de conteúdos hipermédia - sem que isso signifique a capitulação do que define o média-mãe, no caso da rádio, o som.

Apesar de a rádio ser agora visualizada num ecrã os investigadores continuam a defender que é o som que a identifica (Starkey & Crisell; Herreros), é a identidade da rádio seja qual for o meio, a plataforma ou o dispositivo

Áudios e players dos sites

que a audiência utiliza. Ou seja, porque todos os meios são multimédia e interactivos é a predominância do som que distingue a webrádio dos outros meios online. Cabe à rádio oferecer novas experiências auditivas, outras criações sonoras nascidas da fusão da rádio com a web.

Na Internet dominada pela imagem qual o lugar do som? Quais as suas características e funções? O RM da rádio equivale ao áudio das notícias na Internet? O que os distingue e o que os une? Como é que as rádios usam o som nos seus sites? O objetivo deste estudo é o de fazer a caracterização do áudio nas cibernotícias das rádios. Assim, foram analisados os Destaques nos sites de três rádios portuguesas de âmbito nacional e com conteúdos informativos na Internet: Rádio Renascença, TSF e Antena 1. Foram observadas 399 notícias que estavam nos Destaques no período de uma semana no ano de 2013. Os resultados obtidos permitem fazer uma caracterização do áudio das notícias nos sites das rádios e estabelecer uma linha de evolução tendo por base um estudo anterior e que foi entretanto atualizado de forma a acompanhar a evolução dos websites (Reis, 2015). Ao todo, nos três anos, foram estudadas 1.127 notícias sob a perspectiva do áudio.

O áudio das notícias

Na homepage de cada estação o ícone da emissão em directo tem uma localização idêntica nos diferentes sites das rádios. É visível, mas a sua acessibilidade é variável, obrigando o webouvinte a clicar duas e três vezes até chegar à emissão ou a instalar previamente algum programa compatível.

Nas notícias com som nem sempre o ícone do áudio é assinalado junto ao título ou ao lead da notícia. Por vezes, o player só pode ser ativado depois de aberta a notícia, ou seja, com um terceiro clique; ou o palyer dispara mal se abre a página, não com o som da notícia, mas com a publicidade que o antecede.

No período em análise, 2013, é notório que o som é ainda o recurso mais frequente nas notícias dos sites das três rádios. O conjunto das notícias só com áudio e áudio e fotografia somam 47,9 por cento. Se forem contabilizadas todas as notícias que tenham som, mesmo que associado a outros recursos como o vídeo ou a infografia, o total é de 51,6 por cento. Ou seja, o som está presente na grande maioria das notícias em destaque nos sites das rádios. As notícias que têm vídeo, mesmo que aliado a outros recursos, perfazem 30,3 por cento dos conteúdos só nos Destaques. Fora desta secção a presença do vídeo é muito maior em espaços criados para o efeito e que têm os seus próprios destaques vídeo, ou localizados noutro ponto da homepage.

Neste período de análise, não foram encontradas nos Destaques, notícias que apresentem todos os recursos (fotografia, áudio, vídeo, infografia, etc). Porém, elas têm áreas exclusivas em cada site, nas secções em que se abordam grandes temas planeados e executados com antecedência, ao contrário do que acontece com as hardnews dos Destaques do topo de página.

Resta referir que as notícias apenas de texto perfazem 21,8 por cento no total dos três websites. Uma percentagem elevada que pode ser justificada pelo facto de serem, frequentemente, notícias de última hora que só mais tarde são atualizadas e complementadas com recursos multimédia; outra explicação poderá residir na editoria da notícia, fruto da crise que Portugal atravessa: Política e Economia em que as fontes são, muitas vezes, documentos oficiais, relatórios, jornais ou outras fontes escritas, pelo que a primeira notícia publicada é quase sempre de texto.

Na Internet as emissoras podem ultrapassar uma das suas limitações: o tempo. O site surge, assim, como um

É a predominância do som que distingue a webrádio dos outros meios online. Cabe à rádio oferecer novas experiências auditivas, outras criações sonoras nascidas da fusão da rádio com a web

Tanto os ícones da emissão em directo como o dos áudios não estão destacados, surgem por justaposição ou na página secundária da notícia

espaço infinito em que se podem agrupar todos os sons, todos os desenvolvimentos, todas as perspetivas. Assim, julgou-se pertinente verificar-se quantos áudios cada notícia apresenta. Numa primeira análise, pode-se concluir que uma das principais mais-valias da Internet para a rádio está a ser subaproveitada já que a maioria das notícias analisadas tem apenas um áudio. As que incluem mais do que um são as das notícias que se prolongam no tempo ou as notícias fortes do dia. A maioria das notícias tem um áudio: 57,8 por cento. As que têm dois representam 7,1 por cento; com três chegam aos 3,7 por cento; e com quatro áudios somam 1,4 por cento. Notícias com cinco ou mais não foram registadas no período em análise, o que também pode indiciar que o site não é usado nem como uma memória a curto prazo (que funciona como uma mais-valia de contextualização na efemeridade dos fatos da atualidade) nem numa lógica de arquivo sonoro da própria rádio. Isso mesmo é confirmado com uma análise às notícias relacionadas, ou seja, os link para as notícias em arquivo relacionadas com a temática da notícia em Destaque. Em 2013, das 383 notícias apenas 164 tinham áudio.

Relativamente à duração do áudio os resultados obtidos contrariam a perceção do soundbite tão correntemente associado ao jornalismo e, em particular, ao som da notícia. Medido o tempo de cada áudio a realidade vai no sentido contrário. O soundbite de 10 segundos tem uma pequena percentagem de 2 por cento que contrasta com os áudios de mais de 1 minuto que atingem os 34,9 por cento. Nota a reter, é o facto dos que têm 30 e 40 segundos somarem 31,5 por cento o que pode indiciar que os sons alojados no site podem ser exatamente os mesmos que passam nos noticiários da rádio tradicional. Isto porque o tempo médio ideal definido pelas redações para o RM ronda os 30 a 40 segundos. Os sons demasiado curtos são por vezes evitados, porque nem sempre são devidamente percecionados na escuta secundária do ouvinte. A elevada percentagem de áudios com 1 minuto ou mais resulta, em parte, do facto de alguns serem reportagens inseridas em programas de informação ou excertos de debates ou entrevistas.

Quanto à linguagem radiofónica verificou-se que há predominância de um único componente: a palavra. Ou seja, nas notícias em Destaque não há interação dos componentes da linguagem radiofónica (palavra, ruídos ou efeitos, música e silêncio).

A Declaração é a mais usada nas notícias em Destaque: 65,9 por cento. A peça de texto só com a voz do jornalista alcança os 7,5 por cento. As peças com RM são apenas 3,5 por cento do total. A Reportagem representa 19,2 por cento dos áudios. Há claramente um predomínio da palavra em desfavor dos restantes componentes. Estes apenas surgem na Peça com ambiente sonoro ou sonorizadas (1,2%) e na Reportagem com ambiente sonoro ou sonorizada (1,6%) que juntas perfazem 2,8 por cento. A Entrevista integral tem 1,2 por cento e pode concluir-se que os sites das rádios analisadas não utilizam a Entrevista em blocos: alojam-na na íntegra e não a fragmentam em parcelas temáticas como seria apanágio no meio digital.

Os áudios são, por larga maioria, vozes dos intervenientes da notícia sobretudo nas hardnews do dia-a-dia. A linguagem radiofónica, com toda a sua carga expressiva, praticamente não se encontra nas notícias em Destaque. Mas os quatro componentes são utilizados em trabalhos de grande envergadura como as Grandes Reportagens ou em Rubricas que estão alojadas noutras secções dos sites. Nas notícias do dia-a-dia, imperam as declarações enquadradas pelo texto e som ambiente surge mais como cenário sonoro em fundo enquanto o repórter faz o seu relato, isto é, não têm propriamente uma função expressiva na mensagem jornalística.

Finalmente, o áudio foi analisado na perspetiva da complementaridade em relação ao texto. Na rádio tradicional o som e o texto têm funções distintas, não se podem

Homepages dos sites

sobrepor em termos de conteúdo, as informações da notícia são repartidas entre o lançamento, o som, e o fecho. O que se pretendeu apurar, é se isso também se verifica entre o áudio e o texto das notícias nos sites. A grande maioria não repete as informações que se leem no texto que os enquadra: 91,5 por cento são complementares e 8,5 por cento são redundantes em relação ao texto que os transcreve, tornando dispensável clicar no player para os ouvir.

Tendências

Nos últimos anos a presença do áudio (todas as notícias com áudio) tem vindo a diminuir. Dos 82,9 por cento em 2008 caiu para os 51,6 por cento em 2013. Em contrapartida as que têm só vídeo aumentaram: do zero em 2008 chegaram aos 26,6 por cento em 2013, embora neste último ano o vídeo apareça sobretudo fora dos Destaques pelo que a sua percentagem global deva ser superior. Outro dado a reter: as notícias só de texto aumentaram de 17 por cento em 2008 para os 21,8 por cento em 2013.

Relativamente ao número de áudios que uma notícia agrega verifica-se um decréscimo no número de sons alojados às notícias: com um áudio 64 por cento em 2008 e 57 por cento em 2013; com 5 ou mais de 5 áudios passa-se dos 0,7 por cento em 2008 para um valor zero em 2013.

O soundbit raramente é utilizado e a tendência vai o sentido de uma menor utilização: 3 por cento em 2008 e 2 por cento em 2013.

Quanto à expressividade sonora, a evolução demonstra que a reportagem e peça com ambiente sonoro ou sonorizadas estão a desaparecer: de 4,7 por cento em 2008 cai para 2,8 por cento em 2013. Assiste-se ao domínio da palavra, a voz do protagonista sintetizado na Declaração: 65 por cento nos três anos.

Finalmente sobre a complementaridade tem-se registado uma evolução positiva em que som e texto se complementam cada vez mais.

Conclusões

A Internet é um meio dominado pela imagem e quando se abrem os sites das rádios o primeiro impacto é visual, o som é apenas uma opção. Numa primeira apreciação pode-se concluir que utilização do áudio nas notícias nos sites das rádios vai de encontro à primeira perceção visual da homepage dos sites das rádios: o som é secundarizado no design da homepage. Apesar de ser o recurso dominante é cada vez menos utilizado em favor do vídeo ou da notícia 'seca' sem qualquer elemento multimédia. E a tendência aponta para uma secundarização do som não apenas no design das homepage mas também nos conteúdos nos sites das rádios. Tanto os ícones da emissão em directo como o dos áudios não estão destacados, surgem por justaposição ou na página secundária da notícia, isto é, depois de um segundo clique.

Duas décadas depois da entrada das rádios portuguesas na Internet pode afirmar-se que o som está subvalorizado nos sites das rádios, que há um subaproveitamento das potencialidades da Internet nas possibilidades hipermédia, de arquivo, mas também na criação de novas narrativas sonoras. A Internet entendida como um novo universo sonoro que abre portas a experiências auditivas ainda está numa fase embrionária. JJ

Bibliografia

- Bastos, H. Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Quinze Anos (1995-2010), Edições Afrontamento, Porto, 2010
- Crisell, A. Understanding Radio. London: Routledge,1994
- Hendy, D. (2004) Radio in the global age, Cambridge: Polity Press
- Herreros, C. La radio en el entorno de las multiplataformas de comunicaciones. Rádio-Leituras. 2011, in http://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrian-herreros-pt.pdf
- Reis, Ana Isabel (2015) O áudio nas cibernotícias das rádios, Media XXI Formalpress, Porto
- Starkey,G., Crisell, A. Radio Journalism, Sage, London, 2009
- Traquina, N. Jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002

Projeto RadioActive
Aprender a fazer rádio aprender para a vida

Ensinar crianças e jovens em contextos desfavorecidos a produzir rádio é um dos objectivos do RadioActive, um projeto que nasceu no Reino Unido e está em Portugal há três anos, em parceria com o programa Escolhas. Na realidade, a rádio é entendida como uma ferramenta educativa para trabalhar questões mais vastas como a literacia para os media, o empoderamento de comunidades e o desenvolvimento de competências sociais diversas.

Por **Maria José Brites e Ana Jorge** [1]

O RadioActive é um projeto educativo que usa a rádio na internet como uma oportunidade para capacitar as comunidades em que é desenvolvido para abordarem assuntos de cidadania. Atualmente, a RadioActive101 – a rádio do projeto, em http://pt.radioactive101.eu – conta com a participação de 10 centros de jovens apoiados pelo Programa Escolhas. Tem servido de inspiração para outros projetos, designadamente na criação de rádios em escola, como acontece atualmente na Escola Secundária de Alexandre Herculano, no Porto.

Depois de, em 2013 e 2014, o RadioActive Europe ter sido financiado pelo programa Aprendizagem ao Longo da Vida da Comissão Europeia para a implementação em cinco países europeus (Reino Unido, Roménia, Alemanha, Malta e Portugal), em finais de 2014 o projeto foi reconhecido pelo Prémio Inclusão e Literacia Digital da Rede TIC e Sociedade, para a expansão da rede entre fevereiro de 2015 e janeiro de 2016. Além de formação técnica a monitores de inclusão digital, o RadioActive cede equipamento de rádio e acompanhamento das atividades por um grupo de investigadores. Foram também promovidas as visitas dos grupos de jovens a meios de comunicação social, especialmente a rádios.

Na fase prévia do projeto, o enfoque foi o de promover o envolvimento, a aprendizagem informal e a empregabilidade de pessoas em risco ou em exclusão do ensino e de vida profissional ativa. Os públicos-alvo têm sido distintos: na Alemanha o RadioActive tem sido desenvolvido junto de comunidades inter-geracionais; já em Portugal e no Reino Unido as populações-alvo têm sido as crianças e os jovens. Assim, em Portugal, a parceria com o Escolhas, que coincidiu com a sua quinta geração, foi um passo natural, já que este programa governamental apoia, desde 2001, projetos que se destinem à inserção de crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade, atuando para a sua capacitação educativa e cívica.

A metodologia que tem sido usada por todos os envolvidos, desde a primeira fase, segue os princípios da investigação ação-participação, muito influenciada pelo trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. O projeto centra-se nas particularidades de cada comunidade em que atua, de forma a que os participantes estejam ativamente presentes nos processos de discussão, análise e produção dos conteúdos da rádio. Assim, o desenvolvimento de competências está intimamente ligado a um processo de diálogo. Desta forma, a educação para a produção de rádio é a parte mais visível de um processo de envolvimento e capacitação para discussão dos temas relevantes para cada comunidade, ao mesmo tempo que amplifica as suas possibilidades de se fazerem ouvir por outros grupos. Os temas que as crianças e os jovens têm desenvolvido são muito diversos e incluem emissões dedicadas a assuntos como Associativismo e voluntariado, Educação, Cultura, Media, Desporto, Talentos, Discriminação e Música.

Estando este projeto alinhado com as diretrizes da agenda europeia para os próximos anos, ao nível da educação informal, educação ao longo da vida e da aposta numa investigação ativa com dimensão social, os promotores continuam a procurar soluções para que a rádio e os trabalhos junto das comunidades possam sobreviver no tempo. Esta dimensão é fundamental, uma vez que é no longo prazo que se conseguem mais resultados positivos com os participantes e as comunidades . JJ

1) *As autoras são também investigadoras do projeto RadioActive, a partir do Centro de Investigação Media e Jornalismo. Maria José Brites coordenou o RadioActive Europe em Portugal e Ana Jorge coordena atualmente o RadioActive Portugal.*

1. Crianças ouvem a emissão da RadioActive101 no Escolhe Vilar, em Vila Nova de Gaia.

"Nenhum de nós tinha experiência anterior em rádio, tivemos de aprender tudo, mas aprendemos todos ao mesmo tempo, crescemos juntos neste projeto, o que é muito positivo."

Teodoro Freitas, monitor do Centro de Inclusão Digital [CID] do Escolhe Vilar, Vila Nova de Gaia

2. Emissão do projeto Catapulta, no Porto. "Naturalmente, e mesmo após dois anos de trabalho [do Catapulta E5G no RadioActive], nem tudo foram sucessos. É verdade que os jovens se apropriaram de um conjunto de capacidades necessárias à realização de programas de rádio que passam pela preparação de entrevistas, redação de crónicas, construção de beats e músicas originais e dominam já muitos dos procedimentos necessários à realização da emissão online. No entanto, o projeto Catapulta e os seus técnicos debatem-se ainda com dificuldade de criar um ambiente propício ao desenvolvimento de uma cultura crítica em relação aos media que impulsione os jovens a pensar de forma original e pessoal nos conteúdos que pretendem transmitir."

Joana Alves dos Santos, monitora CID do Catapulta, Porto

3. Primeira emissão ao vivo da RadioActive101, conduzida pelo projeto Metas, no Porto.

"A equipa da RadioActive101 foi lançando sucessivamente novos desafios, como por exemplo, fazer algumas emissões parcial ou inteiramente em direto e este foi um momento importante por dois motivos: permitiu ao jovens tomarem consciência de que eram capazes de responder positivamente ao desafio e também porque favoreceu o seu contacto com a comunidade e instituições próximas, que validaram e reconheceram as capacidades dos jovens e a importância da rádio para a dinamização comunitária. As aprendizagens retiradas desta experiência são imensas e serão certamente revisitadas e aplicadas pelos participantes noutros momentos da sua vida pessoal, escolar ou profissional."

Patrícia Costa, coordenadora do Metas E5G, Porto

4. Crianças do OrientaTe, Rio de Mouro, entrevistam Daniel Fontoura, locutor da Mega FM, durante visita às instalações do Grupo Renascença.

"A promoção da inclusão digital no âmbito do Programa Escolhas teve início em 2004, através da constituição de uma medida específica, face à crescente importância atribuída às novas tecnologias, prevendo-se o desenvolvimento de Centros de Inclusão Digital. Projetos no campo da educação para os media, tais como o RA, têm permitido explorar novas formas de inclusão social, impactando o modo como os jovens percecionam o mundo digital, e consequentemente como interagem e participam na sociedade em geral, potenciando paralelemente a promoção de outras competências transversais."

Paulo Jorge Vieira, gestor nacional do Programa Escolhas para a Inclusão Digital

5. Jovem participante do OrientaTe, Rio de Mouro, entrevista psicóloga da APAV sobre o tema da violência.

"A participação no RadioActive tem ajudado a desenvolver muitas mais competências para além das digitais: competências de comunicação e expressão, nomeadamente as orais e as escritas; de planificação e de execução, autoestima, trabalho em grupo, criatividade. Tem permitido às nossas crianças e jovens experimentar novas sensações, chegar a novos conhecimentos, alcançar novas visões sobre o que pode ser o seu próprio futuro."

Joana Dias, monitora CID do OrientaTe, Rio de Mouro

Paula Cordeiro, Provedora do Ouvinte RTP

"O serviço público de rádio precisa de um estudo qualitativo"

Paula Cordeiro é provedora do ouvinte dos canais de rádio do grupo RTP desde meados de 2012. Completa o segundo mandato de dois anos como provedora no Verão de 2016, e já não poderá ser reconduzida. Com mestrado em Rádio e Internet e doutoramento em Programação Radiofónica, Paula Cordeiro é docente das cadeiras de Rádio e Multimédia, Media Digitais ou Gestão Estratégica de Plataformas Digitais, no ISCSP. Integra também a organização da conferência internacional Radiodays Europe, que se realiza em Março de 2016, em Paris. Nesta entrevista à Jornalismo & Jornalistas, a provedora do ouvinte da RTP analisa as virtudes e os desafios do serviço público de radiodifusão.

Por **Mário Rui Cardoso** [Texto e Fotos]

Como avalia o serviço público de rádio que tem vindo a ser prestado pela RTP?

Em traços gerais, o serviço público de rádio é bom, cumpre os parâmetros, consegue ter a satisfação da maioria dos ouvintes e isso é, aliás, visível pelas audiências, que têm crescido nos últimos anos e são o indicador que temos do sucesso ou do relativo sucesso da rádio. Penso que talvez não fosse má ideia desenvolver um estudo qualitativo para perceber exactamente o que a audiência espera e deseja da Antena 1, Antena 2, Antena 3 e dos restantes canais de serviço público. Teria de ser um estudo não apenas com um painel representativo mas com uma amostra relevante, e acima de tudo com uma amostra do público que não ouve a Antena 1 e os restantes canais. Penso que tentar perceber porque é que as pessoas não têm ligação aos canais da rádio pública seria uma forma de conseguir chegar até essas pessoas. Porque os canais da rádio pública já chegam a muita gente mas poderiam chegar a muito mais pessoas. A rádio pública deveria ser muito mais relevante, à semelhança do que acontece nos países do Norte da Europa. Não estou a dizer que a rádio pública não é relevante, mas em comparação com canais que são exclusivamente ou principalmente musicais [RFM, Rádio Comercial e Rádio Renascença, os canais que lideram], os canais da rádio pública ficam um pouco abaixo em termos de métricas e de audiências. O que demonstra que há talvez um desenquadramento da programação ou um desinteresse da população em geral por conteúdos de palavra, por conteúdos mais relevantes. Por outro lado, quando passamos para o "online", verificamos que são exactamente os conteúdos de palavra aqueles que o público mais procura. São esses que estão no top das descargas e das escutas no RTP Play. Portanto, há aqui um desfasamento que é preciso entender.

Talvez não seja apropriado medir a qualidade do serviço público apenas pelas audiências.

Não é de todo apropriado medir a qualidade pelas audiências, mas sim pelo tipo de conteúdos apresentados. Esses conteúdos têm de ser analisados em relação ao contrato de concessão e à própria missão de serviço público, mas a percepção qualitativa é muito subjectiva. Muitas vezes as queixas dos ouvintes que me chegam estão directamente relacionadas com essa noção completamente subjectiva de qualidade, e daquilo que é a missão de serviço público, em relação ao pluralismo, à diversidade, à defesa da língua e da cultura portuguesa, e também às audiências. Por exemplo, no caso da música, chegam-me muitas queixas de ouvintes que consideram que há pouca música portuguesa na rádio pública. Mas quando analisamos as percentagens, em algumas circunstâncias elas atingem os 99% - o restante 1% justifica-se por programas de autor ou circunstâncias excepcionais, como a morte de um artista, que leva a que, durante um dia, haja mais atenção a esse artista, mesmo sendo estrangeiro. Por isso, há um desfasamento na noção de música portuguesa, que os ouvintes e a população em geral consideram que é a música cantada em português, e não é. Também é música portuguesa, por exemplo, aquela que reflecte a cultura e as tradições portuguesas, mesmo sendo feita por um francês. A lei e as quotas de música portuguesa assentam numa definição de música portuguesa bastante diferente do que é a consideração geral sobre música portuguesa. Esse é um exemplo da discrepância entre aquilo que é feito e aquilo que é percepcionado pela audiência.

Penso que um dos grandes problemas da avaliação do serviço público de rádio passa por tentarmos perceber o que realmente é feito e qual é a percepção real daquilo que é feito. E acho que, nesse aspecto, a RTP falha um pouco, sobretudo ao nível da comunicação. Não se comunica rádio, e quando se comunica comunica-se a marca. Comunica-se Antena 1, Antena 2 e Antena 3, comunica-se o posicionamento, mas não se comunica aquilo que se faz e porque se faz. Nem se comunicam as pessoas que fazem. Nós não sabemos quem são as pessoas que estão aos microfones ou que produzem a Antena 1. Se pesquisarmos pelos nomes no Google, não conseguimos encontrar grande informação. As pessoas gostam de saber quem são as pessoas que estão do outro lado, pela voz que ouvem e por aquilo que podem saber em relação a essas pessoas. A esse nível, a RTP poderia fazer muito melhor, porque fá-lo para a generalidade dos profissionais da televisão, mas não o faz para a generalidade dos profissionais de rádio.

"A RTP falha um pouco ao nível da comunicação. Não se comunica rádio"

"Os maiores problemas desta casa não estão ao nível do conceito ou dos elementos que compõem a missão de serviço público, mas sim de questões muito práticas, relativas às rotinas profissionais"

Que parâmetros de serviço público pensa que estão a ser cumpridos? Já referiu alguns, como a diversidade, o pluralismo ou a atenção à música portuguesa.

Em traços gerais, penso que todos estão a ser cumpridos. Talvez a atenção às minorias seja o mais deficitário, mas mesmo esse aspecto conseguimos encontrá-lo na programação. Uma das grandes discussões em torno do serviço público não passa tanto pela conceptualização de serviço público, por percebermos como é que a diversidade se materializa, mas mais por uma discussão em termos de conteúdos. Quando discutimos se o conteúdo "a" é ou não serviço público não estamos a ter em consideração em que categoria da missão de serviço público esse conteúdo se insere. E isso enviesa logo a discussão, porque estamos a

falar mas não sabemos do quê. Acho que fazia falta uma discussão sobre serviço público que explicasse o que é esse serviço. Eu tento fazê-lo nos programas do provedor de uma forma quase pedagógica mas com limitações, porque os programas também têm de ser interessantes, não podem ser abordagens teóricas, senão ninguém os ouve. Por isso remeto mais essa "pedagogia" para os relatórios anuais do provedor, nos quais tendencialmente acabo por dissecar o que é o serviço público e o que é isso dos conteúdos integrados no serviço público.

Penso que os maiores problemas desta casa não estão ao nível do conceito ou dos elementos que compõem a missão de serviço público, mas sim de questões muito práticas, relativas às rotinas profissionais, e ao nível da forma como a instabilidade de que a empresa tem sido alvo, nos últimos anos, acaba por afectar essas rotinas. Para mim, desde que aqui entrei, esse é de facto o grande problema da RTP em geral, não apenas da rádio em particular. Em suma, penso que o serviço público é cumprido, os diferentes aspectos do serviço público estão presentes na programação, no seu dia a dia - mesmo que às vezes pareça ao público que não estão -, e se não estão mais ou melhor é porque há questões práticas, das rotinas profissionais, que acabam por ser afectadas por factores externos à empresa. Há uma instabilidade que tem afectado, ao longo do tempo, a própria administração da RTP e, por consequência, quem está no terreno a trabalhar todos os dias.

Em que medida o serviço público de rádio presta um serviço diferenciado? Se olharmos para a Antena 2 isso é muito óbvio, mas como é no geral?

É muito óbvio na Antena 2 porque é o único canal de música clássica no país inteiro, e portanto a diferenciação faz-se essencialmente por aí. Mas é óbvio também nos restantes. Na Antena 1, pelos conteúdos de palavra e pelo facto de a música ser essencialmente portuguesa. Nós temos conteúdos na Antena 1 que não encontramos nas outras estações de rádio. Um exemplo pode ser um conteúdo que esteve para acabar [programa Viva a Música] mas não acabou e é dedicado exclusivamente à música portuguesa. Temos outros conteúdos que são uma espécie de arqueologia da música portuguesa. Outros voltados para o consumidor, outros para a preservação do meio ambiente e de comportamentos sustentáveis. Temos um conjunto de conteúdos na Antena 1 que a diferenciam imediatamente das outras.

"A rádio está um pouco depauperada e chega a estar deficitária"

"O serviço público não é necessariamente uma garantia de qualidade, mas é uma garantia de que existe representatividade e pluralismo (...) e não apenas a defesa de interesses político-partidários e económicos na comunicação social"

A Antena 3 tem um posicionamento completamente diferente das restantes rádios dirigidas a jovens, ou das que não são dirigidas a jovens mas têm uma comunicação ainda jovem, dirigida ao jovem adulto. Também há muito mais música portuguesa na Antena 3 do que nos restantes canais de música em Portugal, e há muitos programas temáticos na Antena 3 que vão ao encontro de diferentes estilos e interesses. Neste momento, a Antena 3 tem um posicionamento que a torna um pouco mais abrangente do ponto de vista cultural. Ela procura reunir conteúdos muito diversificados que são exemplos claros da cultura contemporânea, uma cultura urbana que existe no nosso país mesmo em zonas consideradas rurais. Já temos uma cultura cosmopolita no país inteiro, com inúmeras iniciativas em todo o país que têm reflexo na Antena 3 e não o têm nos canais privados, por força de compromissos comerciais a que estão obrigados e que lhes interessam para a sua rentabilização.

Na RDP África, há um interesse e uma vocação muito claros para tudo o que diz respeito ao continente africano, às suas populações e àquelas que estão no nosso país. Quanto à RDP Internacional, passa neste momento por um processo de reposicionamento para que a antena venha a ser um reflexo daquilo que é a nossa diáspora, que está neste momento um pouco "apagada". A RDP Internacional tem estado muito concentrada naquilo que acontece aqui para transmitir para eles que estão lá. Agora, pelo que consigo perceber, querem perceber o que se passa lá para transmitir a partir daqui. É uma inversão daquilo que se fazia e parece-me que faz todo o sentido.

E no que diz respeito especificamente à informação?
Aí também há diferenças que têm muito a ver com o facto de esta organização, do ponto de vista estrutural, ser mais consistente do que, por exemplo, a TSF, neste momento.
Tem mais meios disponíveis.
Tem mais meios disponíveis e há uma ligação entre rádio e televisão que poderá até nem ser perceptível para o ouvinte, mas nós sabemos que ela acontece. Um exemplo concreto são os correspondentes.
A sua missão consiste, em grande parte, em receber os contactos dos ouvintes. Consegue dizer qual é o grau de satisfação dos ouvintes com o serviço público de rádio?
Não. Por uma razão simples: porque é muito mais fácil criticar do que escrever uma carta de amor. Portanto, grosso modo, por cada dez críticas recebo um elogio, e esse elogio não é suficiente para perceber o grau de satisfação. Se receber menos mensagens, isso pode significar satisfação mas também desinteresse, por isso não tenho como responder a essa questão.
Mas, pelo que me diz, o grau de insatisfação já será talvez mais fácil de medir.
É mais fácil de medir, mas, felizmente, o grau de insatisfação é com questões de pormenor. E quando é com questões conceptuais e de grande dimensão ele é facilmente justificado. Por exemplo, dizem-me: "Há pouquíssima música portuguesa na Antena 1". E eu justifico com as percentagens de música portuguesa que tocou na última semana ou no último mês.

Há três questões recorrentes. A música; o desporto - que se subdivide em duas: "há futebol a mais" ou "deveria haver ainda mais futebol", e a acusação de os relatos e comentários de futebol serem tendenciosos; e a terceira tendência de queixas tem a ver com a política. Isto foi alvo, até, de um programa recente do provedor com o actual director de informação. Em meados de Setembro, discutimos o facto de a informação radiofónica estar "muito conotada com a esquerda". Um mês depois, estávamos a discutir exactamente o mesmo tema porque supostamente estava "muito conotada com a direita". Na segunda discussão, o director de informação recordou a primeira para demonstrar que existe equilíbrio, pluralismo e diversidade. No futebol, tive uma vez uma questão de um ouvinte que criticava o facto de o grito do golo do clube "a" ter sido mais prolongado do que o grito do golo do clube "b". Isso foi-me explicado pelo relator de uma forma muito simples: o golo "a" foi no início do jogo, quando a voz estava mais descansada, e resultou de um lance emocionante, ao passo que o outro não só foi no final da partida, e portanto já a voz estava mais debilitada, como não teve brilhantismo do ponto de vista técnico, e portanto o grito foi menos emocionante. Isto parece-me muito óbvio e lógico, mas, lá está, a emoção sobrepôs-se à razão, no caso da queixa do ouvinte.

De modo que entendo que estes três tipos de queixas, não sendo conceptuais, são da espuma dos dias. Obviamente que há momentos em que a rádio está a dar mais atenção aos partidos de direita, porque há uma situação que o justifica, e talvez noutros esteja a dar mais atenção aos partidos de esquerda, porque estão mais activos e porque nem sempre é possível ter, num determinado momento de rádio, todos os partidos a participar na emissão ou a ser-lhes dada a mesma atenção. Acho que há aqui questões que resultam de um desconhecimento muito grande por parte do público sobre a forma de fazer rádio.
Considera que a rádio tem condições para poder prestar um serviço público de qualidade nos próximos anos?
Tem mas podia ter melhores condições. Falo ao nível técnico e dos recursos humanos, porque a rádio está um

pouco depauperada e chega a estar deficitária. Isso não se nota lá fora porque há um esforço muito grande dos profissionais para colmatar as falhas ao nível dos recursos humanos. E também não se nota muito do ponto de vista técnico para o ouvinte em geral, mas um ouvinte com um ouvido mais crítico, quem tem um conhecimento técnico mínimo, percebe as diferenças entre as emissões da Antena 1, da Antena 2 ou da Antena 3 e as de outros canais privados, em termos de qualidade do som, da estética, de pormenores como dois microfones soarem diferentes durante a mesma entrevista. Isto, aparentemente, são questões de pormenor, mas a imagem acústica de uma rádio é fundamental para ajudar ao seu posicionamento. Sermos capazes de sintonizar aquela estação de rádio onde quer que estejamos é fundamental para as audiências. Termos conforto de escuta, escutarmos sem falhas nem ruídos, é um primeiro passo para o sucesso de uma estação de rádio, e penso que estes aspectos são por vezes desprezados no serviço público.

O problema não será só de disponibilidade de meios mas de deficiente utilização dos meios disponíveis.

São ambas as coisas. Há mesas de mistura com problemas, suportes de microfones que deveriam ser diferentes, etc. Também há um problema com os emissores, que estão a ser revistos, melhorados e reparados, mas é uma tarefa hercúlea e demasiado prolongada, na minha perspectiva. Temos zonas de sombra, aqui em Lisboa, para ouvir qualquer um dos canais, e temos inúmeras queixas de ouvintes das mais diversas localidades no país, dizendo que o emissor "x" "y" ou "z" não está a funcionar ou funciona de forma deficiente. Isto não pode acontecer. Do ponto de vista do "online", estamos lá mas podíamos estar de uma forma mais simples. O "site" da RTP é de tal forma rico que, às vezes, é difícil encontrar o que quer que seja, e isso é um aspecto que poderia ser melhorado. A navegação, a acessibilidade e a própria arquitectura do "site" poderiam ser repensadas, para facilitar. A questão não se coloca ao nível dos conteúdos ou da criatividade para criar conteúdos, mas sim ao nível das pessoas que estão por trás dessa criatividade e que são cada vez menos. Há cada vez mais saídas de profissionais da empresa, embora também existam entradas. Há uma questão de gestão de recursos humanos que grassa na RTP e que me parece um pouco desfasada daquilo que são as reais necessidades. Ou então há uma dificuldade em perceber quais são as reais necessidades e adequar os recursos humanos que a empresa tem a essas mesmas necessidades. Não sou gestora de recursos humanos, não quero meter a foice em seara alheia, mas se temos poucos profissionais de um lado e muitos profissionais do outro, há um desequilíbrio que é preciso corrigir.

Há quem pense que não faz sentido haver um serviço público de rádio ou questione o sentido de existir um serviço público de rádio.

A minha ideia não se pode pôr em prática mas eu gostava que essas pessoas vivessem cinco anos sem serviço público de rádio, e depois podíamos falar. Acho que só sentimos a falta quando perdemos. O serviço público não é necessariamente uma garantia de qualidade, mas é uma garantia de que existe representatividade e pluralismo ao nível da comunicação social, e não apenas a defesa de interesses político-partidários e económicos na comunicação social. Porque se olharmos com atenção para os órgãos de comunicação social privados, todos eles têm uma propriedade, e, directa ou indirectamente, essa propriedade acaba por influenciar o tipo de conteúdos que são apresentados. O público não tem disso a menor noção. O público não sabe porque é que uma determinada notícia é apresentada com um ângulo e não outro. E isso, à partida, no serviço público não acontece. Pelo menos não deveria acontecer, se acontecer é muito mau sinal. Às vezes, o ângulo é um e não outro por causa da perspectiva do jornalista ou do editor que está a fazer, e não por uma influência directa do proprietário. O Francisco Pinto Balsemão disse, uma vez, uma coisa muito interessante: "se um jornal for propriedade de uma empresa de açúcar, não vai publicar notícias sobre os malefícios do açúcar". Eu acho que isto responde claramente à questão que me colocou. Se a RTP fosse detida por empresas que fazem chouriços, alheiras e farinheiras, provavelmente as notícias sobre a recomendação da Organização Mundial de Saúde teriam tido outro ângulo, ou o assunto não teria sido sequer objecto de notícia. Portanto, gostava que os detractores do serviço público vivessem cinco anos sem serviço público, para depois me falarem sobre aquilo que acham.

"Fazia falta uma discussão sobre serviço público que explicasse o que é esse serviço. Eu tento fazê-lo nos programas do provedor de uma forma quase pedagógica"

INATEL HOTÉIS

06 janeiro a 20 março

ESCAPADINHA À BEIRA MAR

INATEL Foz do Arelho Hotel***

DESDE 49,95€

Estada 2 noites
em regime de meia pensão
(2 noites, 2 pequeno-almoços, 2 jantares)

49,95€ SÓCIO
por pessoa em quarto duplo standard

59,95€ NÃO SÓCIO
por pessoa em quarto duplo standard

Condições:
Para reservas efetuadas a partir da data de publicação;
Sujeito à disponibilidade existente;
Não acumulável com outros descontos, promoções e/ou ofertas.

Informações e reservas: 262 975 100 I inatel.foz@inatel.pt

01 fevereiro a 31 março

PROMOÇÃO RELÂMPAGO

INATEL Piódão Hotel****

50% DESCONTO

Faça já a sua reserva
e beneficie de um
desconto de 50%

- Tratamento VIP à chegada no quarto
- Pequeno-almoço Buffet
- Livre acesso ao Health Club
(sujeito a marcação)

Condições:
Mínimo 3 noites *(exclui sábados, carnaval e páscoa);*
Desconto aplicável em regime de APA;
Para reservas efetuadas a partir da data de publicação;
Sujeito à disponibilidade existente;
Não acumulável com outros descontos, promoções e/ou ofertas.

Informações e reservas: 235 730 100 I inatel.piodao@inatel.pt

05 a 09 fevereiro

CARNAVAL

INATEL Piódão Hotel****

DESDE 52,00€* por pessoa em quarto duplo

Programa especial
de 1, 2, 3 e 4 noites

Pequeno-almoço Buffet
Licor Regional de boas vindas no quarto

- **Dia 08**
  Jantar temático (não inclui bebidas)
  Baile de Carnaval – prémio para a melhor máscara
- **Dia 09**
  Almoço Carnaval (não inclui bebidas)

Utilização gratuita da piscina aquecida e ginásio

** Inclui jantar temático e almoço de carnaval*

Condições:
Para reservas efetuadas a partir da data de publicação;
Sujeito à disponibilidade existente;
Não acumulável com outros descontos, promoções e/ou ofertas.

Informações e reservas
235 730 100
inatel.piodao@inatel.pt

13 a 15 fevereiro

DIA DOS NAMORADOS

nos hotéis INATEL

DESDE 70,00€

Surpreenda o seu mais que tudo e celebre o dia dos namorados com um programa romântico que escolhemos especialmente para si.

DESDE **70,00€** 1 noite

DESDE **180,00€** 2 noites

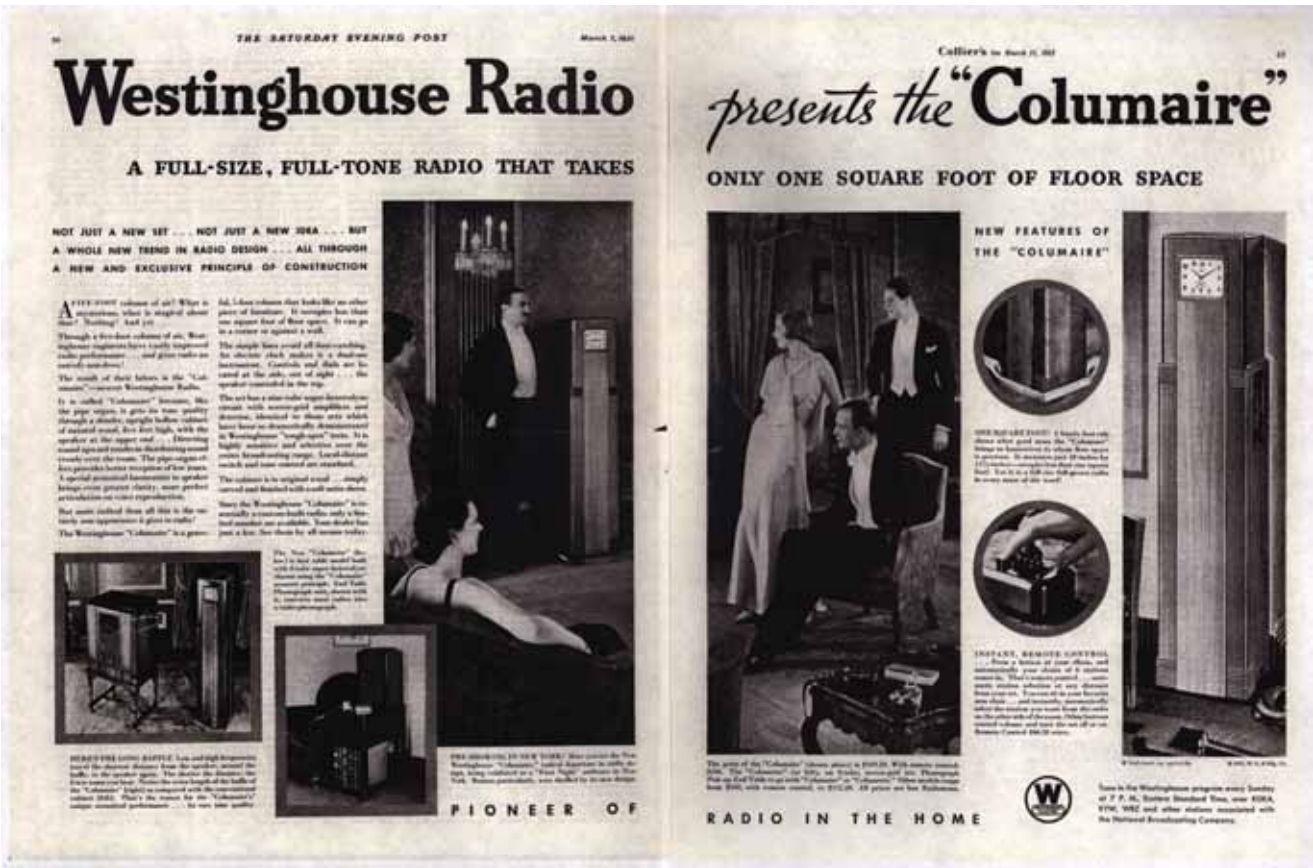
Condições:
Para reservas efetuadas a partir da data de publicação;
Sujeito à disponibilidade existente;
Não acumulável com outros descontos, promoções e/ou ofertas.

Veja os programas detalhados em **www.inatel.pt**

Por Mário Rui Cardoso > marioruicardoso@rtp.pt

www.britannica.com/topic/radio

A HISTÓRIA DA RÁDIO


THE SATURDAY EVENING POST

Westinghouse Radio

A FULL-SIZE, FULL-TONE RADIO THAT TAKES

NOT JUST A NEW SET . . . NOT JUST A NEW IDEA . . . BUT A WHOLE NEW TREND IN RADIO DESIGN . . . ALL THROUGH A NEW AND EXCLUSIVE PRINCIPLE OF CONSTRUCTION

PIONEER OF

Collier's

presents the "Columaire"

ONLY ONE SQUARE FOOT OF FLOOR SPACE

NEW FEATURES OF THE "COLUMAIRE"

RADIO IN THE HOME

Uma minuciosa História da Rádio explanada ao longo de três longas e estimulantes páginas da Encyclopaedia Britannica "online". Começa nas experiências pioneiras de transmissão, na primeira década do século XX, e termina na actual explosão digital, maior desafio para a Rádio desde o advento da Televisão, na década de 1950. Das primeiras experiências com transmissões para grupos restritos de rádio amadores (que tinham de ouvir com auscultadores, porque a rádio em altifalantes, que transformou a experiência de escuta tornando-a comunitária, só se popularizou a partir de 1927). Passando pela suspensão das transmissões, durante a Primeira Guerra Mundial, por razões de segurança das comunicações militares, a que se seguiriam uma retoma e um "boom" da Rádio, depois do fim da guerra. Pelas primeiras estações com programações regulares. As primeiras com patrocínios comerciais.

Estações de rádio, como a Westinghouse, que emitiam programas de música e voz apenas com o objectivo de ajudar a vender os aparelhos receptores, fabricados pela mesma Westinghouse. O abandono da doutrina de "equilíbrio e pluralismo" nas emissões de rádio nos EUA, em 1987. As pressões modernas sobre os serviços públicos de rádio resultantes da explosão das rádios comerciais e do definhamento dos orçamentos. São marcos num caminho já centenário da Rádio, que a Encyclopaedia Britannica percorre neste artigo, atenta à evolução tecnológica da Rádio como à sua apropriação como instrumento poderoso de propagação de mensagens ao longo de todo o século. Um artigo com um bom punhado de clips audio incorporados, pois claro, para se escutar pedaços dessa bela história que aparece descrita nestas três páginas da Britannica.

www.theguardian.com/media/2015/sep/20/the-bbc-is-a-beacon-for-other-broadcasters

"CARTA DE AMOR" À BBC

Sete directores gerais dos serviços públicos de Rádio e Televisão dos países escandinavos (reputados pela qualidade desses serviços públicos, alinhados pelo modelo da BBC) publicaram, em Setembro, no The Guardian, uma carta aberta aos britânicos para que defendam a BBC, porque "nenhuma organização criativa no mundo é tão conhecida [internacionalmente] e desfruta de uma tão grande reputação de qualidade como a BBC".
A carta tem o tom quase de um apelo desesperado, a que se preserve um legado que "nos inspira a todos a fazer melhor, para melhor servir as necessidades das nossas sociedades democráticas".
Os sete responsáveis pelos serviços públicos de Rádio e Televisão da Suécia, Finlândia, Noruega, Dinamarca e Islândia, preconizam uma necessidade crescente dos serviços públicos de rádio e televisão, fruto da crise global, económica e humanitária. São precisas "companhias isentas e confiáveis como a BBC, porque são um elemento vital da infraestrutura democrática, crucial para a informação e educação do público". Os sete invocam o espírito que presidiu ao nascimento da BBC, "livre de interesses políticos e económicos, e tendo como pilares principais a independência e a ideia de colocar os cidadãos em primeiro lugar".
A BBC deve continuar a desempenhar o "papel valioso" de "mãe do serviço público [de Rádio e Televisão]". "A independência da BBC provém do seu passado institucional, da sua cultura, da sua estrutura regulatória, e da forma como são tomadas as decisões sobre financiamentos e isenções. Alterações a este sistema deverão servir para reforçar a sua independência, e não enfraquecê-la. A BBC mostrou uma capacidade impressionante de se adaptar. Sobreviveu à introdução da Televisão, à concorrência comercial, aos novos canais de distribuição, à globalização, à digitalização do espaço comunicacional, à evolução da Internet e do streaming portátil. Ela foi sempre capaz de se redefinir quando confrontada com essas mudanças, mas nunca deixando de manter-se fiel aos seus objectivos e valores fundamentais: a qualidade, a distinção, a diversidade, a universalidade e, acima de tudo, a independência", escrevem.
Na mesma secção do The Guardian "Public Service Broadcasting", um outro artigo dedica-se a verificar com que serviços públicos a BBC compara, afinal. E são escolhidos cinco exemplos: França, Alemanha, Itália, Holanda e Estados Unidos (www.theguardian.com/media/2015/jul/19/public-sector-broadcasting-worldwide-bbc). Uma amostra curta, ainda assim interessante, de como vão os serviços públicos de Rádio e Televisão lá por fora. Sobressaem os casos francês, onde os cortes no financiamento público tiveram como resposta um silêncio da rádio pública durante 28 dias, em Março, e italiano, com o primeiro ministro, Matteo Renzi, a querer transformar a RAI numa das maiores "empresas culturais" do mundo, capaz de competir com a BBC ou a Sky. O caso norte-americano é, também ele, muito curioso, designadamente no que respeita ao seu modelo de financiamento, um combinado de pagamentos federais, estatais e privados. No modelo norte-americano, a principal fonte de financiamento público provém dos impostos e só assegura entre 15% e 20% das necessidades totais de financiamento de todas as rádios e televisões de serviço público nos EUA. Outros fundos importantes são os da National Endowment for the Arts, mas destinam-se apenas a programas específicos. De resto, o serviço público de Rádio e Televisão norte-americano tem de "cantar pela refeição", conforme escreve Paul Owen, neste artigo do The Guardian. E cantar é conseguir patrocínios ou donativos particulares para, por exemplo, manter no ar programas específicos de rádio e de televisão. E funciona! O podcast Serial, de Sarah Koenig, na NPR (http://serialpodcast.org), é um caso de sobrevivência e sucesso através de doações massivas dos seus fãs.

www.bl.uk/collection-guides/radio-broadcast-recordings#

A CUIDAR DA MEMÓRIA RÁDIO DO SÉCULO

Magnífica colecção da British Library, com duzentas mil horas de gravações de rádio desde os primórdios. Uma memória sonora da história britânica desde a década de 1920, construída a partir de todo o género de transmissões, e que permite perceber a evolução social, política e artística do Reino Unido, ao longo de quase um século. A decisão de incluir, na colecção, mais de uma década de transmissões das excelentes Resonance FM (www.resonancefm.com, a partir de 2002) e Touch Radio (www.touchmusic.org.uk/touchradio, a partir de 2005), estações londrinas de pendor artístico e perfis vanguardistas, é bem demonstrativa do critério apurado com que a British Library organizou esta memória radiofónica do século britânico. Adicionalmente, trezentas mil horas de arquivos sonoros da BBC estão disponíveis através de pesquisa nos serviços "online" de Escuta e Visionamento da British Library. Um "luxo" complementado com uma ampla oferta de literatura e recursos "online" destinados a contextualizar os materiais sonoros que são disponibilizados.

http://americanarchive.org

A CUIDAR DA MEMÓRIA RÁDIO TAMBÉM NOS EUA

Em 27 de Outubro de 2015, coincidindo com o Dia Mundial da Herança Audiovisual, decretado pela UNESCO, o arquivo norte-americano do serviço público de Rádio e Televisão (American Archive of Public Broadcasting, AAPB) ampliou a oferta de conteúdos aos cidadãos. Com contributos de mais de uma centena de organizações públicas de media, de todo o país, o novo Online Reading Room da AAPB trouxe a público gravações de programas que, de outro modo, como se refere no comunicado dos promotores dessa ampliação – a Biblioteca do Congresso (www.loc.gov) e a estação pública WGBH, de Boston (www.wgbh.org) –, "teriam tido como destino continuar a acumular pó nas prateleiras". Esta nova oferta de programas de rádio e de televisão norte-americanos, produzidos desde os anos de 1940 até à actualidade, veio somar-se ao já extenso arquivo que abriu, em Abril de 2015, com 2,5 milhões de registos.

www.rtp.pt/arquivo/index.php

O ARQUIVO DA RTP ONLINE

O Portal Arquivo RTP apresenta-se como "janela aberta" para o arquivo histórico da empresa. Organizado em nove Colecções temáticas – Ambiente e Natureza; Arte e Cultura; Ciência e Tecnologia; Desporto; História; Media e Comunicação; Património; Política; Sociedade; mais as respectivas subdivisões), o portal já disponibiliza "online" perto de um milhar de items que são uma pequena amostra da riqueza do património arquivado. O objectivo é fornecer o acesso livre e gratuito, na Internet, a documentos de vídeo, audio, fotografia e textos digitalizados, mas, por enquanto, os conteúdos de vídeo (reportagens e documentários produzidos pela RTP) são largamente predominantes no "site".
O portal é, também, uma porta de acesso ao arquivo da empresa para "qualquer cidadão ou organismo que, estando interessado num determinado conteúdo – disponível ou não no portal –, queira solicitá-lo mediante preenchimento de um formulário".

www.publicradiofan.com

GUIA MUNDIAL DE RÁDIOS PÚBLICAS

Verdadeiramente para fãs de serviços públicos de rádio. O guia elenca e classifica, por géneros, milhares de rádios de serviço público em todo o mundo. Dá acesso aos streamings e às programações dessas rádios e a 1900 podcasts produzidos por esses canais. Proporciona pesquisas por país ou região, tipo de rádio (de música ou de palavra, generalistas ou temáticas) e horários de emissão.

Um espaço para procurar soluções para a crise

Num cenário de crise grave do sector, a Noticiaria, o espaço de *cowork* da Casa da Imprensa, surge como um convite a encontrar novas soluções para a comunicação social em Portugal. Três utilizadores contam a sua experiência.

Despedimentos coletivos, rescisões "amigáveis", não renovação de contratos: estas são algumas das expressões mais ouvidas nos últimos anos entre os profissionais da comunicação social. Desde 2009, segundo um recente levantamento do Expresso, perderam-se 1200 empregos nas empresas do sector em Portugal. E este número foi recentemente aumentado pelo despedimento de mais de uma centena de pessoas no *Sol* e no *i*, estando na calha despedimentos em outros órgãos de comunicação social em 2016.

Os impactos no desemprego entre jornalistas são significativos. Números de Outubro de 2015 referentes ao universo de associados do Sindicato dos Jornalistas dão conta que 25% não tem emprego e 12% trabalha por conta própria. Ou seja, neste universo, a taxa de desemprego ascende a valores próximos dos 25%, mais do dobro da média do país. E quase quatro em cada dez ou não têm emprego ou são *freelancers* com maiores riscos de precariedade salarial e laboral.

Neste cenário de grande dificuldade para quem trabalha ou aspira trabalhar nesta área, tornam-se ainda mais urgentes iniciativas que, não só incentivem a criação de novos projetos (individuais ou em equipa) de comunicação social, como ofereçam condições para que estes possam ser viáveis. A Noticiaria – um espaço de trabalho para jornalistas e outros profissionais da comunicação social situado no centro de Lisboa - é um contributo da Casa da Imprensa para enfrentar este problema.

Nasceu em 2014 e durante o último ano e meio tem vindo a tornar-se de forma progressiva num espaço de cowork que reúne quem foi afetado pela crise dos meios de comunicação tradicionais, quem trabalha de forma autónoma e independente mas procura um ambiente de trabalho dinâmico, quem tem ideias novas para o sector e quer condições para lançar o seu projeto e quem, simplesmente, procura um espaço de partilha de experiências.

Gisela Pissarra, uma jornalista *freelancer*, neste momento a colaborar com uma associação de projetos editoriais e uma produtora audiovisual, é uma das utilizadoras da

Noticiaria e vê como positiva a sua experiência de dois meses: "Constitui um espaço de exceção, tanto pela localização e condições globais, como pelos preços abaixo do mercado e apoio a profissionais que enfrentam a precariedade e o desemprego", afirma, destacando ainda a possibilidade que este tipo de espaços oferecem para "novos contactos profissionais e sinergias ao universo cada vez maior de *freelancers,* até, e nomeadamente, pela possibilidade de abertura a profissionais de várias áreas".

A maior parte dos utilizadores destaca a localização

como uma das principais vantagens do espaço. "Gosto da localização da Noticiaria, de estar no centro de Lisboa com bairros que me interessam fotografar por perto", afirma Tiago Figueiredo, fotógrafo, que assinala também que o ambiente da sala "é calmo". "Facilita-me a concentração para trabalhar", diz.

Nádia Sales Grade, responsável há cinco anos pelo projeto Wake Up!, uma agência de comunicação que trabalha sobretudo com instituições e eventos culturais, diz que a localização da Noticiaria "é perfeita para quem gosta de sentir o verdadeiro sabor de Lisboa a caminho do trabalho".

Uma das aspirações dos utilizadores é que o espaço de trabalho *cowork* seja também um espaço de oportunidade para formação e aprendizagem. Gisela Pissarra realça a importância da realização de "*workshops* visando a reciclagem de profissionais para a nova realidade multimédia, os novos modelos de negócio e as ferramentas para potenciar o uso da criatividade ao serviço profissional e pessoal". Nádia Sales Grade diz que este tipo de iniciativas "são importantes para colocar pessoas com os mesmos interesses em contacto, num contexto de aprendizagem e de troca de ideias que é fundamental".

Numa tentativa de resposta a esta aspiração, começou recentemente a ser desenvolvido na Noticiaria um programa de iniciativas, que vai dos seminários aos *workshops*. Dentro da Noticiaria, como não podia deixar de ser, um dos temas de conversa mais frequentes é a situação em que vive o sector da comunicação social, quais as causas da crise e, especialmente quais os caminhos de saída.

Tiago Figueiredo lamenta que "nos últimos anos o jornalismo se tenha tornado escravo e refém de uma obsessão estatística ligada às redes sociais, procurando simplificar artigos e encontrar títulos sensacionalistas que promovam comentários – normalmente de nulo interesse – cliques, *likes* e partilhas". Ainda assim, acredita, a solução tem de ser encontrada pelos jornalistas dentro dos órgãos de comunicação social atualmente existentes. "Sugiro que passemos a dar uso aos OCS ainda existentes, dando as notícias que acreditamos ainda o serem, que não nos desculpemos com as ordens superiores para fazer trabalhos voyeuristas e sensacionalistas, que nos rebelemos contra a instrumentalização do jornalismo em prol de interesses privados. É aproveitar enquanto existem jornais. Depois, será tarde", afirma.

Gisela Pissarra apelas à "cooperação séria e empenhada entre a classe, de modo a repensar modelos de negócio para o sector, a (re)valorização da enorme massa de profissionais cujo sistema deixou de abarcar e a tutoria/formação nas suas múltiplas vertentes".

Nádia Sales Grade diz que é preciso dar condições para que o trabalho jornalístico seja feito com profundidade e, necessariamente, com tempo. "Têm que se encontrar modelos viáveis para a existência de bom jornalismo em Portugal, não precisamos de repetidores de informação mas sim de investigação".

O debate e a procura de soluções estão, como bem se vê, para durar. A Noticiaria será certamente um espaço para fazer essa discussão. **Fotos de Tiago Figueiredo**

César Príncipe

Sobre o ruído de fundo

Entrei nas páginas dos diários em 1960 (Diário de Lisboa/Suplemento Juvenil). Um latino socorrer-se-ia da vulgata *In illo tempore*. Um português do vulgo coçaria a cabeça: *Foda-se! Há que tempos!* Um coronel do Antigo Regime interpelaria uma ordenança do Novo Regime: *O gajo resistiu ao lápis? Ainda escreve? Não o tenho visto. Nem sequer na Necrologia.* Vos digo: não fujo ao *In illo* na construção do presente. Arreigadamente. Serenamente. Com eterna nostalgia e fraterna rebelião. Numa fortaleza fixa (de papel), extensão da fortaleza móvel (cibernáutica). Sou um combatente todo-o-terreno. À superfície da Terra. Sê-lo-ei debaixo da terra. *Há que tempos!*

Entrei nas páginas dos jornais quando as máquinas de escrever falavam. Na altura, além dos animais, também os jornalistas falavam. Além disso, escreviam, discutiam, zangavam-se, conversavam, contavam anedotas. Quase sempre em voz alta. As direcções e as chefias (pelo menos, algumas) participavam no frenesim do nascimento quotidiano do jornal. Os colaboradores, os tipógrafos, os administrativos, os motoristas, os contínuos também integravam a sinfónica. A Redacção era um campo aberto, de fogo cruzado. Comecei a aprender que era essencial ter boca para escre(ver). Descobri que falar era pensar alto e redundava num expresso compromisso. Com a Redacção, a Sociedade, a Cultura, a Língua, a Civilização. Consequentemente, prenúncio de acção. Lúcida e determinada. Liberta e libertadora. Mas o matraqueado da máquina de escrever ficou como marcador ambiental. A Redacção assemelhava-se, a certas horas de ponta, a um pavilhão fabril e febril, a um concerto de teclados. Não é que tenha saudades das velhas máquinas.

Digo-vos. Tenho saudades do ruído de fundo.

Ouvi dizer que a mordaça de alta tecnologia e baixa ideologia se impôs, pouco a pouco, de Sul para Norte. Os computadores não falam. Já se sabia. São perigosíssimos. Ardilosos. Como certas doenças. E os jornalistas? Pouco falam ou falam de insignificâncias ou do importante para o *business*. Não é de agora, não é. Mas o mal alastrou. Agudizou-se. Foi duro saber e confirmar. Dizem-me que bem-pensar é o que está dito, que contra-agir é interdito. Também consta que os leitores dão mostras de impaciência com a quietude ou a insonorização dos teclados. A voz da rua não reconhece o *produto* como seu. Já ninguém diz *o meu jornal*, *o nosso jornal*, a não ser algum accionista, governante ou banqueiro. Sei lá: algum publicitário de açaimos ou algum pajem de Anfitrião ou de *call center* da Nova Mocidade Portuguesa. Sei lá: um dos que confundem Imprensa com empresa ou central de fretes, Rádio com amplificador de feirante ou festivaleiro, Televisão com escola de massas neerdenthalizadas, narcotizadas com *spray* de écran.

Sei lá. Isto é: bem sei. Sei lá: bem avisei.

Convidaram-me a visitar uma PLM/Plataforma Logística Multimédia. Hesitei. Juraram-me que era uma antiga redacção. Objectei. Já sabia que os computadores trabalhavam pela calada. Preveniram-me que os jornalistas cerravam os lábios por causa da gripe NC/Nova Censura, que afecta sobremaneira a classe desde que o poder das redacções foi esvaziado na Lei de Imprensa; desde que privatizaram, rapidamente e em força, o Sector de Comunicação Social Público; desde que iniciaram a limpeza da geração das conquistas democráticas, propondo *rescisões amigáveis* e apertando a grelha cívica das admissões; desde que as entidades patronais deixaram cair o princípio de negociação; desde que se concedeu Carteira Profissional a todos os que assinavam o nome e juravam fidelidade aos Donos Disto Tudo; desde que encerraram a Caixa de Previdência, mandando os beneficiários e os seus descontos para as urgências do adiamento e do caos, os corredores da vida ou morte lenta.

Sinto a falta de ruído. A minha última máquina foi uma Messa. Se a interrogarem, fará saltar a tecla C: este tipo é *Camarada*. Se fizerem a mesma pergunta a um computador, também é capaz de fazer saltar a tecla C: este tipo é *Chip*. É certo que sempre houve de tudo. Nas farmácias dos espíritos como nas farmácias dos corpos. É certo que também hoje há profissionais competentes, criativos, combativos e honrados.

Quantos?

E onde?

Marquemos encontros de gerações.

Um viril plenário contra o silêncio. JJ

(*III Encontro de Gerações JN*, Coimbra (O Cantinho dos Reis), 31/10/2015)

Viagens Nacionais

CARNAVAL

> **CARNAVAL EM LOULÉ E ALTE**
06 a 10 fevereiro
PARTIDAS: Viana Castelo | Braga | Porto | Espinho | Aveiro
PARTIDAS: Coimbra | Leiria | Lisboa | Setúbal
DESDE: 254€

> **CARNAVAL LUSO GALAICO**
06 a 09 fevereiro
PARTIDAS: Setúbal | Lisboa | Santarém
DESDE: 420€

> **CARNAVAL EM PODENCE**
07 a 11 fevereiro
PARTIDAS: Lisboa | Leiria | Coimbra | Viseu
DESDE: 292€

> **CARNAVAL EM SESIMBRA**
07 a 10 fevereiro
PARTIDAS: Viana do Castelo | Braga | Porto | Aveiro | Coimbra
DESDE: 265€

CIRCUITOS TEMÁTICOS

> **AMENDOEIRAS EM FLOR**

19 a 21 fevereiro • DESDE: 292€
PARTIDAS: Viana Castelo | Braga | Porto | Aveiro | Viseu

26 a 28 fevereiro • DESDE: 295€
PARTIDAS: Setúbal | Lisboa | Santarém | Leiria | Coimbra

03 a 05 março • DESDE: 310€
PARTIDAS: Faro | Beja | Évora | Portalegre

VIAGEM COM ESPECIALISTA

> **HISTÓRIA DO AZULEJO**

04 a 07 março • DESDE: 319€
PARTIDAS: Faro | Beja | Évora | Setúbal

13 a 14 de Março • DESDE: 226€
PARTIDAS: Viseu | Coimbra | Santarém

VIAGEM COM ESPECIALISTA

TURISMO PARA TODOS – PORTUGAL

DESDE: 277€

> **INATEL ALBUFEIRA**
21 a 26 fevereiro
PARTIDAS: Santarém | Lisboa | Setúbal

28 fevereiro a 04 março
PARTIDAS: Aveiro | Coimbra | Leiria
PARTIDAS: Viana do Castelo | Braga | Porto

> **INATEL CERVEIRA**
21 a 26 fevereiro
PARTIDAS: Faro | Beja | Évora

28 fevereiro a 04 março
PARTIDAS: Portalegre | Castelo Branco | Fundão | Covilhã | Guarda

Viagens Internacionais

TURISMO RELIGIOSO

> **GRÉCIA – ENCONTRO DE CULTURAS – SEGUINDO OS PASSOS DE SÃO PAULO**
18 a 25 abril
PARTIDA: Lisboa
DESDE: 1100€

CRUZEIROS INTERNACIONAIS
COM VISITAS NOS PORTOS DE ESCALA INCLUÍDOS

> **CRUZEIRO NAS CAPITAIS NÓRDICAS & BERLIM**
03 a 12 junho
PARTIDAS: Lisboa | Porto | Faro
DESDE: 1798€

> **CRUZEIRO POR VENEZA, ATENAS E ILHAS GREGAS**
17 a 24 setembro
PARTIDAS: Lisboa | Porto | Faro
DESDE: 1525€

CIRCUITOS INTERNACIONAIS

> **GRANDE E DESLUMBRANTE CIRCUITO DA CROÁCIA E ESLOVÉNIA**
08 a 17 maio
PARTIDAS: Lisboa | Porto | Faro
DESDE: 1779€

> **EUROPA FLORIDA NA BÉLGICA E HOLANDA**
13 a 19 maio
PARTIDAS: Lisboa | Porto | Faro
DESDE: 1496€

> **GEÓRGIA & ARMÉNIA – DA ARCA DE NOÉ À ROTA DA SEDA DE MARCO POLO**
01 a 09 julho
PARTIDA: Lisboa
DESDE: 1932€

> **RÚSSIA DOS CZARES POR SÃO PETERSBURGO E MOSCOVO**
06 a 13 agosto
PARTIDAS: Lisboa | Porto
DESDE: 1950€

> **O MELHOR DO VIETNAM & CAMBOJA**
19 setembro a 02 outubro
PARTIDA: Lisboa
DESDE: 2965€

PROGRAMAS ESPECIAIS

GRÉCIA PARA TODOS // 6 DIAS

22 a 27 março • 28 abril a 03 maio

3 Programas
- Explorar a Grécia
- Conhecer Atenas
- Descobrir Creta

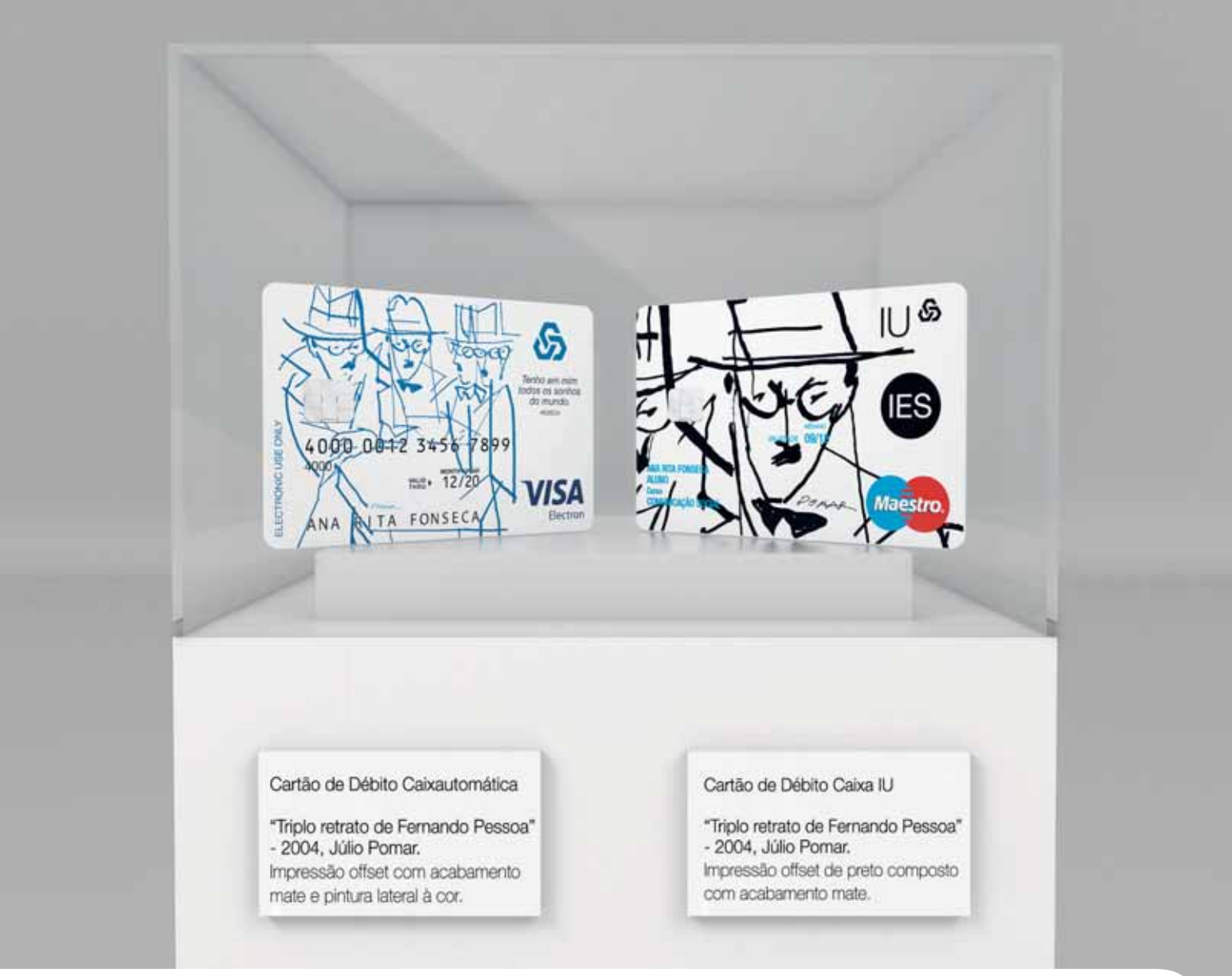
DESDE: 935€
PARTIDA: Lisboa
Partidas dos vários distritos para Lisboa
INFORMAÇÕES: www.inatel.pt

>>> Os preços apresentados são por pessoa em quarto duplo. Não incluem taxa de serviço de €10 por reserva.

INATEL TURISMO® RNAVT nº 2954

VISITE-NOS EM **www.inatel.pt**
turismo@inatel.pt Tel. 210 027 000

INATEL TURISMO



Novos Cartões da Caixa

ARTE NA SUA CARTEIRA.

Os novos cartões da Caixa são uma homenagem à cultura e ao melhor do património português, mas também instrumentos para uma eficaz gestão do seu dia-a-dia ao permitirem arredondar o valor das suas compras, aumentando automaticamente a sua poupança. Com os cartões de crédito de particulares da Caixa tem ainda acesso a uma linha de crédito suplementar de pagamentos fracionados (TAEG de 18,4%*) que permite fracionar os seus pagamentos em prestações constantes. Porque ajudá-lo a gerir o seu orçamento é a nossa arte.

TAEG de 17,2%**

* **TAEG de 18,4 %**, na linha de crédito suplementar de pagamentos fracionados, para um montante de 1.500 € com reembolso a 12 meses à TAN de 14,65%.

** **TAEG de 17,2%**, para um montante de€ 1.500, com reembolso a 12 meses, à TAN de 15,30%.

HÁ UM BANCO QUE AJUDA A DAR CERTEZAS AO FUTURO.
A CAIXA. COM CERTEZA.

www.cgd.pt | 707 24 24 24 | 24h todos os dias do ano | Informe-se na Caixa.